

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**O EXCURSIONISMO E**  
**O GOSTO PELA NATUREZA**

**GISELE JUODINIS**

**SÃO PAULO**

**2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

# **O EXCURSIONISMO E O GOSTO PELA NATUREZA**

**GISELE JUODINIS**

**SÃO PAULO**

**2006**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

# **O EXCURSIONISMO E O GOSTO PELA NATUREZA**

**GISELE JUODINIS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Celeste Mira.

**SÃO PAULO**

**2006**

---

---

---

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processo de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local e Data: \_\_\_\_\_

*Aos meus pais  
Henrike e Rosa*

# Resumo

Através de uma descrição densa, procurou-se compreender os valores envolvidos no direcionar do olhar do viajante que se apega ao gosto pela natureza. Os signos que interessam aos indivíduos em suas viagens possuem um valor preestabelecido nesta sociedade moderna o que se faz importante para a investigação da mesma. Assim sendo, procurou-se ler os jogos simbólicos que se escondem nos gostos e preferências de um determinado segmento da sociedade burguesa, sentidos e significados implícitos nas emoções da prática do lazer excursionista/ montanhista. Tendo o apoio teórico das idéias de *habitus* e *estilo de vida* de Pierre Bourdieu e ainda levantando o caminho historicamente percorrido pela sociedade moderna e seu relacionamento com o mundo natural, vemos que hoje há uma disposição à valorização deste mundo. Enquanto o progresso de uma sociedade urbano-industrial vê a necessidade de revisar seus ideais antes de um colapso ecológico global, os homens continuam repensando suas maneiras de fazer, modos de ser. O contato com a natureza, hoje, passa por rituais agora modernos, civilizados, que se expressam como valores no jogo simbólico desta sociedade.



# Abstract

Through a dense description, it was attempted to understand the values involved in directing the traveler's look who is attached to the taste for the nature. The signs which interest the people on their trips have a preset value in this modern society which are important for the investigation of it. This way, it was attempted to read the symbolic games which were hidden behind the preferences of a determined segment of the bourgeois society, sense and implicit meanings in the emotions of the excursionist/ mountain climber's leisure practice. Having the theoretical support of Pierre Bourdieu's ideas of *habitus* and *life style* and also relating the historical way modern society has gone through and its relationship with the natural world, we see that nowadays, there is a disposition to value this world. While the progress of an urban-industrial society sees the necessity of revising its ideals before facing a global ecological breakdown, men are continuously rethinking ways of doing and being. The contact with nature these days is going through modern and civilized rituals which are expressed as values in the symbolic game of this society.

# Sumário

<b>Agradecimentos</b> .....	X
<b>Apresentação</b> .....	2
<b>Capítulo 1: Introdução</b> .....	5
Sobre a pesquisa .....	12
Um pouco de história .....	18
A valorização da natureza .....	23
<b>Capítulo 2: A distinção dos gostos e os gostos de distinção</b> .....	26
Sobre estilos de vida .....	28
Estilização, estetização .....	30
Sobre o jogo no campo social do excursionismo .....	44
Sobre a liberdade e a distinção .....	51
Sobre a legitimidade .....	53
<b>Capítulo 3: Sobre a sensibilidade do gosto pela natureza</b> .....	57
Sobre o processo civilizador e a acentuação de espíritos sensíveis ...	61
A visão da natureza a partir da cidade .....	64
O senso estético da nobreza .....	67
A visão científica .....	70
A afeição por outros seres .....	73
O gosto pelas plantas .....	80
A prática da jardinagem como virtude .....	83
O gosto pela natureza selvagem e o dilema do homem civilizado .....	90
Sobre a conquista da natureza selvagem no contexto civilizado .....	98

<b>Capítulo 4: Considerações</b> .....	104
Considerações sobre a situação moderna .....	109
Considerações sobre a vaga romântica .....	111
Considerações finais .....	125
Pós-escrito .....	128
<b>Bibliografia</b> .....	130
<b>Anexo</b> .....	133

# Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha família pelo contínuo apoio e paciência. Especialmente aos meus pais e avós.

Agradeço a todos os excursionistas e montanhistas que me receberam com tanta simpatia e que hoje posso chamá-los de amigos. Não poderia deixar de citar alguns nomes, porém considerando todos igualmente importantes para a realização deste trabalho. Agradeço a Yara Schreiber e Alexei Caio que me apresentaram este mundo. Agradeço àqueles que dedicaram seus preciosos tempos em entrevistas: Milton Dines, Roberto Barros (Bob), Marcelo Chiossi, Jorge Sepulveda, Mônica Laís, Roney Santos, Karina Filgueiras, Lorenzo Bagini, Modesto e Valéria, Pedro Martins, Wilton Feitosa. Agradeço àqueles que cederam seus textos e correspondências da Internet para ilustração deste trabalho. Agradeço a companhia de alguns amigos que me ajudaram neste trabalho, em especial: Cleusa Oliveira, Angélica Morita, Francisca Rodrigues, Anderson Cruz, Paula Segura, Juliana Carvalho. Agradeço a todos com que me comuniquei durante esta jornada.

Agradeço ao CNPq pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa.

Um agradecimento especial à Prof.<sup>a</sup> Maria Celeste Mira pela orientação deste trabalho, pela dedicação, paciência e respeito para com este meu tempo de aprendizado, pela disposição de material bibliográfico e por principalmente me permitir e auxiliar a enxergar as Ciências Sociais.

Agradeço a Deus pelo ânimo e sentido.

*“O homem não tece a teia da vida.  
É antes um dos seus fios.  
O que quer que faça a essa teia, faz a si próprio.”*

*(cacique Seattle, da tribo Suquamish)*

# Apresentação

Eu estava já bem dentro da mata, mata atlântica. Exausta, já me perguntava em silêncio o que estava fazendo ali, ao mesmo tempo que não queria perturbar os colegas (Anderson e Cleusa) que, com toda disposição me incentivavam a prosseguir em frente debaixo de chuva na trilha enlameada. Eu, novata, já não sentia prazer nenhum naquela caminhada, por mais bela que pudesse ser a paisagem. Minha concentração toda se voltava para o meu próximo passo, onde deveria colocar meu pé o mais rápido possível, tentando me equilibrar entre as pedras e as raízes de árvores que serviam como apoio, evitando a lama. Tínhamos que andar depressa. A luz do dia poderia acabar sem que nós atingíssemos um lugar seguro para montar o acampamento. E também não sabíamos quanto tempo o restante do grupo (mais quatro pessoas) estava à frente de nós três.

O que mais lembro daquele momento da minha primeira experiência em excursionar em áreas selvagens são as palavras de incentivo, a paciência e a calma que os mais experientes me passavam no meu momento de cansaço e tensão. Eu não sabia se minha energia física e psíquica para continuar já havia terminado ou estava terminando depois de ter viajado desconfortavelmente a noite inteira no trânsito do feriado de 15 de novembro, quase sem dormir num ônibus de São Paulo – SP até poucos quilômetros antes de Curitiba – PR. Já havia caminhado por uma estrada de terra até uma fazenda onde iniciamos uma trilha bem íngreme que serviria de acesso a esta outra trilha rumo ao Pico do Paraná, 1.962 metros acima do nível do mar, o ponto mais alto do Estado.

Eu já tinha outras experiências com viagens desconfortáveis pelos meios urbanos, mas nada que exigisse intensamente o meu preparo físico. Percebia que quanto mais avançava para o meio da mata, mais eu passava a depender da cumplicidade dos meus colegas de caminhada. A atitude de qualquer um refletiria no destino da viagem de todos, coisa que ainda não havia percebido nas viagens onde o próprio meio urbano me proporcionava uma certa autonomia individual. Naquela altura, a programação só poderia continuar a ser

algo prazeroso para todos que estavam ali se o próprio grupo de sete pessoas fizesse a experiência ser agradável por si mesma. Pude notar o espírito de equipe e companheirismo ali; algo bem comum na prática de muitos esportes.

Na ocasião não chegamos ao fim da empreitada. Como chovia muito, tomou-se a decisão de “abortar” a caminhada de ataque ao cume da montanha quando acordamos na manhã seguinte no nosso acampamento chafurdado na lama. Voltamos para a base da montanha na fazenda, onde acampamos por mais uma noite. Apesar de não termos atingido o objetivo de alcançar o topo da montanha, todos me pareceram realmente satisfeitos com a atividade no feriado. E ainda se comentou algum tempo depois sobre o fato de aquela trilha ter sido a melhor do ano!

O que será que levou estas pessoas a terem gosto por esse tipo de atividade? O que se esconde por detrás das emoções vividas em uma viagem como esta?

\* \* \* \* \*

Vejo que o estudo sobre o turismo hoje pode ser um instrumento para a investigação dos aspectos significativos da sociedade moderna. Podemos perceber o conjunto dos valores que se deixam mostrar a partir da prática dos impulsos turísticos. Os signos que interessam aos indivíduos em suas viagens possuem valor em si (uma questão histórica, a natureza ou o estranho, o diferente, o exótico), onde se busca ler conceitos preestabelecidos. E neste trabalho pretendo dirigir meu olhar para esses valores expressados implicitamente no cotidiano da sociedade burguesa dos dias atuais.

Mais especificamente, me atendo aos aspectos do gosto (diga-se “paixão”) pelos ambientes naturais selvagens verificados nos grupos excursionistas pesquisados: o Centro Excursionista Universitário – CEU e a lista virtual de discussões Trekking & Travessias – T&T. Grupos estes que praticam incursões no meio natural selvagem tendo como lema comum uma regra sempre recorrente: “Tire apenas fotografias, deixe apenas suas pegadas, e leve para casa apenas suas memórias”.

Um aspecto particular dos grupos excursionistas aqui estudados que exemplifica uma direção do olhar específico por parte destes grupos é o fato de

que basicamente seus praticantes não nomeiam suas incursões pela natureza em seus períodos de “tempo livre” como turísticas. Existe uma certa reivindicação pelo respeito da prática excursionista que se quer ver muito mais pelo lado de “engajamento ativo na política de preservação do meio ambiente natural” ou também pelo lado do gosto do que é científico ou que exige conhecimento técnico especializado.

Percebo a partir de todo esse quadro que, muito além da questão do escapismo do mundo cotidiano urbano e da questão simplesmente hedonista, a busca pela natureza em ambientes selvagens talvez possa ser resultado da contínua reflexão do homem (e, no caso aqui estudado, do homem da sociedade burguesa) em relação ao seu habitat.



# Capítulo 1

**Introdução**

Minha primeira questão ao voltar meu interesse para o estudo do lazer e do olhar do turista nos dias atuais se deu pela curiosidade em compreender tal coisa a partir da visão das Ciências Sociais. Uma pergunta me seguiu durante todo o percurso desta pesquisa: Que valores são estes que se escondem nesse hábito de se viajar no mundo moderno da sociedade burguesa? O que será que se esconde por detrás da vaga romântica dessa direção do olhar do turista na época em que estamos?.

Interessei-me, então, por estudar o segmento do viajante independente, ou seja, as pessoas que adotam um estilo de viagem solitária, que não dependem do auxílio de agências, um estilo despojado que aparentemente não se entregam aos modismos do consumismo atual. Tais aspectos levariam a considerarmos tais pessoas mais como viajantes do que como turistas, isto é, pessoas que dirigem seus olhares mais ao exercício da contemplação do que da simples distração.

Porém, para seguir a pesquisa de um segmento da sociedade que tivesse os contornos bem visíveis, foi necessário me ater a algum grupo delimitado. Foi assim que encontrei primeiramente o Centro Excursionista Universitário – CEU – apresentado por uma colega de estudos, Yara Schreiber, doutoranda da própria universidade onde desenvolvo esta pesquisa. Após esse contato, acabei sendo apresentada por seus membros também a um outro grupo que se relaciona por meio de um fórum virtual na Internet e que pratica as mesmas atividades que o primeiro; este é o Trekking e Travessias – T&T.

A partir de então descobri um mundo de “coincidências” neste círculo de relacionamentos restrito dos praticantes de esportes em ambientes naturais. Acabei por desenvolver o presente trabalho com os dois grupos, os quais me abraçaram com simpatia. Embora seja possível ser feito um estudo sociológico comparativo entre os dois como nos indicam alguns fatores como, por exemplo, a questão da geração, resolvi trabalhar com aquilo que têm em comum.

Portanto será percorrido ao longo deste trabalho aspectos como: ambos os grupos praticam suas atividades independentes de vínculos com o mercado das agências turísticas, possuem um *ethos* próprio, identificando um segmento social que se dedica a práticas que valorizam o ambiente natural selvagem como um bem em si. Apesar de não serem viajantes exatamente solitários, já que viajam e se relacionam em grupos, são pessoas que acabaram por participar de um estilo de lazer com autonomia e independente de vínculos comerciais.

Em seu site oficial, o CEU se apresenta da seguinte forma:

“O Centro Excursionista Universitário é uma associação sem fins lucrativos fundada em 1970 na Universidade de São Paulo. Seus associados praticam atividades esportivas e de lazer na natureza. O clube também realiza ações de preservação e educação ambiental. O CEU é um dos clubes fundadores da Femesp, Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo. É também responsável pelo projeto Pega Level!. Entre nossas atividades, estão: alpinismo, mountain biking, trekking, fotografia da natureza, canoagem, espeleologia esportiva, vela, mergulho”.<sup>1</sup>

Não é necessário ser sócio para participar das excursões e outras atividades do clube. As reuniões do CEU são feitas no restaurante do Clube dos Professores da USP, às quartas-feiras, a partir das 20h30. Suas reuniões são informais. Nelas, as pessoas planejam atividades e trocam informações entre si. Entre os associados, há pessoas de todas as idades. E, com uma anuidade atual de sessenta reais, para associar-se é preciso atender a três requisitos: freqüentar o clube há três meses, ter participado de três excursões oficiais e ser indicado por três sócios ativos.

O grupo do fórum virtual, por sua vez, se apresenta em sua página de discussões da seguinte forma:

“Chegando onde muitos chegaram, mas nunca tiveram coragem para contar!!!’  
– Trekking e Travessias – Troca de informações sobre aventuras na Serra dos Órgãos - Serra do Cipó - Serra Fina - Marins - Itaguaraé - Chapadas, etc... e onde mais houver uma trilha. Grupo que busca uma aproximação entre os amantes dos esportes outdoor, especialmente o trekking e as travessias pesadas. Troca de informações sobre roteiros, planilhas, equipamentos, dicas e outros”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> <http://www.ceubrasil.org.br>

<sup>2</sup> [http://www.grupos.com.br/grupos/trekking\\_e\\_travessias](http://www.grupos.com.br/grupos/trekking_e_travessias)

Estes dois grupos possuem histórias distintas e idades diferentes. Como conta uma das páginas do site do próprio CEU, o clube nasceu da idéia de dois amigos estudantes no primeiro ano da Escola Politécnica da USP, Isaac Chvaicer e Osvaldo Egídio de Oliveira. Queriam criar um clube dentro daquela universidade para a prática de montanhismo, exploração de cavernas e atividades subaquáticas. Ambos eram adeptos da prática do montanhismo, pois eram filiados ao Clube Alpino Paulista – CAP – clube tradicional e reconhecido no ramo deste esporte em âmbito nacional e internacional.

O site prossegue reafirmando a história do clube que é sempre lembrada pelos veteranos:

“Os sócios que, no início, eram todos alunos da USP, praticavam caminhadas, espeleologia e mergulho. O objetivo, que permanece até hoje, era desenvolver atividades de lazer na natureza com respeito ao meio-ambiente. Alguns sócios do CEU desenvolveram trabalhos acadêmicos sobre cavernas, animais silvestres e outros assuntos ligados à natureza. Mas a maior vitória do clube é a sensação de bem-estar e encantamento que essas atividades trazem aos associados”.

(...)

“Nos anos 70, a espeleologia foi a atividade mais importante no CEU. Os espeleólogos celestes descobriram, exploraram e mapearam dezenas de cavernas. As explorações foram do Vale do Ribeira, no estado de São Paulo, ao parque nacional de Ubajara, no Ceará. Em Goiás, os celestes conquistaram a gruta São Mateus-Imbira que foi, durante muitos anos, a maior caverna conhecida no Brasil. Também fizeram o primeiro experimento de permanência prolongada numa caverna brasileira, a Operação Tatus. Nele, uma equipe do CEU viveu durante 15 dias na caverna Santana, no Vale do Ribeira, sem ver a luz do dia.

O Departamento de Escalada sempre foi um dos mais ativos no CEU. Nos anos 90, muitos dos sócios estiveram escalando nos Alpes, nos Andes, nas Montanhas Rochosas e em outras grandes cadeias de montanhas. Os cursos do clube formaram centenas de novos escaladores. Poucos continuam no CEU, mas muitos estão por aí, disputando campeonatos ou divertindo-se nas montanhas geladas e paredões rochosos”.

(...)

“Hoje, a preservação ambiental e o acesso às áreas naturais para recreação estão entre as preocupações dos celestes. O CEU foi a primeira organização a divulgar o excursionismo de mínimo impacto no Brasil, no início da década de 90. O clube preocupa-se com os estragos causados às áreas naturais, mas se opõe às proibições de acesso a essas áreas e defende uma política de visitação sensata. O CEU se

empenha em mostrar que o excursionismo é totalmente compatível com a preservação ambiental. Nos anos 90, o clube foi um dos fundadores da Femesp, a Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo”.<sup>3</sup>

No quesito de divulgação do excursionismo de mínimo impacto, o CEU teve uma iniciativa que se tornou referência no país. Trata-se do programa “Pega Leve!” de divulgação de regras a serem adotadas por viajantes em ambientes naturais que começaram a fazer por meio de material impresso<sup>4</sup> distribuídos em pontos estratégicos, porém, em seguida, empenharam-se na elaboração de um site visando a ampla divulgação, e que hoje conta com o apoio da organização não-governamental internacional World Wildlife Fund – WWF.

Já o grupo que se relaciona através da lista virtual na Internet tem um histórico mais recente. De acordo com o que ouvi dos participantes e do próprio moderador e inaugurador da lista, Roberto Barros, ou Bob, o grupo surgiu da amizade de pessoas que participaram de uma viagem à Chapada dos Guimarães e Bonito, no ano de 1998, e manteve-se relacionando desde então devido a afinidade do gosto de atividades e viagens em ambientes naturais. Tendo inaugurado a lista de discussão, há seis anos, por questões de facilitação da comunicação entre os quinze primeiros participantes, aproximadamente. O grupo de amigos cresceu a ponto de hoje ter mais de duzentas pessoas nele inscritas (porém nem todas essas pessoas são ativas no grupo).

Aproximando-se por convite de amigos, conhecendo-se em encontros inusitados no alto de uma montanha ou através da própria busca de afinidades na Internet, hoje o número de membros ativos deste grupo chega a ser maior do que o grupo de pessoas em atividade do grupo do CEU (são vinte e cinco sócios pagantes atualmente). Quanto ao número de membros, este último grupo às vezes se preocupa quanto à sua perpetuação, já que alguns de seus atuais membros ativos têm deixado de o ser devido a compromissos familiares (muitos tiveram filhos recentemente) e a própria formação da instituição hoje proporciona uma baixa adesão de novos membros (o contexto e regras formais

---

<sup>3</sup> <http://www.ceubrasil.org.br>

<sup>4</sup> Uma cópia deste material se encontra em anexo.

do grupo muitas vezes dificulta o acesso de novas pessoas ou dos próprios jovens estudantes que são impossibilitados de comparecerem às reuniões).

Vejo, de qualquer forma, que a reunião de pessoas com interesse em comum na Internet é apenas uma reorganização do espaço deste segmento social que pode estar se alargando. É certo que existem os poderes institucionais como o fato dos clubes de montanhismo no Brasil estarem filiados às federações estaduais, nacionais e às organizações internacionais, porém as posturas e preocupações de ambos os grupos são as mesmas de tal forma que não existe choque de interesses entre eles. No que se refere aos ideais de vida (o desenvolvimento do esporte em ambientes naturais no país de maneira respeitosa e cuidados ecológicos) vejo que há convergência de esforços. Apenas alguma falta de sintonia pessoal afeta um ou outro relacionamento entre estes grupos, o que pode ser explicado pelo fator geracional: embora nos dois grupos existam pessoas desde 23 anos e também até mais de 45 anos, e sejam ambos predominantemente grupos masculinos, a faixa de idade da maioria dos participantes do grupo do T&T é mais baixa, fica em torno dos 25 e 34 anos, enquanto a média de idade no grupo do CEU fica mais acima em 35 e 44 anos.<sup>5</sup>

Vejo que isso também pode exemplificar a tendência da segmentação intensificada dos espaços na sociedade dita pós-moderna como nos fala Maria Celeste Mira, em *O leitor e a banca de revistas*, ao estudar o lado mercadológico deste mundo consumista:

“A segmentação da produção cultural nos últimos anos parece ser o resultado de uma especificação maior das ofertas, cruzando-se estas três variáveis básicas – classe, gênero e geração – com outras que complementarizam o que tem sido chamado de estilo de vida. Essa especificação viria ao encontro da necessidade de expressão das diferenças por parte desses grupos e, mais recentemente, da explosão da diversidade cultural ou da fragmentação da experiência no cenário contemporâneo, também chamado pós-moderno. (...) Os movimentos são cada vez mais específicos, embora sua atuação procure ser global”.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Os dados, aqui, seguem resultados de uma pesquisa realizada por um dos membros do grupo do T&T e de uma lista vizinha chamada Trekking SP, Jorge Sepulveda, com os próprios colegas destas listas virtuais. Alguns itens do seu questionário reapliquei ao grupo do CEU a fim de ter uma base completa dos dados que necessitava para essa pesquisa.

<sup>6</sup> MIRA, M. C. *O leitor e a banca de revista. A segmentação da cultura no século XX*, 2001, p.215.

Porém, voltando às características dos grupos excursionistas estudados é interessante notar as práticas e preferências em comum de grupos que se relacionam em espaços diferentes e possuem faixas etárias também distintas. As atividades praticadas por ambos os grupos são as mesmas e, apesar da história do T&T ser ainda relativamente pequena, seus membros possuem históricos semelhantes: alguns também se dedicaram a estudar assuntos ligados à natureza, outros também desenvolveram práticas e escreveram livros sobre estes esportes e a noção da educação ambiental, outros ainda já percorreram montanhas e ambientes naturais mundo afora, e o grupo também já se empenhou em mutirões em dias de promoção de limpeza de montanhas, áreas de atividades de trekking.

Interessante notar que alguns do grupo T&T, e o próprio moderador da lista incluso, tiveram passagens por clubes montanhistas como o CAP, entre outros. E neste item, é interessante perceber que mesmo sendo grupos distintos, seus membros, montanhistas e excursionistas, costumam circular e ter rede de relacionamento por toda parte, daí as curiosas coincidências neste então pequeno circuito.

Ao contrário do que se possa imaginar e do temor dos sócios do CEU em relação à correspondência apenas pela lista virtual, a relação entre seus participantes não é distante, “fria” e passageira; eles próprios muitas vezes se dizem extremamente apegados aos seus companheiros de aventuras, mais do que qualquer outro grupo de que tenham feito parte. Estão continuamente a marcar encontros por ocasião de uma data qualquer, ou um aniversário, ou de um colega de outro Estado que se encontra em passagem pela cidade.

De qualquer forma, porém, ambos os grupos procuram se distanciar dos modismos e sugestões do marketing turístico. O CEU é de uma época anterior às agências turísticas, em relação às quais os dois grupos são completamente autônomos e têm até mesmo aversão. Assistem aborrecidos ao crescimento do modismo “ecoturista”, embora saibam que alguns atuais donos de agências já foram participantes do clube. Ambos os grupos se inquietam e se engajam intensamente por causas ecológicas e também na defesa dos interesses de suas atividades. Nos dois grupos as pessoas costumam conhecer e se interessar por todo tipo de saber científico que esteja relacionado com suas atividades (medicina, nutrição, etc) e com a natureza (geografia, geologia,

biologia, legislação, etc.). Existem pessoas que transitam entre os dois grupos. Penso que os dois fazem parte de um mesmo processo histórico da relação do homem da sociedade burguesa com o meio natural.

Assim, por esse lado, uma declaração de um dos sócios do CEU no site do clube expressa bem o cotidiano de um excursionista, válido também para os membros do T&T:

“O que mais me agrada nessa vida de excursionista é que num fim-de-semana estou escalando em Itatiaia. No outro, explorando uma caverna no Vale do Ribeira. E, no feriado, pegamos as canoas e passamos quatro dias remando na região de Cananéia. Nenhum fim-de-semana é monótono”. (Wilson Sarto, sócio desde 1985)<sup>7</sup>

Outra declaração de João Allievi, seguindo esta, expressa bem o perfil do valor de tal dedicação para a pessoa que segue este estilo excursionista, e isto novamente é válido também para os membros do T&T. Allievi chama a atenção para o companheirismo, o respeito pelo ser humano e pela natureza, a alegria de viver e espírito esportivo, a importância do círculo de amigos e o aprendizado da autoconfiança, da determinação, da coragem e do respeito aos limites humanos.

“Frequentei o CEU por mais de doze anos e muito me orgulho disso. Lá aprendi coisas que até hoje ponho em prática: companheirismo, respeito pelo ser humano e pela natureza, alegria de viver e espírito esportivo. No CEU, conheci muitos amigos e amigas que, hoje, ocupam lugar de destaque na área acadêmica e profissional. Eles me ajudaram a aprender o valor da auto-confiança, da determinação, da coragem e do respeito aos nossos limites.” (João Allievi, empresário e espeleólogo)

### ***Sobre a pesquisa***

Procurei desenvolver esta pesquisa analisando um quadro da atualidade da sociedade moderna e, para isto, busquei fazer uma “descrição densa” ao longo de todo o trabalho. Gostaria que o texto fosse tomado como uma fotografia de um momento, de um recorte da nossa atualidade, porém levando-

---

<sup>7</sup> <http://www.ceubrasil.org.br>



se em conta que toda fotografia inevitavelmente passa pelas lentes de um observador. Assim, o que procurei descrever e trabalhar foram feições que atraíram minha atenção como observadora desde os primeiros contatos com estes grupos. Os primeiros fatores que me chamaram a atenção foram o aspecto distinto do *ethos* de um circuito definido de pessoas com interesses e gostos em comum e, ao lado disso, o comportamento que se apegam à valorização do ambiente natural selvagem.

Foi a partir disso que busquei apoio na teoria de Pierre Bourdieu (capítulo 1), procurando identificar o perfil dos grupos estudados, e também na história do relacionamento do homem com a natureza na sociedade ocidental a partir dos escritos de Keith Thomas (capítulo 2) para poder então cruzar as informações que tomei sobre os aspectos que me atraíram o olhar para estes grupos excursionistas.

Meu principal meio para a realização desta pesquisa foi a observação participante, freqüentei as reuniões semanais do clube CEU e participei do fórum virtual de discussão T&T. A observação de campo foi meu principal e imprescindível material de apoio, ou seja, a participação em atividades e viagens programadas e a afirmação de vínculos pessoais me colocaram em contato com esse mundo excursionista/ montanhista.

Assim, acompanhei os grupos aqui estudados nas seguintes excursões:

- (T&T) novembro/2004 – tentativa de ascensão ao Pico Paraná em dois dias – PR;
- (CEU) novembro/2004 – pedalada de um dia e caminhada de um dia próximo a Delfim Moreira –MG /SP;
- (T&T) dezembro/2004-janeiro/2005 – tentativa de travessia no Parque Nacional São Joaquim – Urubici –SC (caminhada exploratória de dois dias); acampamento em praia deserta em Florianópolis –SC;
- (T&T) janeiro/2005 – travessia em quatro dias na Ponta da Joatinga – Parati –RJ;
- (CEU) janeiro/2005 – canoagem por três dias na represa de Furnas –MG;
- (T&T) carnaval/2005 – tentativa de travessia no Parque Nacional da Serra do Cipó –MG (acabamos fazendo uma caminhada de três dias pela área mais popular do parque);
- (T&T) fevereiro/2005 – caminhada longa de um dia em Paranapiacaba –SP;
- (CEU) março/2005 – pedalada de um dia em Juquitiba –SP;
- (CEU) março/2005 – curso primeiros socorros em São Paulo –capital;
- (CEU) abril/2005 – canoagem por um dia em Bertioga –SP;

- (CEU) abril-maio/2005 – curso de escalada em rocha com aulas teóricas em São Paulo capital e aulas práticas em dois fins-de-semana – Bragança Paulista, Salesópolis e São Bento do Sapucaí ('Ana Chata' e 'Bauzinho') –SP;
- (CEU e T&T) maio/2005 – travessia pesada pela Serra Fina em quatro dias – Itamonte –MG;
- (T&T) setembro/2005 – travessia do Pico do Papagaio em cinco dias – Aiuruoca /Itamonte –MG;
- (T&T) outubro/2005 – travessia pesada no Parque Nacional da Serra dos Órgãos em dois dias – Petrópolis /Teresópolis –RJ;
- (CEU) novembro/2005 – trabalhos de mapeamento para remanejamento e conservação de trilhas no Parque Nacional do Itatiaia em um dia e ascensão ao Pico das Agulhas Negras em um dia –RJ;
- (CEU) dezembro/2005 – exploração caverna Temimina – PETAR-SP.

Porém, mesmo com todos os dados coletados da observação, foram realizadas ainda onze entrevistas gravadas para coleta de depoimentos das histórias de vida, as quais acabaram por reafirmar, na repetição dos depoimentos, os aspectos anteriormente notados na convivência cotidiana. Nelas procurava saber principalmente o histórico da aproximação das pessoas com estas atividades em ambientes naturais e de que forma ocorre o gosto e paixão por isto. Assim, questionava, por exemplo, como se sentiam perante o crescente modismo da prática de ecoturismo e percebi que existe um certo mal-estar, pois demonstram buscar uma alternativa e um distanciamento com relação à postura simplesmente turística. Percebi também que muitos se aproximaram destas práticas excursionistas através de amigos, mas, ao mesmo tempo, que as pessoas que se “apaixonam” por essas atividades, pela natureza e pela paisagem, são as que possuem alguma “predisposição” para tal. Como costumam dizer, ser um montanhista seria algo da própria pessoa, pois a primeira vez de alguém sem experiência anterior alguma numa montanha pode ser dolorosa, mas se ela realmente tem esse gosto em si própria, ela irá se agarrar a isso, sempre retornará a essas viagens.

Estes aspectos poderão ser melhor abordados ao longo deste trabalho com a noção de *habitus* da teoria de Bourdieu, porém, de qualquer forma, penso ser importante notar as bases para a tal predisposição.

Vemos, por exemplo, ser considerável a presença nestes grupos de pessoas da área de formação das ciências exatas. Isto é notável por qualquer

um que se aproxime do grupo e inclusive por eles mesmos. Numa breve pesquisa realizada por um dos membros do grupo da lista T&T, Jorge Sepulveda, com seus colegas de caminhadas, notamos, por exemplo, que o grupo mais expressivo das pessoas que responderam ao questionário dos grupos montanhistas nas listas virtuais (total de 43 pessoas) são engenheiros e estes são seguidos pelos analistas de sistemas. Da mesma forma quando reapliquei algumas das questões de Jorge para membros do grupo do CEU, notei que 33% das pessoas que atenderam à pesquisa (total de 15 pessoas) eram engenheiros e 20% profissionais ligados à área da informática. A relação que vejo na configuração desse grupo de pessoas e a aproximação do gosto pela natureza será abordada no capítulo 4, porém é interessante observar aqui a aproximação de pessoas tão ligadas ao avanço da tecnologia e ao mesmo tempo com o gosto voltado à rusticidade do ambiente natural selvagem.

Ao lado desse primeiro quadro, achei interessante notar nos grupos excursionistas/ montanhistas com os quais tive contato, sempre a presença de um colega de aventuras médico, de um geógrafo, de um biólogo, de um advogado, ou alguém que fez do seu meio de vida algo ligado ao excursionismo (por exemplo, trabalhando como consultor de áreas protegidas, ou com publicações de livros, relatos, guias); pessoas que são de grande apoio para a prática de tais atividades, cujos saberes seriam imprescindíveis mesmo sem suas presenças, mas que estando inseridos no grupo, atuam de forma a construir o ethos deste segmento social.

Vejo de qualquer forma que os excursionistas/ montanhistas, no geral, fazem parte de um grupo da sociedade que se interessa por conhecimentos científicos e curiosidades gerais. É interessante perceber, por exemplo, que antes mesmo de buscarem informações concretas (mapas, dicas) para planejarem alguma viagem no próximo feriado ou férias, estas pessoas já têm o destino em mente, pois, na realidade, suas principais fontes de informação e inspiração são: seus amigos companheiros de empreitadas; suas vivências anteriores (a passagem ocasional por determinada área desperta o interesse para um retorno e exploração desse foco de interesse: uma represa, uma região); e também alguma notícia de peculiaridade que chame a atenção de uma determinada região (geralmente notícias que não tenham o enfoque simplesmente turístico).

Considerando que seus amigos são algum médico, geólogo, biólogo ou geógrafo, é interessante observar a independência na obtenção de conhecimentos (navegação por carta topográfica, noção de saúde, primeiros-socorros, nutrição, reconhecimento de fauna e flora, etc.) ao mesmo tempo em que notamos que ao responderem sobre o que os leva a escolherem o destino de suas viagens, uma grande parte das pessoas que atenderam ao questionário dizem serem seduzidos pela questão dos atrativos do lugar visitado ao invés de apontarem a importância da diversão e do lazer na motivação de suas viagens.

Outro aspecto que reafirma a postura acima é o fato de ser notório, por exemplo, que as pessoas que responderam ao questionário apontam a leitura como lazer extra-viagens, da mesma forma que apontam o cinema e o momento de descontração com os amigos. Percebi que a troca de informações sobre leitura aponta para a preferência de relatos, romanceados ou verídicos, de viagens aventureiras de, principalmente, escaladores e montanhistas, além de relatos como os de Amyr Klink.

Contudo é interessante notar a circulação de algumas publicações que não são tão comuns em outros circuitos; um exemplo marcante são as revistas que tenham algum conteúdo científico, como “National Geographic” ou “Caminhos da Terra”, fazer mais o gosto deste público do que outras revistas que propõem “dicas” de aventura e mostram lugares que já permitem acesso de um grande fluxo de pessoas. Vale fazer uma nota aqui para o fato de que as publicações que dão “dicas” e são feitas ao gosto excursionista/ montanhista aqui estudado lutam para permanecerem no mercado ou acabam falindo. A principal fonte de informação dessas pessoas acaba por ser o conjunto de informações que já possuem em seus conhecimentos e a rede de amigos do circuito.

A maioria dos praticantes do excursionismo e do montanhismo parecem terem sido apresentados a estas atividades por amigos, porém, vejo que a formação de grupos também se deve à junção de esforços, visto que muitos se aproximam do grupo por esforço próprio (busca pela Internet, por exemplo). Isto porque muitos se aproximaram de atividades como estas por terem algum histórico na infância de contato com o ambiente natural: o hábito da pesca como lazer da família, a residência no interior durante a infância, a participação

em grupos escoteiros ou a amizade de algum escoteiro, etc. Outros foram apresentados a este mundo excursionista pela própria escola em uma investigação de campo, como é o caso de pessoas que se iniciaram em excursões pela natureza com um professor (por exemplo, uma expedição ao Pico da Bandeira).

É interessante notar que apesar de hoje viverem no mundo densamente urbano, não existe propriamente um saudosismo dos “bons tempos de infância” mas sim uma valorização de uma boa infância no contato com a natureza. Vejo que valorizam um estilo de vida despojado mesmo que tenham condições de manterem um estilo de lazer mais confortável e contido na zona urbana. Geralmente as caminhadas, escaladas, “canoadas” e “bicicletadas”, nas palavras de seus praticantes, variam de um a sete dias em meio natural selvagem e acampamento nestas áreas distantes da civilização. Vejo que costumam economizar em algum conforto de estilo urbano, mas não economizam em equipamentos ou em freqüência ao ambiente amado (costumam viajar sempre que haja condições financeiras, qualquer final de semana ou feriado é pretexto para uma saída).

Em uma reuniãozinha feita na casa de um dos montanhistas, em meio à conversa de várias pessoas experientes, tentava-se animar a namorada de um deles a sair em viagem com o grupo. Enquanto a garota dizia não se sentir à vontade para passar vários dias no meio do mato, sem um banheiro civilizado adequado e coisas semelhantes, um rapaz (Feitosa) falava que ele “não precisava de um hotel cinco estrelas, sendo que ele teria uma constelação inteira no céu só para ele...”.

Há um quadro de valores interno ao grupo, determinado justamente pela autenticidade que sentem ao serem praticantes dos esportes na natureza. É essa autenticidade que a pessoa sente de sua atividade guia a busca e desenha o significado das emoções na viagem.

Enquanto fazíamos uma travessia de quatro dias de caminhada no mês de janeiro, por trilhas que beiram as praias da região da Ponta da Juatinga entre Parati-RJ e Ubatuba-SP, encontrávamos várias pessoas que chegavam com os barcos dos pescadores às praias onde nós também acampávamos. Enquanto eu e mais uma colega (Juliana) nos víamos munidas de todo o equipamento para a caminhada (e diga-se, equipamentos para caminhada em

montanha: botas, cantil, calças, etc.), os demais viajantes nos mediam de cima a baixo, vestidos em suas bermudas, biquínis e havaianas, quando nos aprontávamos para seguir a nossa trilha. Enquanto isso, minha colega pensava em voz alta sobre essa cena: “Talvez estivéssemos parecendo muito estranhas para o ambiente ali, porém nos sentíamos talvez únicas em sermos amantes da natureza e das caminhadas que costumamos fazer e, sobretudo em termos a noção do cuidado (mínimo impacto) com esses ambientes naturais”.

A questão do cuidado com a ecologia dos ambientes freqüentados é sempre um tema para as discussões acirradas pela Internet. E é interessante notar como os montanhistas expressam o desejo de uma sociedade mais consciente, menos desigual, com mais atenção dada à educação, com princípios éticos, etc.

Vejo que tudo isso ocorre em parte por atribuírem um valor ao que praticam e por se inquietarem para que isto seja uma adoção gratuita de uma postura diferenciada e de respeito para com o mundo natural. Costumam se colocar contra a comercialização destas atividades ou dos próprios ambientes que visitam. E aqui é importante falarmos do status que a natureza ocupa na sociedade moderna dos dias atuais. O próprio cuidado com a questão ecológica atual torna os ambientes intocados pela ação humana algo sagrado.

### ***Um pouco de história***

Por causa dessa tendência à valorização do ambiente natural pelo seu destaque exótico e pitoresco às pessoas da civilização industrial-urbana, o chamado turismo ecológico tem se firmado, como apontam os jornais, como um grande negócio para agências nos últimos anos.<sup>8</sup> Isto porque, como lembra John Urry, hoje as pessoas buscam em seus períodos de “tempo livre” (férias e feriados) justamente “a inversão da vida de todos os dias”, buscam prazeres “que se situem em uma escala diferente daquela com que se deparam em sua vida cotidiana”.<sup>9</sup>

Maria Celeste Mira nos mostra que os anos 90 se destacaram pela safra de publicações de pequenas tiragens com enfoque em aventuras do tipo das

---

<sup>8</sup> O Estado de S.Paulo, “Viagens de aventura crescem 20%”. 10/out, 2004, p.B5.

<sup>9</sup> URRY, J. *O olhar do turista. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*, 2001, pp.27-28.

praticadas pelos excursionistas aqui estudados. E “a grande novidade dessas revistas é a interpenetração de esporte e turismo ecológico”, já que “a consciência ecológica então já se espalhou pelo mundo todo e tem grande repercussão no Brasil, com a realização da conferência internacional ECO 92 no Rio de Janeiro”. Data justamente deste ano o lançamento da revista “Os caminhos da Terra”, baseada no chamado “marketing ecológico”. Para Mira, publicações especializadas como essa

“são tributárias de uma mesma mentalidade, cuja origem remonta aos tempos da contracultura e sua busca de uma vida alternativa junto à natureza. Desdobrando-se em outros movimentos, sobretudo o ecológico, ela se afasta, no entanto, de certos elementos presentes na contracultura, como as drogas e o amor livre. Vivendo em tempo de AIDS, as novas gerações já não têm a sexualidade como canal de expressão privilegiado de sua identidade geracional, de sua força de contestação ao *status quo*. Com a experiência trágica das gerações anteriores e a descoberta científica do efeito nocivo das drogas sobre o organismo humano, elas são encorajadas a buscar vertigem de outras maneiras. (...) Sob esse aspecto, os esportes estão hoje intimamente ligados à preocupação com a saúde e a boa forma física”.<sup>10</sup>

Porém, de qualquer forma, a história do excursionismo, tal como descrevo neste trabalho e como prática independente do mercado, não é recente no mundo moderno, pois ela despontou na Europa do século XIX.

Vemos primeiramente que a história do lazer, como conhecemos no mundo moderno, esteve intimamente ligada com a questão da saúde quando se começou a acreditar nos benefícios da água com a prescrição médica dos banhos de mar a fim de dar conta de todos os males. Mais tarde, a idéia dos benefícios do ar da montanha acabam por se juntar à idéia dos benefícios da água. O crescimento da popularidade, primeiro nas cidades litorâneas, fez com que se inaugurasse um tempo prazeroso nestes ambientes, favorecendo o que hoje conhecemos por turismo. Com a facilidade que o desenvolvimento dos meios de transporte começaram a proporcionar, as classes operárias européias passaram a ter acesso a esses locais, fazendo assim os primeiros movimentos do lazer de massa.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> MIRA, M. C. *O leitor e a banca de revista. A segmentação da cultura no século XX*, 2001, pp.171-172.

<sup>11</sup> PORTER, R. “Os ingleses e o lazer” & RAUCH, André. “As férias e a natureza revisitada (1830-1839)” in CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres. O advento do lazer*, 2001.

Contudo o aspecto simplesmente hedonista como preenchimento da então conquista do “tempo livre” sempre suscitou preocupações. Assim,

“(…) aos olhos de muitos vitorianos as férias deveriam ser sobretudo um tempo de recuperação física e de regeneração espiritual. Davam grande importância aos lazeres úteis, organizados racionalmente com vista a um progresso pessoal. Os prazeres efêmeros proporcionados pelo sol, o mar ou as paisagens suscitavam por isso certas reticências. Feriam as sensibilidades da era vitoriana. Preferidos eram, de longe, prazeres mais exigentes que permitiam combinar higiene e férias e que de certo modo aproximavam o prazer de um verdadeiro trabalho sério”.<sup>12</sup>

Com isso, as montanhas começaram a exercer grande fascínio, reforçado ainda mais pelo romantismo. Ao mesmo tempo que elas requeriam a atividade física também pareciam próximas ao céu. Assim, “a paixão pelas montanhas assumiu um tom moral, místico, literário e quase religioso”. O Clube Alpino inglês foi fundado em 1857, seguindo-se a fundação dos clubes austríacos, suíço e assim por diante. Interessante notar que enquanto muitos consideravam uma atividade excêntrica, eruditos viam no alpinismo “um respeitável esforço científico”. Também, a essa época, as montanhas ainda eram apontadas em grande parte como lugar de cura pelo seu ar benévolo. De qualquer forma, esse exercício correspondia ao gosto por atividades sãs e provações morais.<sup>13</sup>

Uma das coisas que me chama a atenção para as características dos grupos excursionistas estudados é a herança destes aspectos. É interessante notar por exemplo a questão do uso do tempo durante as viagens. Muitos viajantes contemporâneos dilatam ou simplesmente se libertam – numa atitude romântica também – das delimitações do tempo do trabalho produtivo nas suas viagens, digo, das viagens longas, muitas vezes sem destino exatamente fixo e sem determinação exata de duração. Ou, como se tornou comum nas viagens de veraneio, há quem permaneça, em seus períodos de ócio, liberto do ritmo da produção da cidade. Já os excursionistas em ambientes naturais usam do tempo como um dos ingredientes da aventura nas suas atividades. Saber utilizar bem seu tempo disponível (por exemplo, a duração da luz do dia) requer estudo e planejamento da viagem, do lugar visitado e da estação do ano mais

---

<sup>12</sup> PORTER, R. op. cit., 2001, p.44.

<sup>13</sup> Idem, p.46.



adequada, conhecimento de navegação (mapa e bússola), harmonia com o ambiente não civilizado, “bom senso” para questões da simples sobrevivência sem ajuda próxima, etc.

É claro que os excursionistas também procuram estar fora do ritmo do relógio do tempo produtivo cotidiano. Aliás achei muito interessante quando um rapaz (Anderson) me falou que quem acaba se identificando com o gosto pelo excursionismo na natureza precisa tomar cuidado para não querer fugir da vida cotidiana para sempre: “A gente precisa tomar cuidado por que é tão bom a gente estar lá no mato que a gente pode não ter mais vontade de voltar”. Contudo, as preferências nos usos do tempo desse período distante da vida urbana e a forma com que isso acontece tem características específicas nestas viagens marcadas pelo condicionamento físico e que requerem acuidade com os planejamentos. Tanto é que devaneios de um viajante e racionalidade se confundem na prática do excursionismo/ montanhismo.

Nota-se, portanto, uma linha de ligação, que ainda permanece daquele tempo romântico, na qual o viajante se encanta ao perceber a relatividade do seu cotidiano. Mas notamos também uma ligação com as idéias e costumes influenciados pelo período de industrialização na modernidade e que parece fazer sentido para este grupo. A idéia do melhor aproveitamento do tempo, das atividades, do corpo e dos próprios equipamentos (mochila cargueira, botas, roupas adequadas, etc.), preparativos e logística necessários envolvidos numa excursão parece conter a essência daquela importância de uma educação bem regrada, de uma mente saudável e corajosa e de um corpo disciplinado, saudável e vigoroso. Tudo isso em favor de uma melhora na concepção da própria vida cotidiana: a busca de um bem-estar pessoal.

Como foi dito, o momento de maior popularização das práticas de lazer converge com o surgimento de novas noções de boa saúde e prazer. Mas o momento também convergia com os interesses industriais em forte ascensão, portanto a associação dos movimentos humanos com os movimentos das máquinas era fatal. Nos códigos éticos de conduta, mesmo o domínio dos movimentos corporais passou a ser tratado de forma técnica.<sup>14</sup>

A atenção voltada à saúde do corpo fazia do lazer uma preparação para a otimização desse corpo em seu cotidiano. O tempo livre, as viagens e o

---

<sup>14</sup> RAUCH, A. 2001, p.97.

contato com os ambientes naturais poderiam ser bem propícios para tal condicionamento: o corpo em contato com as forças da natureza (o frio, o calor, a força da água, os perigos da montanha, etc.) sujeitavam o indivíduo a provações que eram consideradas benéficas.

Um dia ouvi de um rapaz uma frase que já havia visto nas leituras dos textos que dão um suporte histórico para essa pesquisa e que achei muito interessante ela soar naquele momento de forma tão viva ainda. Lorenzo me incentivava a ir a uma caminhada de um dia a uma montanha (desnível de aproximadamente 700 metros) próxima a São Paulo ainda que estivesse um pouco indisposta, resfriada, e ele me dizia justamente “O ar da montanha faz bem...”. Isso faz lembrar que historicamente as qualidades do ar foram primeiramente exaltadas pelos higienistas, mas, mais tarde, associadas à prática da marcha, tornaram-se símbolo de vitalidade.

A experiência corporal passa pelos hábitos sistemáticos (preparação física, habituar os pulmões), mas também pela busca de sensações, emoções, harmonia. Isto é, os exercícios físicos combinados com as paisagens e os elementos naturais são a fórmula e o atrativo para a caminhada destes viajantes. É interessante notar que geralmente nos relatos de montanhistas “o sufoco torna-se garantia de autenticidade”.<sup>15</sup> De qualquer forma, a vaga romântica identificada nos grupos excursionistas será tratada no capítulo 4.

Vejo que o interesse dos excursionistas por esses ambientes tem um forte apelo estético, ao lado do aspecto do cultivo de experiências auto-construtivas. Hoje, vemos que a preocupação com a saúde na prática de esportes em ambientes naturais é apenas uma decorrência desta atividade. Mas o que tem ganho destaque atualmente e que causa um furor muito maior é o próprio relacionamento com esses ambientes. Penso que o excursionismo se coloca em um ponto diferente do ato de trazer nova significação do uso da natureza e do ato de tratar essa natureza simplesmente como “paisagem” ou como “espetáculo”.

---

<sup>15</sup> Idem, p.116.

## **A valorização da natureza**

Para Kate Soper, em *What is nature?*, uma concepção romântica da natureza – e aqui ela trabalha com a noção do mundo natural e também com a noção da “natureza humana” – funcionou como chave dos discursos de emancipação sexual e social dos anos 60, e hoje influencia muito do argumento do movimento ecológico. Liberar a natureza dentro ou fora de nós tem sido um constante tema do discurso emancipador. E para ela, este é um forte argumento, já que a “referência a uma natureza reprimida tem sido uma condição para coerência de qualquer tipo de discurso”.<sup>16</sup>

Apesar da prática excursionista fazer parte de um histórico muito anterior a essa vaga emancipadora baseada nos anos 60, vejo que ela muito influenciou a postura excursionista de hoje. Senti, por exemplo, durante esta pesquisa que existe sim uma vontade de resgate de um relacionamento mais próximo com o ambiente natural e uma procura de distanciamento do cotidiano urbano por parte destas pessoas tão ligadas à civilização moderna. Porém, mais do que um sentimento de emancipação e liberdade humana na prática desses esportes aventureiros, percebi uma grande preocupação com a conservação da natureza pelo seu aspecto atrativo, no que diz respeito a sua condição de pitoresco mas também de vital para o ser humano.

A noção de que a natureza tem hoje um status de objeto raro me foi apontada por um excursionista mesmo (Roney). Portanto eles mesmos têm a noção de que a natureza tem um status diferenciado no chamado mundo pós-moderno, ela é um objeto de cobiça e, por isso, tanto se fala na postura ecológica hoje.

Soper chega a citar a existência de uma chamada “teoria do valor verde”:

“(…) A idéia de ‘natureza’ como aquilo que nós não somos, a qual nós somos externos, a qual cessa de ser completamente ‘natural’ uma vez que nós temos misturado nosso trabalho à ela ou a qual nós temos destruído por nossas intervenções, também impulsiona uma grande quantidade de pensamentos e escritos sobre ‘retorno’ a natureza ou salvamento da natureza de sua corrupção humana. Os escritos ecológicos, por exemplo, trabalham freqüentemente implicitamente com uma idéia de

---

<sup>16</sup> SOPER, K. *What is nature? Culture, politics and the non-human*, 1995, pp.31-32. (Tradução minha.)

natureza como um tipo de oposição primitiva da cultura humana, cujo valor é proporcionalmente depreciado pela intervenção humana. Essa é uma idéia fomentada por Robert Goodin em seu esforço para sustentar uma 'teoria do valor verde'. O que é crucial para uma 'teoria do valor verde', argumenta Goodin, é o que agrega valor ao que é criado pelo processo natural mais propriamente do que pelo artificial humano; ele faz uso da analogia com fraudes e falsificações na arte para argumentar que réplicas do meio ambiente pelos fomentadores, mesmo que absolutamente exato, nunca serão o mesmo ou terão o mesmo valor, justamente porque eles nunca serão independentes do processo humano".<sup>17</sup>

Penso que grande parte do mistério de atração que a natureza exerce no cotidiano do mundo urbano-industrial atual se deve a essa valorização descrita por Soper. Sobre este foco, Antonio Carlos Diegues nos alerta para a mitificação da natureza nos tempos atuais tanto com a preocupação existente em se proteger áreas naturais selvagens tendo em vista funções ecológicas, como a idéia de paraíso perdido de mundo natural belo e harmonioso. Segundo este autor, a natureza selvagem possui hoje um status de algo intocado, mas também de intocável.<sup>18</sup>

Como veremos no capítulo 3, o distanciamento entre o mundo "civilizado" e o mundo natural continua suscitando as velhas inquietações e fomentando novas concepções do relacionamento entre o homem e o meio ambiente. É notório que artistas reconhecidos e de grande sucesso do mundo contemporâneo expressam em suas obras essas inquietações. Num artigo da "Folha de S. Paulo" diz que o artista Damien Hirst, apontado como o eleito "número um no ranking de 2005 dos 'Cem mais poderosos da arte'" por uma revista do ramo, concentra seu trabalho na "crítica da corrupção do espírito, como o materialismo e a indiferença ao mundo natural".<sup>19</sup>

Vemos que hoje esse valor da natureza é ainda ressaltado e reafirmado, por exemplo, pela nova preocupação com o nível industrial por meio da noção de desenvolvimento sustentável. Durante esta pesquisa, chegou em minhas mãos um almanaque de intuito educacional intitulado *Brasil Socioambiental*, elaborado pelo Instituto Socioambiental e patrocinado pelo grupo AES (Eletropaulo-Sul-Tietê-Uruaiana), contendo uma série de abordagens sobre

---

<sup>17</sup> Idem, pp.16-17. (Tradução minha.)

<sup>18</sup> DIEGUES, A. C. S. *O mito moderno da natureza intocada*, 2004, pp.53-62.

<sup>19</sup> Folha de S. Paulo, "Quanto vale o show?", 05/fev/2006, 'Mais!'-p.5.

questões ecológicas relevantes: a questão da água, da biodiversidade, do clima, das florestas, da poluição, etc. É interessante notar na apresentação do mesmo uma afirmação ilustrando o trajeto da história do tratamento que o ambiente natural tem recebido desde os primeiros tempos da era moderna até hoje e também apontando a postura de responsabilidade na exploração deste ambiente que se requer do país na realidade atual: “Devastamos mais da metade de nosso país acreditando que era preciso deixar a natureza para entrar na história; pois eis que agora que esta última, com sua costumeira ironia, exige-nos como passaporte justamente a natureza”.<sup>20</sup>

Para Paola Verri Santana, a indústria ecoturística tem recuperado o sentido do uso da natureza,<sup>21</sup> contudo, para o excursionismo, eu diria que seria um reflexo da própria busca contemporânea na preocupação da ressignificação do relacionamento do homem com a natureza. Pois aqui, o olhar do excursionista dirigido à natureza é um hábito que se cultiva cotidianamente, diferentemente do mercado que propõe selecionar objetos da natureza para o olhar do turista que busca seu momento próprio de distração.

A preocupação dos excursionistas quanto à crescente comercialização de suas atividades se dá pela aversão que têm quanto à experiência distanciada, ou melhor, enquadrada pela mídia, no contato com a natureza e no gozo momentâneo sem a consciência e a adoção de uma postura diferenciada. Estes grupos não se conformam com o *marketing* do valor da natureza; além de buscarem uma experiência com o mundo natural sem molduras, é perceptível uma reflexão sobre as posturas que exigem dedicação permanente, como a atitude de se reciclar o lixo em suas casas, por exemplo. Falarei, portanto, sobre um determinado estilo de vida no capítulo seguinte.

---

<sup>20</sup> *Almanaque Brasil Socioambiental*, 2005.

<sup>21</sup> SANTANA, P. V. *Ecoturismo: uma indústria sem chaminé*, 1998, p.14.

# Capítulo 2

**A distinção dos gostos  
e os gostos de distinção**

Um dos olhares adotados para análise dos grupos excursionistas/montanhistas estudados aqui parte da perspectiva da teoria desenvolvida por Pierre Bourdieu em sua obra *La distinción*.<sup>1</sup> Busco portanto as idéias de *habitus*, distinção de gostos e estilos de vida para um dos panoramas verificados.

Para esse autor, as preferências por determinados bens culturais indicam os delimitadores das classes sociais e suas relações e oposições entre si. E estes fatores podem ser analisados, por exemplo, a partir do mapa ocupacional das classes da população, pois pode-se ter por base do estudo a composição da estrutura econômica e cultural de cada grupo. Daqui, então, de onde se baseia o *habitus* notavelmente impresso em cada sujeito de cada classe social e que se expressa sutilmente e, por vezes inconscientemente, no cotidiano das decisões, posturas, escolhas, gostos, ações das pessoas.

A partir deste contexto percebemos um jogo de estratégias sutis para uma constante troca entre o capital cultural e o capital econômico, permitindo a convertibilidade de um capital em outro, ou mesmo em poder social ou prestígio. O dia-a-dia em nossa sociedade está submetido a esse jogo em que o indivíduo ou um grupo procura legitimar seus espaços de domínio e/ou conquistar outro. Existem disputas entre os diversos campos sociais e, quanto maior a autonomia, a intensidade e a singularidade de um determinado campo cultural, maior prestígio obtêm os componentes do grupo que o dominam. Por isso o também sutil cuidado contra a popularização dos estilos “legítimos” (ou da alta-cultura) que procura preservar o prestígio de poucos.<sup>2</sup>

É dentro desta lógica que procuro desenvolver uma primeira perspectiva para a análise dos grupos excursionistas estudados como “viajantes

---

<sup>1</sup> BOURDIEU, P. *La distinción. Criterios y bases sociales del gusto*, 1988.

<sup>2</sup> FETHERSTONE, M. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*, 1995.

independentes”, isto é, pessoas que buscam autonomia em seu estilo de vida formando um círculo de amizades que proporciona a auto-suficiência (em relação ao mercado turístico convencional) nas atividades de lazer na natureza. E, para se distinguirem como um campo legítimo no espaço social, procuram seguir uma postura bem determinada em relação à preservação do meio ambiente natural.

### ***Sobre estilos de vida***

Segundo a teoria de Pierre Bourdieu, os diferentes estilos de vida que se dispõem no espaço social dos nossos dias nada mais são do que o modo como são expressas, de forma sistemática, as condições de existência das pessoas. O conjunto de disposições que se referem aos aspectos econômico, cultural e social de uma pessoa permitem prever sua posição no espaço dos estilos de vida.

Bourdieu nos fala ainda da abrangência da dimensão desses aspectos: volume e estrutura do capital que são apreendidos sincrônica e diacronicamente. Isto é, toda a herança (econômica, cultural, etc) que uma pessoa possa receber, toda sua história, sua trajetória individual e sua própria condição e posição atual influenciam nas propriedades e práticas que sistematizam os gostos, propensões, preferências, aptidões a determinadas apropriações (material e/ou simbólica); apropriação de determinada categoria de objetos ou de práticas classificadas e classificadoras. E é aqui que se encontra a “fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida” de cada pessoa; esta é a base do que este autor chamou de *habitus*, um princípio que direciona e gera todas as práticas de grupos distintos na sociedade.<sup>3</sup>

“O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hélix* corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da

---

<sup>3</sup> BOURDIEU, P. “Gostos de classe e estilos de vida” in ORTIZ, Renato. (org.) *Pierre Bourdieu. Sociologia*, 1983, p.83.



*unidade de estilo* que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados”.<sup>4</sup>

Por causa desta “unidade de estilo”, é interessante notar também que, segundo Bourdieu, “cada dimensão do estilo de vida simboliza todas as outras; as oposições entre as classes se exprimem”, por exemplo, “tanto no uso da fotografia ou na quantidade e qualidade das bebidas consumidas quanto na preferência em matéria de pintura ou de música”.<sup>5</sup> Então, podemos perceber que todas estas dimensões dessas nossas preferências cotidianas de estilo se correspondem.

Porém é importante ressaltar que existe sim uma dinâmica no movimento das posições das pessoas nos espaços sociais, já que há sempre um jogo entre campos sociais diferentes. Não é possível nenhuma forma ou fórmula estática na qual se possa dizer que exista um caminho delimitado para cada trajetória de vida. Para Bourdieu, ainda que existam condições semelhantes, os *habitus* produzidos são substituíveis e geram “práticas infinitamente diversas e imprevisíveis em seu detalhe singular”. Ou seja, ainda que as práticas dos indivíduos sejam “sempre encerradas nos limites inerentes às condições objetivas das quais elas são o produto e às quais elas são objetivamente adaptadas”, quase nunca damos conta, para efeito de uma análise sistemática, por exemplo, da multiplicidade de escolhas pessoais possíveis em nosso plano social cotidiano.<sup>6</sup>

As pessoas que se inserem nas discussões dos grupos de excursionistas e montanhistas adotam rapidamente o discurso e a “paixão” pela conservação da natureza. Novas posturas são tomadas até mesmo em relação aos hábitos do dia-a-dia tais como o encaminhamento do lixo para reciclagem, economia e uso adequado da água, da energia, etc. E a postura durante as jornadas pelos locais naturais visitados passa a ser mais autopoliciada. Todas as ações: onde pisar, como lavar uma panela utilizada sem poluir o riacho, como escolher o local apropriado para se montar barracas sem destruir a vegetação, onde e como ou o que fazer com os dejetos humanos costumam

---

<sup>4</sup> Idem. Bourdieu fala da unidade do conjunto de características do *habitus*, a qual acabamos por “recortar” para melhor compreensão da realidade da sociedade moderna à luz dessa teoria.

<sup>5</sup> Idem, p.84.

<sup>6</sup> Idem, pp.82-83.

ser assuntos preocupantes entre os membros desses grupos. Visando sempre as regras de mínimo impacto ambiental, todas essas atitudes demonstram um forte valor apreendido talvez mesmo como um *ethos* próprio do grupo.

### **Estilização, estetização**

Com a teoria de Bourdieu, podemos notar ainda que o que diferencia os níveis da hierarquia dos estilos de vida são as variações na *distância* das pressões e urgências, materiais e temporais, do cotidiano. Uma determinada disposição corresponde a “condições de existência relativamente libertadas da urgência”. É assim que, segundo o autor, as preferências das classes populares acabam sendo “reduzidas aos bens e às virtudes de ‘primeira necessidade’”, enquanto que as classes privilegiadas não podem identificar sua distinção pelas propriedades, práticas ou ‘virtudes’ que historicamente já fazem parte de seu cotidiano há muito tempo e não precisam mais ser reivindicadas. Portanto muitas vezes “o que é raro e constitui um luxo inacessível ou uma fantasia absurda para os ocupantes do nível anterior ou inferior, torna-se banal ou comum” para as classes privilegiadas.<sup>7</sup>

Quando nos defrontamos com o gosto específico pela natureza nesse campo do excursionismo, podemos perceber que se trata de um estrato social onde as pessoas têm certa autonomia em relação às condições mais elementares de sobrevivência. E ainda sendo uma classe especialmente urbana, dos grandes centros, longe das rotinas rurais, há uma forte atração e valorização do despojamento rústico /selvagem. Poderíamos dizer que enquanto, por um lado, existe a admiração e atração de uma parte da população pelo desenvolvimento e pela riqueza da civilização, por outro lado, existe o sonho romantizado daqueles que estão tão envolvidos com a tecnologia, com o conforto urbano, etc. Parece que é como que se estivessem saturados do melhor que a vida civilizada moderna poderia oferecer e, por isso, podem “se dar ao luxo” de estimarem por “livre e espontânea vontade” o gosto pela vida “simples” /selvagem.

---

<sup>7</sup> Idem, pp.84-85.

Nos grupos estudados é considerável a presença de uma grande parte de engenheiros e de profissionais ligados à área da informática, o que denota segmentos médios da sociedade. E, além destes aspectos de formação e ocupação, os próprios costumes são bastante esclarecedores de uma classe envolvida com a cultura contemporânea: nos dois grupos estudados, uma grande maioria dos membros é de pessoas economicamente independentes, que são predominantemente solteiros, entre 25 a 44 anos de idade (como visto no capítulo 1), e que assumem responsabilidade conjugal ou têm filhos (quando os têm) geralmente apenas depois de uma idade mais avançada (após os 40 anos).

É interessante notar como a prática das viagens despojadas de conforto em ambientes selvagens é motivo de grande estranhamento por parte daqueles que não têm esse tipo de *interesse* no romantismo da contemplação da natureza. Durante essa pesquisa notei, por estar com todos os sentidos voltados ao assunto estudado, várias situações corriqueiras em que, comentando sobre essas viagens com pessoas de fora do circuito excursionista, havia um certo desconforto quanto à falta do sentido de tais práticas aventureiras. Era comum às pessoas se perguntarem o porquê de se gastar tanta energia subindo uma montanha ou se emaranhando na escuridão de uma caverna por vários dias, sem as condições do conforto urbano, correndo até riscos de vida.

Enquanto os montanhistas e excursionistas em geral vibram ao contarem suas experiências, as pessoas que os observam tentam em vão decifrar um objetivo em tudo isso. Em parte, isso ocorre porque existem contrastes nos graus de variações com respeito às “distâncias perante as urgências” do cotidiano das pessoas que se pode notar em vários planos do espaço social, denotando atribuições de valores diferenciadas pelos membros de cada um desses espaços.

Há um forte contraste entre a população local das cidades próximas aos lugares de excursão; por exemplo, existe uma grande distância entre a população de sherpas, nativos contratados como carregadores pelas expedições ao redor do Himalaia, e as expedições que ali chegam. Porém, bem mais perto de nós, aqui no Brasil, é muito comum mochilas cargueiras,

botas, apetrechos e vontade de “caminhar no mato” ser objeto de espanto nos vilarejos. Certa vez, para aborrecimento geral, eu e o grupo com o qual pretendia fazer uma “travessia”<sup>8</sup> nos campos do Parque São Joaquim em Urubici – SC fomos chamados de “eco-loucos” por um morador local que tinha se disposto a prestar serviços e informações sobre a região.

Mesmo de familiares e de amigos em São Paulo é comum aos excursionistas ouvirem “Mas você vai fazer o que no mato? Caminhar?”. Ainda pela época da propaganda televisionada do jornal “O Estado de S. Paulo” em que dois rapazes ao terminarem de subir uma montanha ficam felizes, porém, “não tendo mais assunto”, decidem voltar, pude ouvir alguns gracejos relacionando tal episódio e a falta de sentido da prática de trekking para as pessoas que se sentem presas ao conforto do cotidiano urbano.

Também, durante o período da pesquisa, à época em que três brasileiros atingiram o topo do Everest, ouvia pessoas apontando o fato como um absurdo e sem significação. O mais interessante a perceber é que ao comentar com estas mesmas pessoas que questionam o sentido do excursionismo sobre algo mais acessível à população em geral e próximo ao seu ambiente habitual, tal como o sentido do seu apego pelo seu time de futebol preferido, tudo parece ter perfeita coerência, enquanto que uma montanha ou a mata selvagem constitui o “inacessível” ou uma “fantasia absurda” em seu imaginário.

De qualquer forma, convém lembrar novamente que toda *disposição* de um indivíduo para tomar distância em relação a uma determinada situação não depende somente de sua atual condição, mas de toda sua trajetória social, como já foi dito anteriormente. Volto a reafirmar este ponto, já que durante essa pesquisa percebi que a convergência do gosto dos componentes dos grupos pelas atividades excursionistas na natureza não se dá apenas pela situação atual do capital econômico e cultural de cada indivíduo, mas também pela disposição objetivamente interiorizada para a atual valorização do meio ambiente natural que corre perigo com a intensiva interferência humana, assim como, em menor grau, na disposição para a fuga temporária do meio urbano.

---

<sup>8</sup> Caminhada na qual se atravessa uma determinada área de um ponto ao outro, ou seja, não é um passeio em que se vai e volta pelo mesmo caminho.

No caso do excursionismo, nota-se que é possível a adesão de pessoas com histórico de origem de classes socioeconômicas distintas, formando um grupo heterogêneo, porque todo conhecimento necessário para tais práticas é, em sua maioria, de grau técnico (e não histórico, artístico, etc.). E talvez seja por esse fato mesmo que uma grande parte das pessoas que encontrei nestes grupos tenha sua formação profissional ligada à área das ciências exatas: como já foi dito, muitos engenheiros e, geralmente os mais novos e principalmente no fórum na Internet, muitos profissionais ligados à informática.

Para ser aceito como “companheiro de roubadas”<sup>9</sup> nos grupos que estudei, o que importa não são tanto os contatos sociais que uma pessoa tenha com os membros ou qualquer conhecimento aprofundado sobre o ambiente selvagem, mas sim uma prova de que ela é capaz de certos feitos: por exemplo, a capacidade de gostar e agüentar, física e psicologicamente, caminhadas pesadas e os imprevistos das viagens ao lado de outras pessoas. Portanto, ainda que existam alguns discretos pré-requisitos ou “ritos de passagem” para alguém ser aceito no grupo, podemos dizer que este segmento é mais aberto para novos adeptos do que o campo das artes, por exemplo, que exige uma pré-disposição interna sensível a este meio e já há muito solidificada na trajetória, e mesmo na herança familiar de uma pessoa. De qualquer forma, esse amor à natureza é comparável ao “amor pela arte”, na expressão de Bourdieu.<sup>10</sup>

Podemos dizer que, hoje, a predisposição interna pelo gosto do contato com a natureza é mais facilmente aflorada devido à própria grande valorização da natureza como raridade. Sendo algo raro, ela merece destaque, desperta a curiosidade e traz distinção a quem dela se aproxima.

Através dos discursos, vemos que as disposições internas dos excursionistas independentes estão ajustadas em uma determinada posição da estrutura social. Existe, portanto, como que por convenção da classe (o *ethos*), um ideal ético nas escolhas e posturas tomadas. Pelos diálogos corriqueiros (pelo fórum na Internet ou durante caminhadas) que pude presenciar durante a pesquisa, parece que a visão destes sobre a maioria dos outros muitos turistas,

---

<sup>9</sup> Expressão usada pelos excursionistas, geralmente os mais novos ou no grupo virtual de discussão T&T, para dizer de uma aventura compartilhada em situação de grandes dificuldades, mas que, apesar disso, tem boa apreciação.

<sup>10</sup> BOURDIEU, P. *O amor pela arte. Os museus de arte na Europa e seu público*, 2003.

aventureiros e mesmo alguns chamados “ecoturistas” pelo mercado turístico, é de que para estes outros turistas o mais importante a ser alcançado numa incursão à natureza é o próprio momento de lazer, de descontração longe do ambiente cotidiano, de experiência pessoal exótica, e ainda com o fator agravante de não se ter nenhuma preocupação com a postura de responsabilidade ecológica, social ou ética tida como adequada. Para o segmento dos excursionistas tal postura é considerada praticamente simplista ou até mesmo grotesca (“ridículo” ou “de mau gosto”).

Foi interessante perceber na preocupação destes excursionistas independentes uma delicadeza estética sutil em suas normas de mínimo impacto em áreas naturais que acaba por fazer uma distância brutal em relação à conduta dos “não iniciados”. Durante essa pesquisa, chegou em minhas mãos um panfleto de propaganda de um remédio calmante que se aproveita da moda que dá valor ao contato da natureza para fazer sua estratégia de marketing distribuindo gratuitamente um “guia prático” que dá dicas para quem quiser praticar caminhadas em “ecotrilhas”. Enquanto lia neste panfleto:

“...no meio do mato fechado, é melhor usar cores fortes, que facilitam a identificação em caso de se perder.”<sup>11</sup>

lembrava do panfleto de regras de mínimo impacto em ambientes naturais distribuído pelos membros do CEU, cujas normas são seguidas pela maioria destes viajantes independentes, incluindo o grupo T&T. Neste panfleto de instrução de uma “conduta consciente” pode-se ler:

“Evite usar cores fortes que podem ser vistas a quilômetros e quebram a harmonia dos ambientes naturais. Use roupas e equipamentos de cores neutras, para evitar a poluição visual em locais muito freqüentados. Para chamar a atenção de uma equipe de socorro, em caso de emergência, tenha em sua mochila um plástico ou tecido laranja, com pelo menos 2 metros quadrados.”<sup>12</sup>

Considero este fato um exemplo da questão estética, porém existem outros assuntos discutidos freqüentemente que apontam para uma busca de

---

<sup>11</sup> <http://www.anaturezaacalma.com.br> (09/agosto/2005)

<sup>12</sup> <http://www.pegaleve.org.br> (09/agosto/2005)

conduta de consciência respeitosa *distinta*. Num curso de escalada em rocha, por exemplo, lembro-me de que o instrutor (André L.) se preocupou em avisar que as comunicações entre os escaladores devem respeitar o espaço sonoro do ambiente, e também não interferir na comunicação de outros grupos de escaladores (o que poderia comprometer a segurança das pessoas). Tive ainda outra oportunidade de acompanhar um assunto polêmico entre montanhistas e excursionistas em geral de vários locais do Brasil recentemente: o problema do que se fazer com os dejetos humanos.

Primeiramente é comum aconselhar ao praticante de trekking que se certifique que os locais por onde passou ou acampou permaneçam “como se ninguém houvesse passado por ali”; por exemplo, pede-se que “não se corte nem arranque a vegetação, nem remova pedras ao acampar” e também que,

“Caso não haja instalações sanitárias (banheiros) na área, que se cave um buraco com quinze centímetros de profundidade a pelo menos 60 metros de qualquer fonte de água, trilhas ou locais de acampamento, em local onde não seja necessário remover a vegetação”.<sup>13</sup>

Porém ultimamente, com o crescimento que os excursionistas percebem do número de pessoas “ecoturistas” em montanhas, tem havido, por parte destes grupos aqui estudados, uma maior preocupação com os cuidados a serem tomados com respeito aos dejetos humanos. Como alguns locais visitados possuem solos rochosos, dificultando uma área adequada para se cavar o tal “buraco”, tem havido alguns problemas de poluição (orgânica) em trilhas e espaços de acampamento. Nota-se que todo excursionista independente devidamente consciente, e, em parte, reconhecido por isso mesmo, carrega na sua mochila uma pá e sacos plásticos para trazer todo e qualquer tipo de lixo (qualquer objeto que não faça parte da paisagem natural visitada) de volta para o meio urbano; porém tem corrido pelo circuito de discussões uma nova sugestão: que se adote o sistema de recolhimento de dejetos utilizado em empreitadas de explorações de cavernas e escaladas em rochas de alta montanha, no qual se transporta as fezes humanas em um

---

<sup>13</sup> Idem.

pequeno aparelho montado em tubo de PVC devidamente fabricado por seu usuário.<sup>14</sup>

As discussões em torno desta sugestão costumam ser acirradas. Em época de feriados, de férias ou temporada de inverno (o período ideal para o esporte em montanhas), muitos turistas “não-iniciados”, ou seja, aqueles que muitas vezes se achegam às áreas naturais somente com ajuda do mercado do ecoturismo, aparecem para dividir os ambientes visitados com os excursionistas independentes. Nota-se, porém, que esses últimos se sentem profundamente incomodados pela ignorância ingênua daqueles em relação à postura tida como adequada na natureza, e este é um fato que já desperta anseio nos excursionistas para um movimento de conscientização e educação para com este outro público.

Enquanto isso, alguns outros excursionistas independentes acabam por defender o uso do tal apetrecho de PVC, normalmente apelidado de “shit-tub” ou “kgator”, de forma até indignada contra a exploração desenfreada do grande fluxo de ecoturistas nas trilhas localizadas em áreas naturais frágeis e de delicada recuperação, arranjando até pequenas brigas contra aqueles que “ainda” usam a pá e o buraco como uma alternativa adequada.

Este fato é até mesmo uma das causas de eventuais desentendimentos entre excursionistas e praticantes de outros esportes e corridas de aventura. Estes grandes eventos acabam por atrair muitas pessoas pelo fato da competição e aventura em si e, por vezes, acabam causando alguns danos em trilhas, principalmente na delicada vegetação brasileira, tais como erosão de trilhas pelo fluxo intenso de pessoas em um curto espaço de tempo, abertura de vários atalhos que destroem raízes e plantas e alargam o espaço já desmatado, descuido com todo lixo abandonado ao longo do trecho percorrido, entre outros fatores.

Assim, pelo lado dos excursionistas observados, algumas vezes surge uma aversão por esse tipo de atividade. Costumam demonstrar seu descontentamento nas trocas de mensagens pela Internet ao constatarem uma trilha danificada pela sobrecarga de movimento. Um montanhista (Alexei)

---

<sup>14</sup> Detalhe que, em expedições em cavernas, a urina também deve ser trazida engarrafada para fora da mesma. Devido a ausência de chuvas, torna-se necessária esta conduta para não se deixar odor em seu interior.



relatou que certa vez ao participar de uma corrida de aventura resolveu abandonar a prova juntamente com outro colega para ir recolhendo todo lixo que pudesse após a passagem dos competidores (e nota-se que esta é uma conduta comum dos excursionistas em trilhas), não deixando de demonstrar sua indignação ao final para com os organizadores do evento que haviam omitido a cobrança de uma postura de mínimo impacto dos participantes.

Também pelo próprio fato desses eventos acabarem despertando um espírito competitivo, geralmente a maioria dos excursionistas não se interessa por essas corridas. Costuma-se prezar muito mais o espírito de companheirismo, amizade, cumplicidade no gosto pelo silêncio, no gosto pela distância da urbanização, pelo contato com a natureza selvagem, pelo sentimento de uma experiência sublime e valiosa.

Em todos esses aspectos do comportamento dos grupos estudados aqui, podemos encontrar aquelas disposições ascéticas de que nos fala Bourdieu quando se refere às práticas esportivas “higiênicas” buscadas pela burguesia, como a caminhada e a ginástica, que “se encontram associadas, através de outras afinidades, com as disposições das frações mais ricas em capital cultural das classes médias e da classe dominante”.<sup>15</sup>

Essas práticas, por ele citadas, que por vezes requerem conhecimentos teóricos e abstratos, são totalmente opostas aos movimentos orientados para os fins práticos da existência cotidiana. O gosto por tais exercícios supõe a fé racional dos adeptos nos benefícios diferenciados e impalpáveis que as atividades prometem (Bourdieu nos dá o exemplo dos “abdominais”). E aqui podemos ainda separar, para efeito da análise, de um lado, um segmento de classe que deposita sua fé no que se refere aos benefícios dos exercícios como uma “proteção contra o envelhecimento”, portanto uma preocupação com a cultura física ou estética, e, de outro, um segmento que deposita sua fé nos benefícios das atividades para a saúde e o equilíbrio psíquico, onde inclui a prática do excursionismo. De qualquer forma, percebe-se que os indivíduos em ascensão das classes envolvidas com essas “práticas higiênicas”, como

---

<sup>15</sup> BOURDIEU, P. 1988, op. cit., p.211.

nomeia Bourdieu, “estão preparados para encontrar sua satisfação no esforço em si mesmo”.<sup>16</sup>

Porém, é importante ressaltar que ao contrário da prática dos esportes populares, geralmente jogos de equipe já bastante vulgarizados, em que se percebe o espírito de sacrifício em favor da submissão às regras e à disciplina coletiva, as práticas preferidas das classes burguesas implicam justamente no distanciamento com respeito ao “conformismo gregário”.<sup>17</sup>

“...pelo fato de que podem ser praticadas em solitário ou em qualquer momento ou lugar, graças a busca quase consciente da máxima distância com respeito aos outros – marchas por um bosque, por caminhos afastados, etc. –, e de que excluem portanto de qualquer tipo de competência e de competição (esta é uma das diferenças entre a corrida e o *footing*), as práticas estritamente higiênicas se inscrevem naturalmente no número dos prejuízos éticos e estéticos que definem o aristocratismo ascético das frações dominadas da classe dominante”.<sup>18</sup>

Sobre estes aspectos da busca de práticas solitárias (ou em grupos restritos com colegas eleitos, muito diferentemente da prática do futebol, por exemplo), é quase impossível não perceber por parte dos excursionistas a desesperada fuga das grandes multidões, ou até mesmo o desespero ao encontrar em trilhas um movimento maior de pessoas durante certos feriados. Tem-se a impressão de que a presença de outras pessoas fazendo o mesmo árduo percurso tira toda a graça da caminhada ou simplesmente “estraga” a paisagem e o propósito da viagem para a contemplação da natureza pura. De qualquer forma, a frase de um rapaz (Lorenzo) parece bem convicta: “Os montanhistas são mesmo um pouco anti-sociais...”, ao se referir à famosa característica pessoal de um dos excursionistas veteranos reconhecido por ser referência no meio.

É interessante notar que entre todas as atividades realizadas pelos excursionistas (trekking, canoagem, escalada, exploração de cavernas, mountain bike, etc.), aquelas que exercem maior fascínio são as que se ambientam nos espaços de montanha. Portanto vejo que embora todas as

---

<sup>16</sup> Idem, pp.211;20.

<sup>17</sup> Idem, pp.212-213.

<sup>18</sup> Idem, p.211.

atividades sejam estimáveis pelo grupo, a atmosfera (“elevada”) da própria montanha possui um signo muito forte que pode mesmo esclarecer a busca por todos os outros ambientes visitados (como por exemplo, a quietude e a difícil acessibilidade do interior de uma caverna).

“Para fugir das diversões comuns, aos privilegiados lhes basta deixar-se guiar, também aqui, pelo horror das vulgares aglomerações que os leva sempre a buscar *em outra parte, mais alto, mais distantes, em distinto tempo e lugar, a exclusividade ou a primazia de novas experiências ou de espaços virgens*, e também pelo sentido da legitimidade das práticas que é função, por suposto, de seu valor distribucional, mas também do grau em que estas se prestam à estetização, tanto na prática como no discurso”.<sup>19</sup>

É claro que poder viver seus devaneios, tanto quanto possível, mais longe da vida comum parece ser um ideal da prática do excursionismo. As inúmeras considerações a respeito do rápido crescimento da prática do montanhismo por estes que gostam de defender a causa ecológica é um exemplo sempre recorrente sobre a questão da exclusividade e da legitimidade. Porém, um outro exemplo muito comum, que é a fuga dos lugares de grande movimento, se mostrou de forma contrastante em um feriado de carnaval enquanto caminhávamos pelo Parque Nacional da Serra do Cipó. Em alguns momentos passávamos por alguns lugares de fácil acesso aos turistas da ocasião (as cachoeiras dos *vales*), e obviamente que todos os componentes do nosso grupo decidiram por se distanciarem daquele público o mais depressa possível. Quando nos víamos acampados sozinhos no silêncio do alto das montanhas, parecia termos atingido nosso objetivo de sentirmos que estávamos vivendo um momento único, portanto, um privilégio longe da vida “banal”.

A exploração dos “espaços virgens” como privilégio pessoal parece fazer parte da história do montanhismo. É comum vermos nos livros romanceados sobre escaladas e montanhas alguns nomes de pessoas “notáveis”. Mas ao vivenciar entre os excursionistas a época entusiasmada do lançamento de um documentário, de um diretor também montanhista, sobre a Serra Fina (parte da

---

<sup>19</sup> Idem, p.213-214. (grifos meus)

Serra da Mantiqueira que abriga o recém descoberto quarto pico mais alto do Brasil – a Pedra da Mina), pude notar o quanto e como o sentimento da conquista da exclusividade possui um valor intrínseco. Neste documentário a Serra é apresentada por uma expedição científica e também, paralelamente, por uma expedição “histórica” na qual um montanhista, Félix Bernhard Hacker, integrante do grupo<sup>20</sup> da primeira ascensão à Pedra da Mina repete o feito contando sua história. Sua fala ao atingir o cume da montanha soa marcante e diz respeito à memorável satisfação de ter chegado àquele lugar sabendo que ninguém ainda havia pisado ali antes dele e de seu grupo.

Para minha surpresa ainda, quando me relataram o dia da estréia do filme no qual o respeitável montanhista Bernhard Hacker também estava presente, pude ver a emoção que o filme e toda essa história da conquista da montanha causa no grupo (principalmente nos mais novos) quando percebi lágrimas nos olhos da minha colega (Mônica).

Percebe-se que o excursionismo de maneira geral se associa, por algumas afinidades de características, aos esportes do gosto da classe dominante “praticados em lugares *reservados* e separados (clubes privados), praticados nos momentos em que apetece, sozinho ou com companheiros *eleitos* (características todas elas opostas às disciplinas coletivas, aos ritmos obrigados e aos esforços impostos dos esportes coletivos)”.<sup>21</sup>

Nota-se que todos esses aspectos apontam para uma postura diferenciada com relação ao corpo: o excursionismo não coloca, relativamente, impedimentos quanto às variações do capital corporal e quanto a sua decadência com a idade. No excursionismo independente não existe alguma drástica separação entre novos integrantes e veteranos; aliás, a convivência com os mais experientes possibilita rica aprendizagem para os mais novos e um certo prestígio para os veteranos com suas honradas histórias.

Vemos que aqui todo o intercâmbio social é altamente civilizado: o gosto pela preservação ecológica (o “amor pela natureza”) acaba por substituir o celebrado combate contra a natureza e as batalhas corpo a corpo entre os homens, comuns nos esportes populares. Para Bourdieu, “um esporte está de

---

<sup>20</sup> Imigrantes alemães, membros do tradicional CAP (Clube Alpino Paulista) e mateiros da região.

<sup>21</sup> Idem, p.214.

alguma maneira mais predisposto ao uso burguês quando à utilização do corpo que o mesmo reclama não ofende o menor sentimento de alta dignidade da pessoa”. A burguesia geralmente se afasta de todo esporte que acaba por tratar o corpo como o próprio fim, isto é, aqueles esportes de competição que atentam sua consideração no próprio atletismo.<sup>22</sup>

Por isso talvez a postura de distância para com as atividades e os espíritos competitivos que notei durante a pesquisa. Sempre ouvi comentários queixosos quanto às programações de corridas de aventuras, ou mesmo quanto a colegas que a todo momento incitam alguma disputa corriqueira. Segundo Bourdieu, as competições que podem ocorrer nas classes dominantes acontecem nos limites em que os indivíduos se sentem donos de si mesmos, como num jogo em estilo *fair play*. Isto é, joga-se não se esquecendo que se trata apenas de um jogo.<sup>23</sup>

Em uma das modalidades do excursionismo, a escalada, pode-se perceber a sutil linha que separa a prática esportiva competitiva da prática que envolve o gosto contemplativo, e até mesmo introspectivo, por si só. Ainda que escaladores de alta montanha (os chamados escaladores “tradicionais”, aqueles que às vezes passam dias “fazendo” grandes paredes) usem das pequenas escaladas esportivas em rocha e dos ginásios urbanos<sup>24</sup> de escalada para os seus treinos, seus objetivos parecem ser algo um tanto distante das corriqueiras competições. Existe sim atribuição de um grande respeito por uma hierarquia de nomes de escaladores consagrados em alta montanha, mas que é especialmente feito pela alardeação da mídia. Entre a “comunidade montanhista”, parece que para além das disputas e pelos maiores e grandes feitos, as marcas das fortes experiências em situações naturais adversas criam um espírito individual por si só “mais elevado”. A experiência de se chegar a 50 metros do cume do monte Everest (o caso do brasileiro Rodrigo Raineri em junho de 2005) é praticamente tão gloriosa e considerada como a conquista do cume. É comum se ouvir de muitos montanhistas: “É claro que é muito bom

---

<sup>22</sup> Idem, pp.214-215.

<sup>23</sup> Idem, pp.212;215.

<sup>24</sup> Escaladas esportivas são consideradas aquelas que, muitas vezes, apresentam um alto grau de dificuldade porém são curtas, usando uma, duas ou três “enfiadas”, isto é, três paradas de mais ou menos 30 metros cada (o tamanho da corda utilizada). Deste modo, a escalada esportiva geralmente é praticada no período de apenas um dia e não requer a logística das grandes expedições (as tradicionais) em que se passam vários dias na parede da montanha. Já os ginásios de escalada são academias onde se têm paredes de escaladas artificiais.

atingir o cume, mas ele não é o mais importante. Não é simplesmente o cume o que trazemos de volta para casa...”.

Em entrevista com a diretora de escalada do CEU (Karina) percebi que é comum não se atingir o fim de uma escalada geralmente por motivos de segurança (por exemplo, tempo incerto ou falta de tempo para se chegar ao topo com a luz do dia e impossibilidade de pernoite no cume). Muitas vezes uma atitude de aborto da empreitada é vista também como uma atitude muito nobre, já que significa que o escalador abre mão do seu orgulho de “mais um cume no currículo” em favor de uma atitude consciente, sadia, e que não é considerada covarde. Atitudes nobres são aquelas que se tomam com moderação, determinação e segurança, “diferentemente da precipitação popular ou do aprisionamento pequeno-burguês”.<sup>25</sup>

Karina me dizia o quanto significa para ela estar acolhida pela imensidão da parede de rocha da Pedra do Baú em São Bento do Sapucaí – SP, vendo a certa distância as luzes da cidade durante um bivaque<sup>26</sup>, no meio de uma escalada de dois dias, num platô (para três pessoas) apelidado de “Sapucaí Sheraton”. Mesmo sendo uma escaladora com experiência no Yosemite National Park CA – USA, na Patagônia argentina, em companhia de outros escaladores reconhecidos, nesta mesma escalada, na “simples” Pedra do Baú, ela conta que não foi possível atingir o cume por questões de segurança (como já dito acima).

Penso que o próprio envolvimento com o ambiente natural, e ainda mais nas alturas, já proporciona toda a sensação de um *prestígio* singular. Bourdieu nos dá um bom exemplo sobre a afinidade entre as disposições das classes altas e a prática da aviação:

“...as façanhas individuais e a moral cavalheiresca (...) estão implicadas na própria prática do vôo que, como sugerem todas as metáforas do sobrevôo e da altura, está associada com a altura social e com a altura moral, ‘um certo sentimento da atitude relacionando-se com a vida espiritual’, como disse Proust a propósito de Stendhal”.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> Idem, p.215.

<sup>26</sup> Pernoite em acampamento em que não se dispõe do abrigo de barracas, utilizando-se apenas um saco-de-dormir.

<sup>27</sup> Idem, p.215.

Logo que assisti o já mencionado documentário sobre a Serra Fina, não compreendia o porquê de uma das tomadas de imagem com um sobrevôo de balão sobre a serra. Em se tratando de um documentário de divulgação científica e de história sobre o montanhismo no Brasil, não entendia a inclusão de tal imagem no filme e ainda mais o porquê do grande alarde e expectativas demonstradas nas sinopses feitas pelos montanhistas em recados na Internet. Porém agora vejo toda possível ligação entre a máxima altura dos ares e os sentimentos elevados dos montanhistas separados também pelo fato de existirem esportes mais *caros* e outros menos *caros*. Bourdieu exemplifica a “oposição entre os esportes mais caros e mais elegantes: golf, navegação, equitação, tênis (...) e os esportes menos caros: marcha, ‘fondo’, footing, cicloturismo, alpinismo, etc”.<sup>28</sup>

Certas práticas esportivas de ascetismo aristocrático, e digo aquelas das frações dominadas da classe dominante, como o alpinismo (praticado pelos professores, na França) citado por Bourdieu, “oferecem um meio de obter ao menor custo econômico o máximo de distinção, de distância, de altura, de elevação espiritual, através do sentimento de dominar simultaneamente seu próprio corpo e uma natureza inacessível para a maioria dos homens”.<sup>29</sup>

Na história particular do montanhismo no Brasil, também não é à toa que essa atividade esteja assimilada a costumes nobres. Uma reportagem da revista Ecoturismo Terra revela a estreita relação da família real e de alguns presidentes com as montanhas:

“Vem de muito tempo o fascínio que a região da serra do Rio de Janeiro desperta em seus visitantes. Dom Pedro I, em 1830, foi o primeiro a se apaixonar por aqueles montes, comprando terras que abrigaria a Petrópolis charmosa que a elite brasileira tem freqüentado até hoje. Foi seguido por seu filho Dom Pedro II e os presidentes da República Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek – todos interessados tanto na cultura refinada de Petrópolis e da vizinha Teresópolis quanto na natureza exuberante da Serra dos Órgãos, que circunda as cidades. Mais recentemente, as trilhas e mirantes espalhados por aquela seqüência de picos – que fazem lembrar vários órgãos do corpo humano – se transformaram no paraíso de pessoas menos

---

<sup>28</sup> Idem, p.216.

<sup>29</sup> Idem, p.216.

famosas mas de espírito igualmente nobre: os admiradores da natureza e de uma boa caminhada.

Nos finais de semana, grupos de mochileiros costumam escolher entre dois roteiros íngremes que permitem ver parte do Estado do Rio de Janeiro a 2200 metros de altitude, dos pontos mais altos da serra.<sup>30</sup>

Nota-se ainda que até hoje a região da Serra dos Órgãos é protegida com afincos por descendentes da família real, proprietários de boa parte das terras.

### ***Sobre o jogo no campo social do excursionismo***

Ainda acompanhando a metáfora da “elevação”, vemos que os esportes praticados pelos “membros das novas grande e pequena burguesias”, na expressão de Bourdieu, fazem alusão à dinâmica do sonho do voo social implícito. Acompanhando o mesmo autor aqui referido, as atividades<sup>31</sup> destas frações de classe têm em comum “a exigência de uma forte inversão de capital cultural, no exercício mesmo da prática, na preparação, no entretenimento e na utilização dos instrumentos e, sobretudo, talvez, na *verbalização* das experiências”. E aqui Bourdieu faz até um pequeno paralelo em relação à apropriação simbólica que a prática destes esportes proporcionam: é como o que ocorre no campo das artes com as apropriações materiais da obra de arte.<sup>32</sup>

Geralmente os excursionistas independentes são movidos por uma paixão pelo que fazem e pelos lugares por onde passam a ponto de “comprarem briga” por causas ecológicas de qualquer área ou questão da natureza que seja; alguns deles são mesmo profissionais diretamente ligados à questão ambiental (geógrafos, geólogos, engenheiros ambientais, consultores, etc.), portanto além de terem o gosto pelo lazer na natureza são profundamente conhecedores desses ambientes e também de suas próprias atividades. Na realidade, estas pessoas são geralmente ávidas por qualquer

<sup>30</sup> Revista ‘Ecoturismo Terra’ – Edição Especial, 1997.

<sup>31</sup> Bourdieu dá como exemplo para a sociedade francesa: “excursões a pé, a cavalo, em bicicleta, em moto, em barco, em canoa *Kayak*, *moto-cross*, arco-e-flecha, *windsurf*, esqui ‘de fundo’, vôo a vela, asa-delta”. 1988, op. cit., p.217.

<sup>32</sup> Idem, p.217.



tipo de conhecimento curioso, e quanto mais pelo tipo que vier ao encontro das atividades praticadas (por exemplo, a medicina para o preparo físico e os primeiros socorros, a legislação para Parques Nacionais ou Áreas de Preservação ambiental, navegação por mapa e bússola, técnicas adequadas de fotografia, notícias de ecologia de qualquer parte do mundo, nutrição e culinária adaptadas às necessidades dos excursionistas, etc.).

Além disso, reivindicam para si uma postura milimetricamente adequada segundo suas concepções: costumam diferenciar uma boa caminhada como sendo aquela que é bem planejada (logisticamente, conhecimento do local, referências quanto às condições do tempo, etc), que tenha um ritmo adequado para melhor aproveitamento do passeio, que tenha suporte de um bom preparo físico anterior, que cada participante tenha conhecimento e consciência de sua própria auto-segurança, que se tenha equipamentos adequados, seguros e em bom estado, que se tenha atenção com uma postura de cordialidade entre os parceiros e com respeito à cultura do local visitado (quando próximo a algum vilarejo ou em propriedade privada), mas principalmente que se saiba considerar as regras de mínimo impacto ambiental.

Nota-se portanto que, ainda que as práticas de montanhismo, por exemplo, estejam sendo amplamente vulgarizadas pela mídia em geral (e este é o discurso dos próprios montanhistas), existe nos grupos aqui estudados uma disposição pelo distanciamento em relação ao turismo de massa. Se para aqueles, a única coisa que parece ser o importante é o simples fato de passear, sendo esta a “virtude” da sua disposição, para estes outros existe todo um conjunto de valores no fato de “ser” um montanhista, um excursionista, envolvendo muito mais do que o simples aspecto do lazer ou da recreação em suas programações.

Certa vez um rapaz da lista de discussão pela Internet se integrou em um dos passeios de exploração de cavernas organizado pelo CEU e, ao retornar, fez seus comentários aos colegas do fórum como de costume (o que comumente chamam de “relato” da viagem). Pelo fato de ainda existir uma pequena distância na afinidade entre grupos virtuais e clubes tradicionais, a diretora de exploração de cavernas do clube, logo que tomou conhecimento do “relato”, se apressou em esclarecer que toda aquela história ali contada se

tratava de uma atividade consciente, de que a excursão foi precedida de reuniões com algumas instruções de conhecimentos científicos por um espeleólogo experiente e noções de incursões em cavernas.

“Certos trechos visitados na caverna Água Suja são restritos a espeleólogos, somente pudemos acessá-los graças a uma autorização especial obtida junto ao Parque, pois nossa viagem não se caracterizou pelo turismo e sim como uma iniciação à Espeleologia, foi uma saída conjunta CEU/UPE (Centro Excursionista Universitário e União Paulista de Espeleologia). Lembrando ainda, que àqueles que se interessaram foram feitas várias explicações sobre a formação e constituição de cavernas pelo querido Gege (Geraldo) da UPE (que se iniciou na Espeleologia junto com Pierre Martin e outros "cobras" no assunto), além de serem apresentados mapas/equipamentos de topografia/bibliografia”.<sup>33</sup>

Pode ser que a preocupação em se fazer estes esclarecimentos tenha ocorrido devido ao temor que se sente continuamente em relação às leis brasileiras proibitivas em Parques Nacionais: há uma preocupação em demonstrar a postura de responsabilidade destes excursionistas independentes para que possam garantir suas liberdades “de ir e vir” sem restrições (sem necessidade de guias pagos, por exemplo) por esses espaços de preservação natural, “patrimônios públicos”. De qualquer forma, percebe-se que existe um receio de que as viagens tenham seu valor de prestígio barateado pela divulgação e conseqüente popularização (diga-se vulgarização) sem a consciência de uma postura adequada para a conservação da natureza. Talvez os membros dos clubes tradicionais ainda não saibam o quanto os novos integrantes, internautas, desse circuito excursionista buscam se respaldar tanto quanto eles em conhecimentos científicos sobre as áreas visitadas.

Neste ponto, Bourdieu pode nos chamar a atenção ao fato de que as diferenças de idade entre novas frações e velhas frações estabelecidas da sociedade, para além da idade biológica dos indivíduos, inscreve certas diferenças nos estilos de vida.<sup>34</sup> No caso das características diferenciadas dos grupos excursionistas, CEU – um *clube* com uma história “rica” no ramo no Brasil, portanto de reconhecido prestígio – versus T&T – um *grupo* de pessoas

<sup>33</sup> <http://br.groups.yahoo.com/group/ceu/> (10/junho/2005)

<sup>34</sup> BOURDIEU, P. 1988, op. cit., p.217.

não preocupadas com a tradição, mas inseridas no avanço da contemporânea forma virtual de sociabilidade –, nota-se um certo estranhamento de um para com outro ainda que ambos estejam engajados na causa da preservação ambiental e envolvidos, conseqüentemente, com a valorização da natureza.

Para citar um exemplo, podemos ver que ainda que a maioria dos excursionistas concorde com a questão de que a recreação ao ar livre não precisa ser um privilégio de poucos, em ambos os grupos estudados percebe-se o sentimento da perda de um valor que lhes é caro ao proporcionar a divulgação na mídia desse tipo de lazer com uma imagem simplesmente aventureira ou envolvida em exploração financeira.

Vejo também que no Brasil os praticantes desses tipos de esportes em ambientes naturais podem ainda ser considerados como “pioneiros”. Mesmo não sendo recente no país a história do excursionismo, e do montanhismo principalmente, pelas próprias pautas de discussões dos membros de ambos grupos estudados, pode-se perceber a preocupação de quem tem certo medo do crescimento da divulgação simplista e apenas mercadológica da imagem e do uso da natureza. Muitas vezes ouvi pequenas acusações de um para com outro, ou algumas manifestações de *mea culpa* em se referindo ao aumento de visitantes, e de maus tratos, desta ou daquela trilha, já que alguns excursionistas veteranos chegaram até mesmo a ser instrutores de guias locais para alguns parques.

Uma resposta do montanhista veterano Cristiano Requião nas trocas de mensagens na lista de discussão T&T traz uma boa idéia do ambiente de tensão entre os segmentos dos “amantes da natureza”. Enquanto alguns o parabenizavam por alguns feitos seus, pioneiros no Brasil, ele se lamentava:

“Você não calcula a vergonha que eu tenho em ter escrito estes livros... eles, de fato estimularam muita gente a praticar montanhismo. Foram mais de 12.000 exemplares vendidos. Felizmente eles estão ultrapassados e diminuiu a procura. Pena que eu tenho um contrato de 20.000 cada com a editora que não abre mão das republicações. O último eu só vendo para aqueles que tem alguma ligação com o montanhismo...”.

Também me envergonho muitíssimo de ter feito um filme sobre a escalada do Dedo de Deus que foi para os cinemas em 86 e também atraiu muita gente. Felizmente consegui destruir quase todas as cópias...

Digo isso porque na média, muito poucos buscaram nas montanhas aquilo que nós montanhistas buscamos. Uma grande parte se satisfaria com uma bicicleta ergométrica. Teve uma época que chegaram até a propor provas de velocidade em trilhas. Uma das que mais sofreu com essa imbecilidade foi a travessia Petro-Tere.<sup>35</sup>

Não questiono o direito de qualquer cidadão às áreas naturais, Parques etc e tal. O que eu não consigo aceitar é que determinadas áreas continuem sofrendo a ação de pessoas despreparadas e incapazes de adotar os princípios mais elementares de convivência com o meio ambiente natural. Estas pessoas, embora constitucionalmente tenham tanto direito quanto qualquer um de nós, acabam muitas vezes causando danos irreparáveis. Por esse motivo, eu acredito que devam existir instrumentos que regulamentem e fiscalizem a atividade. Um deles seria a obrigatoriedade de uma formação básica neste sentido. Seguindo o mesmo princípio de que ninguém está proibido de comprar um carro, mas, necessita de habilitação para dirigi-lo.

Infelizmente o montanhismo virou moda. Os absurdos que vemos ferem os olhos. Algumas pessoas mais extremistas tomam para si as dores daquilo que não conseguem mais aceitar e isso acaba se tornando arbitrariedade, áreas acabam sendo limitadas, fechadas, impossibilitadas.

Você tem razão quando diz que juntos devemos trabalhar juntos, mas não concordo com a abordagem "as atividades que tanto amamos praticar na natureza". Eu mudaria esta frase para "as atividades que praticamos na natureza que tanto amamos". Porque quem ama não fere, não suja, não degrada, não deixa marcas. E, infelizmente, não é o que vemos." (Cristiano Requião)<sup>36</sup>

Percebemos que a própria postura de responsabilidade, de engajamento nas ações de preservação da natureza, de busca de conhecimento científico e todos esses outros aspectos que distinguem a voluntariedade desses grupos excursionistas acabam muitas vezes sendo o objetivo em primeiro plano impresso nesse estilo de vida; tanto é que alguns ex-praticantes do excursionismo que não se sentem mais aptos fisicamente para as empreitadas continuam assiduamente participando dos encontros e das discussões do grupo. Afinal, como mostra a mensagem acima, não se ama a atividade em si mais do que o próprio local apreciado para a atividade. É como se a prática

---

<sup>35</sup> Caminhada pelo Parque Nacional da Serra dos Órgãos, entre as cidades de Petrópolis e Teresópolis.

<sup>36</sup> [http://www.grupos.com.br/grupos/trekking\\_e\\_travessias](http://www.grupos.com.br/grupos/trekking_e_travessias) (26/abril/2005)

desses diversos esportes (escalada, caminhada, canoagem, exploração de cavernas) fosse apenas um pretexto para estar em contato com o “amado ambiente natural”.

Tanto nas reuniões do CEU, quanto nas discussões de montanhistas pela Internet, observei que algumas pessoas que estavam mais afastadas das atividades de saídas do grupo continuavam ativamente nestes “encontros urbanos”, nos quais estavam sempre dando suas opiniões tanto em matéria de técnicas fotográficas, experiências em trilhas, até em organização de ações para conservação da natureza e manutenção de trilhas ou debates sobre as leis de Áreas de Preservação e Parques Nacionais.

Um caso é o de Milton, atualmente não tão assíduo em acompanhar os passeios do CEU devido aos compromissos familiares, mas ativamente engajado nas campanhas de mínimo impacto. Ele é um dos responsáveis pela construção do site “Pega Level!” e é engajado em projetos da Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo – FEMESP, como o “Adote Uma Montanha”. Outro caso é o de Roney que não tem se sentido fisicamente apto para acompanhar as jornadas com o grupo, porém é um dos membros do clube mais assíduo nas reuniões às quartas-feiras na USP ou nos debates e notícias pela Internet, ele é inclusive conhecido por ser o melhor acolhedor dos recém-chegados ao clube.

Deste modo, é importante ressaltar que, ao contrário da prática dos esportes populares – em cujas propriedades o mais importante é o fato de estarem implicitamente associados com a juventude, energia física, etc e sempre logo abandonados na fase adulta dos indivíduos –, os esportes dos “burgueses”, como diz Bourdieu, são “praticados principalmente por causa de sua função de manutenção física e [*também*] do benefício *social* que proporcionam, têm em comum o fato de estender muito além da juventude e da idade limite de sua prática e talvez tanto além quanto mais prestigiosos são”, como, por exemplo, no golf.<sup>37</sup>

O benefício social identificado na prática do excursionismo pode ser notado no gosto pelas reuniões semanais do grupo do CEU em que além de

---

<sup>37</sup> BOURDIEU, P. 1988, op. cit., nota p.210.

ser motivado pelo planejamento de novas viagens também é motivado pelo ambiente de troca de experiências e cumplicidade. A “verbalização das experiências”, de que nos fala Bourdieu, tem em si um valor de estima que proporciona o vínculo entre o grupo. E nota-se que é um grupo que não tem intenção alguma em se expandir.

Já há algum tempo que o CEU se reúne às quartas-feiras à noite no restaurante do Clube dos Professores da USP (desde que perderam sua sede numa sala do prédio da reitoria da universidade). Deste modo, percebe-se a despreocupação quanto à ampliação do grupo, uma vez que, mesmo sendo um “clube universitário”, tem relativa dificuldade de acesso mesmo para um público interessado. Muitos membros das listas de fórum na Internet têm vontade de participar das reuniões, porém acabam sendo impedidos por fatores como a coincidência com o horário de estudo, distância ou dificuldade de acesso.

Nota-se uma tradição mais ou menos rígida na busca de se observar uma espécie de “compostura” como marca de estilo no excursionismo. E neste fato, lembramos mais uma vez das características dessa fração de classe no que diz respeito à “busca quase consciente da máxima distância com respeito aos outros” como forma de distinção social. O excursionismo se assemelha aos esportes que buscam o desenvolvimento solitário dos indivíduos de um pequeno grupo: uma forma de inversão do capital cultural. Algo que só é permitido aos espíritos de “percepção aguçada” (e aqui lembramos do *habitus*).

Um artigo na primeira edição da reconhecida revista “Headwall – Escalada & Aventura” ilustra bem o espírito do excursionismo na reflexão escrita por um montanhista, Nelson “Farofa” Penteado:

“Subir as montanhas é um esporte diferente, não há competição, cada um pode subir de seu modo, seu tempo, sua modalidade de preferência. Como a progressão é lenta e a paisagem vai se alterando, aguça-se a observação. Desperta-se a curiosidade. Em pouco tempo o desportista vai se interessando pela flora local, acaba aprendendo o nome de algumas espécies, suas particularidades. O mesmo com a fauna, com as rochas, com o clima. Adquire conhecimento prático com a própria fisiologia: resistência, dor, fome, etc. Desenvolve o espírito de equipe. Aprende a controlar suas emoções. Busca cultura histórica, fundamentos geográficos. Descobre que atingir o cume não é outra coisa senão a conquista de sua auto determinação. Por

isso podemos chamar a montanha de nossa escola, laboratório natural de nossas vidas”.<sup>38</sup>

É interessante notar como a postura dos excursionistas parece uma procura desesperada e constante de distância das aglomerações. É muito difícil, por exemplo, encontrar pessoas que gostem de passar o feriado de carnaval próximo a qualquer tipo de “barulho”. Lembro-me também que ao voltarmos certa vez de uma pequena caminhada no Parque de São Joaquim – SC para a agitada cidade de Florianópolis num dia 1º de janeiro, nosso grupo se angustiou por ver a aglomeração de pessoas e para mim foi até cômico escutar a exclamação de um colega (Guga) horrorizado: “Credo! São um bando de mochileiros”. Há uma grande distinção de valores entre diferentes estilos de viagens despojadas, pois ao responder minha pergunta indignada sobre o sentido de ele estar carregando também a sua própria mochila nas costas, ele dizia que não era um simples “mochileiro”, mas sim um montanhista.

### ***Sobre a liberdade e a distinção***

Durante essa pesquisa achei interessante perceber a dificuldade (tanto de minha parte, quanto dos próprios excursionistas) em nomear as atividades aqui observadas: termos como esporte ou turismo costumavam não ecoar adequadamente durante as entrevistas; me pareceu, com o passar do tempo, que a dedicação por aquelas atividades denotavam sempre as linhas de um estilo de vida mesmo.

Bourdieu também nos diz sobre a “exibição da liberdade” como forma de distanciamento “com relação à necessidade e com relação aos que dela se acham prisioneiros” e, portanto, quanto mais se eleva essa distância, maior o grau de “estilização da vida”.<sup>39</sup> Está aí a fonte da busca pelo excursionismo de forma independente.

O próprio fato do gosto (diga-se paixão e, às vezes, “veneração”) pela natureza como uma disposição gratuita do indivíduo já denota um perfil deste

---

<sup>38</sup> Revista ‘Headwall – Escalada & Aventura’, n.1 – jan /fev, 2002.

<sup>39</sup> BOURDIEU, P. 1983. op. cit., p.87.

segmento que se distancia objetivamente em relação à necessidade. Aponta para um perfil de quem não faz do contato direto com a natureza sua base para sobrevivência, seu sustento financeiro, mas que se envolve espontaneamente na defesa dessas áreas por um especial valor de estima.

A liberdade também se expressa pela gratuidade do gosto pelas atividades que realizam, já que todos os desafios e desconfortos por que passam poderiam ser considerados como algo absurdo por outras pessoas. Um comentário interessante de Cláudia, diretora de exploração de cavernas do CEU, pode mostrar um sentimento de liberdade, autonomia e também de singularidade no gosto pelas atividades que praticam. Em um das mensagens trocadas na Internet, ao voltar de um feriado em que fizemos uma “canoada” com algumas pessoas (membros do CEU e mais alguns recém-integrados, membros da lista da Internet T&T) na Represa de Furnas em Minas Gerais, Cláudia respondeu uma mensagem compartilhando da satisfação geral do grupo e, num só comentário, em tom irônico, demonstrou o gosto que busca distinção, liberdade (voluntariedade) e autonomia (independência):

“Chegaram tarde, cansados, sujos e muito FELIZES. hehe. Conte para quem não conhece, não faz ou não gosta. Pergunta básica é: ‘Quanto pagam para você fazer isso??’”

Porém mais do que esse gosto gratuito pela natureza, a liberdade e a autonomia com que praticam as atividades que gostam são fatores que apontam para um desembaraço tático dentro do campo em que se encontram. A própria formação do grupo por essas afinidades possibilita a liberdade quanto ao planejamento da viagem, por exemplo. Não dependendo de agências e guias com datas prefixadas e custos dispendiosos extras, costumam programar desde longas viagens pelas montanhas do Peru, Argentina, Chile ou na Patagônia, até pequenas saídas aos finais de semana para uma caminhada pelas montanhas da Serra da Mantiqueira.

É claro que existe uma grande distância entre aqueles que se aproveitam da área natural (uma cachoeira, a praia, etc.) para celebrar seu tempo livre num fim de semana, num churrasco entre amigos ao som de



pagode e aqueles que procuram fugir do contato urbano buscando uma experiência exótica e especial com a natureza. Além desta grande diferença entre estes espaços sociais distintos, percebo que entre estes últimos existe uma hierarquia, como já foi dito anteriormente.

### ***Sobre a legitimidade***

Para vermos um exemplo a respeito do jogo simbólico nesse campo dos esportes de estilo dos amantes da natureza, lembro-me dos valores diferenciados atribuídos aos equipamentos. Ao buscar os equipamentos adequados para as empreitadas, principalmente os do vestuário, tal como bota para caminhada, anorak, etc.<sup>40</sup> percebi que existia uma certa diferença entre a qualidade ou performance versus design e estilos. Entre os excursionistas independentes tem-se a consciência da diferença entre uma coisa e outra: normalmente as marcas de equipamentos que reforçam a imagem de apenas mais um segmento estético no mercado eram simplesmente descartadas. Às vezes comenta-se de que esses tais equipamentos com design diferenciado são apropriados apenas para aqueles que gostam de “fazer um estilo” na cidade, ou seja, para aqueles que compram apenas a idéia mercadológica do estilo de vida “eco-qualquer-coisa”. Atenção deve ser dada ao fato de que os equipamentos que muitas vezes não possuem tanta beleza são os mais caros e que, obviamente, proporcionam melhores desempenhos.

Bourdieu nos diz que os “gostos de liberdade”, essa categoria que exprime a disposição “pura” e “desinteressada” com relação às condições materiais de existência, acaba se distanciando dos “gostos de necessidade” também pelo seu privilégio classificador que aponta este último como “vulgar”.<sup>41</sup> Através dessa concepção, tenho percebido que a disposição estética subjetiva dos grupos estudados, a disposição que os enquadra como membros de um grupo específico, não é simplesmente a escolha de uma determinação

---

<sup>40</sup> “Botas para caminhadas” são normalmente úteis para proteção dos pés, firmeza dos passos e contra possibilidade de torção. “Anorak” consiste em um casaco impermeável, com costuras seladas, utilizado para proteção contra vento e chuva.

<sup>41</sup> Idem, p.88.

visual ou de aparência, porém se refere mais à própria estetização de uma postura de conduta, ou seja, do próprio estilo de vida.

Percebo que enquanto alguns se apropriam de signos vendidos pelo marketing do mercado de esportes de aventura como valiosos elementos de distinção, os excursionistas acabam classificando tal atitude como “um tanto ordinária”, pois, diferentemente daqueles, costumam exercer uma exigência muito grande para com os produtores de equipamentos. Segurança (principalmente em equipamentos para prática de escalada), durabilidade, conforto, performance, praticidade, etc. são todos elementos cobrados por estes consumidores que não se deixam embalar pelo movimento do *marketing* do mercado, o que faz supormos ainda maior distinção destes grupos.

Vejo que existe sim um certo grau de consumismo por parte dos grupos estudados, porém, costuma-se tomar a postura de um “consumo legítimo” daquilo que é estabelecido pelo próprio grupo como algo legítimo para a prática do excursionismo. Os equipamentos somente têm algum valor quando utilizados de forma consciente e adequada: acontece, às vezes, por exemplo, que uma pessoa que possui um GPS,<sup>42</sup> mas que não domina o conhecimento de técnicas de navegação, acaba sendo reconhecida pelos mais experientes como uma pessoa que possui apenas recursos econômicos, porém não totalmente competente no domínio das técnicas de navegação.

Bourdieu nos diz que no consumismo destas frações de classe aqui estudadas existe uma forma “ostensivamente liberada de convenções e conveniências”. É interessante notar, por exemplo, como muitas vezes os excursionistas se sentem despojados e desinteressados em relação ao consumismo cotidiano de *marketing* massivo, no entanto, outras tantas vezes “se surpreendem”, até com uma certa auto-ironia, reconhecendo no meio de uma caminhada em meio à mata selvagem que estão transportando em seus equipamentos pessoais “básicos” (entre vestimenta, mochila, botas, barraca, fogareiro, GPS, etc.) um valor bastante considerável. Como o custo das viagens em si têm apenas o valor irrisório do transporte até o início da

---

<sup>42</sup> ‘Global Positional System’, aparelho utilizado em navegação que recebe sinais de posicionamento geográfico via satélite.

empreitada, tenho acreditado que o custo da prática do excursionismo deva ser calculado pelo valor dos equipamentos utilizados.

Ainda com Bourdieu, nesse tipo de consumismo diferenciado dessas frações de classe, percebemos uma tendência que “reaviva todas as tradições dos velhos cultos típicos do natural, do puro e do autêntico, talvez nunca se manifesta de maneira tão clara como no equipamento que oferecem ao aficionado aos grandes passeios ao ar livre as novas lojas de acessórios do estilo de vida avançada”.<sup>43</sup>

Neste mesmo sentido, a atenção voltada ao que é “natural, puro e autêntico” vai além do âmbito do consumo. Outro exemplo do cuidado com a “legitimidade” de estilo nos grupos estudados poderia ser dito sobre a precaução que excursionistas veteranos tomam ao receberem novos colegas: há a preocupação de uma instrução cuidadosa para conscientização das “regras do mínimo impacto” adotadas durante as caminhadas, já que esta postura é um dos principais fatores de distinção destes “viajantes independentes” aqui estudados. Pude ver até mesmo a palavra “educar” em algumas entrevistas e mensagens na Internet nas quais se comentava sobre a popularização do montanhismo no Brasil e a preocupação com a ética geral dos praticantes das atividades (um exemplo é a longa mensagem de Cristiano Requião já mencionada anteriormente). Ou seja, existe uma preocupação em se manter um certo status delimitado no grupo, configurado em forma de ideais éticos, entre os participantes deste mesmo estilo de vida.

Uma conduta consciente em ambientes naturais é continuamente sustentada pela valorização da natureza como algo raro e precioso, mas também em grande parte por ser considerada uma “questão de atitude” entre os diversos praticantes de atividades de lazer ao ar livre. Talvez mesmo pela própria cobrança de uma postura do *ethos* do grupo requerendo o *habitus* compatível.

Em outras palavras, podemos notar a preocupação da delimitação do grupo com um *ethos* referido ao especial estilo de vida. A mensagem de Cristiano Requião, já citada anteriormente, nos dá mesmo esse exemplo de

---

<sup>43</sup> Bourdieu, P. 1988, op. cit., p.217.

restrição do perfil excursionista quando propõe que devam existir “instrumentos que regulamentem e fiscalizem a atividade” e também a “obrigatoriedade de uma formação básica nesse sentido”.

Porém, é interessante notar que, mais além ainda da intenção de se delimitar as fronteiras do grupo, há também, como diz Bourdieu, uma intenção objetivamente implícita no sentido de não cessar de mostrar seu próprio estilo de vida como exemplo, já que sentem que tal postura deva ser a ética universal a ser seguida.<sup>44</sup>

---

<sup>44</sup> Idem, p.221.

# Capítulo 3

**Sobre a sensibilidade  
do gosto pela natureza**

Ao analisar o quadro geral dos grupos estudados, vejo que mesmo com toda a configuração de uma procura pelo conhecimento técnico característico das “novas grande e pequena burguesias”, como diria Bourdieu, e sua busca por uma “cultura geral”, existe sim por um outro lado uma “naturalidade” sublime (no sentido de nobreza) pelo gosto de uma postura consciente e de respeito pelo meio ambiente natural sagrado pela valorização atual de seu status de raridade.

Sabemos que existem diversas maneiras de se buscar a distinção. O segmento dos grupos aqui estudados poderia, por exemplo, seguir o caminho do luxo como alternativa à atividade que praticam, ou, simplesmente, poderiam se apegar aos seus equipamentos como ícones de destaque, porém escolheram um gosto determinado pela natureza como valioso. Assim, neste capítulo, procurarei aprofundar este aspecto da ênfase destes grupos nesta preferência pelo mundo natural.

Os aspectos que mais chamaram a minha atenção logo nos primeiros contatos com os grupos aqui estudados, foram as questões da alta sensibilidade dos excursionistas com os assuntos ecológicos e da distinta postura de afeição pelos ambientes selvagens. Questões estas também já notadas pelo leitor deste trabalho a essa altura.

Contudo, sabemos que este quadro faz parte de um longo processo de transformação do modelo racional e, sobretudo, do modelo de comportamento social ocidental. Isto é, do “processo civilizador”, de que nos falam os estudos de Norbert Elias, e que nos apontam para a história do surgimento dos costumes de sensibilidade aguçada na modernidade. Persigo o desenrolar histórico para entender o valor que essa postura sensível atual tem para o segmento social específico estudado aqui.

No capítulo anterior já procurei mostrar que os grupos excursionistas exercem uma prática que, de forma “objetivamente interiorizada”, se mostra distinta da postura de outros segmentos sociais e, conseqüentemente, de outros viajantes. Neste capítulo exploro as origens de tal sensibilidade na história ocidental, para assim perceber que tal postura tem um valor historicamente construído sim. E é neste valor solidificado na nossa sociedade que este segmento social se apóia para projetar sua distinção, “objetivamente interiorizada”, é claro; ou seja, a força do *habitus* operando abaixo do nível da consciência individual.

Por que será, por exemplo, que os excursionistas aqui estudados acabam zombando dos demais viajantes que aderem à atual moda dos chamados “esportes radicais” (a prática do *rappel* é sempre a mais criticada pelos excursionistas<sup>1</sup>), daqueles que estão à procura de uma “aventura” alternativa, que comprem pacotes de “ecoturismo” em agências ou que simplesmente daqueles que gritam “Uhhuuu!” ao atingirem o topo de uma montanha? Costumam sentir verdadeira aversão àquela emoção sensacionalista que busca, por exemplo, se espelhar em modelos cinematográficos holywoodianos.

Durante a pesquisa e desde os primeiros contatos com os grupos, percebi que a viagem para os excursionistas é apenas um detalhe decorrente do que eles são no cotidiano, e isto significa algo muito além de uma experiência edificante que as agências de turismo propõem aos seus clientes ou que o mundo empresarial propõe aos seus funcionários com treinamentos em ambientes naturais. Eu mesma, como pesquisadora, fui questionada algumas vezes com a apreensão de que o meu interesse em dirigir meu olhar a estes grupos se dava simplesmente pelo fato da crescente moda “ecoturística” no mercado.

A exploração capitalista deste estilo de vida é a “grande traição” para estes grupos. No fórum da Internet cresce a agitação nas discussões quando um membro anuncia alguma coisa que envolva lucro. Deve-se ter uma postura

---

<sup>1</sup> O *rappel* é uma técnica de escalada utilizada nos movimentos de descida, praticados apenas em caso de necessidade. Embora a recorrência ao *rappel* seja freqüente, sempre que existe uma outra alternativa – uma trilha, por exemplo – o escalador consciente descarta essa prática. Isso por ser a prática do *rappel* o momento que se apresenta o maior risco deste esporte.

bem cautelosa porque afinal acredita-se que são um grupo de amigos que se identificam pelos propósitos e gostos em comum, dispostos a trocarem informação de maneira gratuita e cordial. Lembro-me de que, certa vez, houve uma grande polêmica numa lista vizinha à do T&T (pois muitos membros pertencem às duas listas ao mesmo tempo, inclusive os moderadores de ambas), a Trekking.SP, na qual um garoto, amigo do grupo, havia proposto uma trilha visando algum ganho e uma das repostas, inclusive de uma amiga sua que não tinha barreiras pessoais quanto à proposta de trabalho do garoto, foi justamente defender a postura contra as formas lucrativas:

“...a única coisa que não concordo é que numa lista onde todos são camaradas, divulgar trilhas que temos que pagar para fazer... O intuito da lista não é esse.” (Cleusa)<sup>2</sup>

Já no CEU existe algum ressentimento para com o surgimento dessas agências, pois corre a história de que foram antigos sócios do clube que saíram e aplicaram os conhecimentos do grupo em um negócio para benefício próprio que veio ajudar a divulgar esse tipo de prática no Brasil. Na época, pensava-se até que o excursionismo gratuito se extinguiria, hoje já perceberam que os públicos de um e outro segmento (o comercial e o excursionismo independente) são bem diferenciados.

Por que será que numa noite estrelada durante a travessia da Ponta da Joatinga, Parati-RJ, no meio de uma vila de pescadores, minha colega (Juliana) faz o comentário do tipo: “Somos uns privilegiados, sim, por podermos estar aqui vendo este céu. Porque existem pessoas [nas cidades] que vivem sem jamais poder ver isso, ou pessoas como essas que moram aqui mas jamais notaram esse céu assim como nós notamos.”? Tenho certeza de que nela não havia nenhuma pretensão de demonstrar sentimento preconceituoso por aquela gente (muito pelo contrário, poder-se-ia dizer sobre as pessoas de “espírito sensível” como ela), ou de demonstrar qualquer esnobismo de classe. Creio que ela simplesmente tinha em mente que aquele momento vivido

---

<sup>2</sup> <http://www.grupos.com.br/grupos/trekking.sp> (30/março/2005)



deveria ser desfrutado por seu valor intrínseco. E este valor estava construído, “naturalmente”, nela mesma.

Por que será que esta mesma garota se recusava a destruir teias de aranha que fechavam a passagem da trilha? Ela preferia contornar por fora do caminho a “destruir a teia feita do trabalho da aranha com tanto capricho”, mesmo que dissesse que se nós a destruíssemos, a aranha refaria aquilo em questão de instantes. Mais uma vez, não creio que minha colega estivesse com o interesse de fazer com aquela atitude um “show” momentâneo de demonstração de “amor à natureza”, mas pela sua fala se percebia uma postura séria de respeito que faz parte de sua concepção de vida ou, se se quiser, de seu *habitus*. Mesmo que não seja uma atitude que se repita com muita regularidade nos grupos estudados, vejo que ela ao menos representa muito bem os sentimentos do grupo neste tom de sensibilidade tal como um outro colega (Alexei) que numa ocasião seguia a trilha recolhendo pontas de cigarro deixadas por um outro grupo que percorria o trajeto à nossa frente – uma atitude que talvez causaria estranhamento a pessoas de fora do circuito destes excursionistas.

Vejo que essas atitudes convergem para a postura de respeito gratuito em relação ao ambiente natural, o que nem sempre ocorreu na história desse relacionamento na sociedade ocidental. Parece-me que a sensibilidade para com a natureza atualmente se configura na ponta da evolução do processo civilizador de que nos fala Elias, e que os espíritos mais atentos a essa tendência se colocam numa posição que se destaca. À construção do valor do gosto da natureza é que me dedico neste capítulo e, para isso, aponto a construção da sensibilidade no processo civilizador.

### ***Sobre o processo civilizador e a acentuação de espíritos sensíveis***

Sabemos que o conceito que temos e fazemos da palavra “civilização” já percorreu um longo caminho. Com Elias, percebemos que hoje esse conceito é um conjunto de códigos amplamente aceitos, ao mesmo tempo que impostos cotidianamente, para a convivência entre os indivíduos em sociedade, uma

estrutura mental e emocional desenhada no contexto particular das relações humanas desta sociedade moderna.<sup>3</sup>

Com este autor revemos as regras de etiquetas deixadas principalmente por Erasmo de Rotterdam. Tais normas de comportamento sutilmente formadas no seio da nobreza, a partir do século XV, como estratégia de distinção em relação ao povo, foram sendo incorporadas cada vez mais por uma parcela maior da população à medida em que a burguesia ascendeu ao poder, adotou essas práticas e então passou a impor condutas de comportamento como maneira padrão de se conviver em sociedade. Essas condutas passaram a alcançar (ou serem impostas) às classes populares principalmente quando as questões da saúde médica e os problemas da falta de higiene se agravavam nos espaços urbanos<sup>4</sup>.

A partir do controle sobre as funções corporais e o próprio sentimento em relação ao corpo humano (a noção de si mesmo e do outro) tais como: vergonha, pudor, constrangimento, controle dos impulsos naturais e dos vícios, decoro, polidez, racionalização e economia dos gestos etc, podemos perceber o surgimento de regras de comportamento, em condições de controle mútuo dos sujeitos, que foram sendo interiorizadas ou incorporadas na maneira cotidiana de se viver na sociedade ocidental. Permeando todos os campos e delimitando todos os espaços que se referem ao comportamento do ser humano, tais regras formaram uma “cadeia de pressões sociais”, na expressão de Jorge Crespo,<sup>5</sup> através do disciplinamento dos indivíduos.

Diariamente nossos códigos são “naturalmente” refeitos. Porém, tais códigos fazem parte do processo civilizador que ao longo do tempo permeou lentamente as condutas dos indivíduos, até influenciar todas as classes sociais<sup>6</sup>, de maneira a impor o autocontrole, a reprimir a impulsividade e a transformar a violência (da antiga sociedade de guerreiros) em civilidade (as sociedades de corte)<sup>7</sup>. A própria ascensão da burguesia fez com que a então

---

<sup>3</sup> ELIAS, N. *O processo civilizador. Uma história dos costumes* – vol. I, 1990, pp.69-70.

<sup>4</sup> ELIAS, N. 1990, op. cit., pp.75-76; VIGARELLO, G. *O limpo e o sujo. A higiene do corpo desde a Idade Média s/d*; CRESPO, J. *A história do corpo*, 1990, pp.503-504.

<sup>5</sup> CRESPO, J. 1990, op. cit., p.508.

<sup>6</sup> Idem, pp.498-499,515.

<sup>7</sup> ELIAS, N. & DUNNING, E. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*, 1996, p.67.

sociedade de honra (da nobreza e da sociedade de corte) passasse a ser uma sociedade do cultivo da virtude,<sup>8</sup> o que tem sido até os nossos dias.

Em *A história do corpo*, de Jorge Crespo, vemos ainda que na época do crescente processo de urbanização da sociedade ocidental, a educação foi um dos principais veículos, ou mesmo suporte, da instauração da rigidez e controle dos comportamentos, sempre tendo em vista a racionalização da vida cotidiana num contexto mais coletivo. A própria vivência na diversidade da população suscitava a avaliação dos excessos e defeitos alheios, assim como também se buscava a correção individual.

A educação dos comportamentos era obtida pelo simples, porém rígido, método da observação: ao mesmo tempo que este era o instrumento de aprendizagem, era também o instrumento controlador dos movimentos. Crespo chega a falar de um “espírito de observação”<sup>9</sup> que estimulava a reflexão pessoal. Vigorava a idéia de que todos deveriam se tornar exemplares, uns em relação aos outros. As diferenças sociais e a diversidade levavam cada indivíduo a orientar-se de forma racional a si próprio, e a procurar, com o uso da consciência, o bem da coletividade. A cultura civilizada/racionalista requisitava uma interdependência social à medida em que as normas de conduta eram obedecidas e os indivíduos buscavam a autodisciplina. O uso da liberdade deveria ser conjugado com o uso da consciência.

Vejo, portanto, que não é por acaso que hoje o compromisso ecológico se refira a posturas que se preocupam, sobretudo, com o bem coletivo, tais como a prática da reciclagem, o uso consciente /comedido da água, entre outros exemplos. Contudo, o que gostaria de ressaltar neste texto é o desenvolvimento de comportamentos na modernidade que se referem a padrões historicamente construídos e agora valorizados nesta sociedade. A atitude, já citada acima, do excursionista que recolheu as pontas de cigarro pela trilha aponta para uma consciência que vai um pouco mais além da visão que trata da natureza tendo por fim o próprio bem estar imediato do ser humano. Eu diria que este é um foco talvez mais sutil do que aquele que se

---

<sup>8</sup> CRESPO, J. 1990, op. cit., pp.503-504,508.

<sup>9</sup> Idem, p.508.

desespera pela vida do planeta e, por conseqüência, pela sobrevivência humana.

O processo civilizador se concretizou a partir de uma profunda exploração dos *sentidos* ou das *sensibilidades*. O controle dos comportamentos se dava entre os contatos humanos que se estabeleciam, onde era possível conhecer, avaliar, penetrar o caráter dos indivíduos; daí a importante prática da observação que a educação incentivou na época. Procurava-se o equilíbrio dos comportamentos “através de uma *observação* criteriosa do mundo exterior e de uma reflexão profunda sobre o mundo interior de cada um”.<sup>10</sup> O cultivo de tal sensibilidade poderia proporcionar a própria virtude de uma pessoa. E é sobre o desenvolvimento social desta educação sensível, civilizada, reflexiva, virtuosa e ascética que me proponho a falar aqui.

### ***A visão da natureza a partir da cidade***

No que diz respeito às relações dos homens com o mundo natural, vemos que todo esse processo histórico civilizador também influenciou a criação de novas posturas, concepções e sensibilidades que ainda se desdobram pelo nosso mundo moderno.

Ao vagarmos com Keith Thomas, pela história descrita em *O homem e o mundo natural*, podemos verificar o longo percurso da concepção que se fez sobre a natureza até o ponto em que estamos, no qual a maior parte da população se encontra em zonas urbanas. Entre os séculos XVI e XVIII modificaram-se diversas noções. Vemos neste período desde a idéia que acreditava no progresso da civilização como sinônimo de terra cultivada, ou seja, a limpeza de florestas, a derrubada de matas, a eliminação de predadores, a drenagem de terrenos pantanosos, questões estas que eram tidas como imprescindíveis; passamos pela nostalgia do morador da cidade (já industrializada então) refletida em seu pequeno jardim, nos animais de estimação, nas férias passadas longe da concentração urbana, no gosto pelo cultivo de plantas e pela observação de animais selvagens, e no sonho de se

ter uma casa para os finais de semana no campo ou na praia; até, por fim, chegarmos à idéia que proclama a importância do cenário da natureza selvagem para a vida *espiritual* do homem.<sup>11</sup>

De qualquer forma, convém lembrar que todo esse processo histórico não ocorreu de forma linear; tais noções fizeram parte de um movimento oscilatório, ou mesmo de quadros sobrepostos de concepções numa mesma época que podemos perceber ainda nos dias de hoje.<sup>12</sup> E poderíamos citar aqui inúmeros exemplos atuais, mesmo de uma esfera política mais ampla, como a questão da luta entre organizações como o Greenpeace e os interesses do capital industrial no mundo. Contudo, pretendo me ater aqui aos movimentos do imaginário na vida cotidiana. E, nesse sentido, vejo que ainda existem, num mesmo tempo, formas de pensar e de agir diversas e muitas vezes ambíguas. Podemos perceber que há um certo segmento da nossa sociedade com forte sensibilidade pelo ambiente natural e com a preocupação da relação dos humanos com as outras espécies, ao mesmo tempo em que está conectado ao alto avanço da tecnologia. E isso é o que pretendo abordar neste capítulo como um aspecto particular dos grupos aqui estudados.

No momento, de qualquer forma, podemos perceber que a valorização que recebem áreas não urbanas no mundo atual só foi possível a partir do olhar da cidade. E tudo isso vemos ao atentarmos para a história da Inglaterra, para a qual estudiosos também voltaram sua atenção, pelo fato de ter sido neste país que as mudanças na sociedade ocidental puderam ser vistas com evidência, devido a fatores econômicos e políticos que favoreceram o surgimento de novos quadros de concepções sobre a natureza, como o próprio evento da industrialização e a então decorrente urbanização do país.

Neste processo, notamos, portanto, que quando a sociedade ainda estava dependente exclusivamente da economia agrária, o padrão de beleza estética se voltava para os campos simetricamente bem alinhados e a atenção destinada às plantas se voltava apenas àquelas com alguma utilidade nutritiva ou medicinal. As ideologias quanto à apreciação de plantas e seus atributos

---

<sup>10</sup> Idem, pp.522-523.

<sup>11</sup> THOMAS, K. *O homem e o mundo natural. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*, 2001, pp.16-18.

<sup>12</sup> Idem, p.60.

ornamentais, bem como o relacionamento afetuoso com os animais só foi possível quando os próprios humanos se viram bem distanciados da realidade campestre, dentro da comodidade urbana e industrial, a qual também lhes proporcionou independência econômica em relação à energia animal, quando “os animais se tornaram cada vez mais marginais ao processo de produção”.<sup>13</sup>

“O novo sentimento começou a ser expresso quer por cidadãos bem situados, afastados do processo agrícola e propensos a considerar os animais como bichos de estimação, não como uma criação para o trabalho, quer por clérigos rurais bem educados, cujas sensibilidades eram diferentes das dos homens rústicos em cujo meio viviam.”<sup>14</sup>

Na verdade, podemos perceber que a valorização da natureza como algo estético somente se generalizou depois que o homem já não reconhecia algo a temer do ambiente selvagem. A natureza não significava mais um ambiente hostil que seria capaz de ameaçar a própria vida humana.

Por muito tempo, as florestas foram sinônimo de rusticidade e perigo. Como nos lembra Keith Thomas, elas eram continuamente lembradas como “terríveis”, “sombrias”, “desertas”, “agrestes”, “melancólicas”, “desabitadas”, “assombradas por feras”, “sinistras”, “refúgio de animais perigosos”, etc.<sup>15</sup> Enfim, terra não cultivada indicava “necessidade de civilização”. Sendo a área selvagem, então, um oponente na história da humanidade, o progresso humano dependeu da destruição de grande parte do que havia sobre a terra. Os feitos da civilização foram atos de *conquista* sobre a natureza.

Enquanto “a cidade era sinônimo de civilidade, o campo [era] de rusticidade”. A cidade seria considerada então “o berço do aprendizado, das boas maneiras, do gosto e da sofisticação”.<sup>16</sup>

As áreas de natureza virgem tinham se reduzido; e muito mais ainda ao considerarmos a realidade européia. Precisamente no território inglês, um dos países onde nasceram os costumes excursionistas aqui estudados, como já comentado no primeiro capítulo, as florestas e matas foram reduzidas já antes

---

<sup>13</sup> Idem, 217.

<sup>14</sup> Idem, p.218.

<sup>15</sup> Idem, p.232.

<sup>16</sup> Idem, p.290.

do século XIII. Como na era moderna todo esse processo fora rapidamente ampliado, e portanto muito visível, não demorou então que surgissem nostalgias de velhos e poetas sobre os “tempos passados e as grandes florestas”. Isso também porque “à medida que as áreas de mata diminuíram, elas deixaram de atemorizar” e passaram a ser fonte valiosa de deleite e inspiração, portanto tornaram-se “românticas”.<sup>17</sup>

### ***O senso estético da nobreza***

Antes, porém, é interessante notar que os primeiros interesses em conservação de florestas na Inglaterra pelo simples uso recreativo, aconteceu por questão de gostos e costumes da nobreza, como a caça à raposa na Europa, por exemplo. No que se refere ao Brasil, já citamos no capítulo anterior o exemplo dos costumes da família real e das suas terras que originaram um dos mais importantes parques nacionais por aqui.

Na Inglaterra do século XIII, as árvores já eram consideradas necessárias como cobertura para a caça e se mantinham sob proteção de leis especiais (reservas reais de caça). No século XVIII, a paixão pela caça à raposa levou ao plantio de refúgios em muitas partes da Inglaterra rural. “Os parques de cervos e as florestas reais produziram uma razão adicional e mais duradoura para a conservação de árvores, notadamente a crença de que a mata acrescenta beleza e dignidade ao cenário”.<sup>18</sup>

Ao longo dos séculos XVI e XVII, a grandeza das árvores e das florestas ao redor das propriedades da aristocracia passou a ser um símbolo que se fazia respeitado pelos vizinhos mais pobres. Era em torno das casas nobres que havia maior concentração de árvores. Contudo mesmo os lavradores começaram a admitir que os “bosques ou agrupamento de árvores’ podiam ser plantados em torno das moradias, para ‘encanto e prazer’”.<sup>19</sup>

As florestas passaram a ser fonte de prazer não somente pela questão do esporte da caça, mas também como satisfação estética. As árvores não

---

<sup>17</sup> Idem, p.230-231;253.

<sup>18</sup> Idem, p.239.

<sup>19</sup> Idem, pp.242;244.

eram mais apenas úteis, mas agora também eram “objeto de prazer”, eram “queridas por simples amenidade” e tinham conquistado “nova importância emocional”.<sup>20</sup>

Porém o fato de muitos fidalgos deixarem de viver na aldeia para fazerem suas residências no centro de um parque ajardinado, ocultando-se da zona urbana por um cinturão de árvores, ainda nos indica um senso de espaço diferenciado e a busca de distanciamento, um refúgio na natureza. Passou a ser costume a meditação solitária durante caminhadas por entre matas ou bosques, pois elas acabaram sendo “o refúgio comum daqueles que amam a solidão”.<sup>21</sup>

O “ambiente natural” transmitia “uma sensação de isolamento em meio aos prazeres mundanos”, dizia, não por acaso, um pregador citado por Keith Thomas. A mata ou a floresta passou a ser vista como local de meditação e privacidade, era associada à idéia de templo de devoção.<sup>22</sup>

Neste momento, lembro um exemplo muito marcante que aponta para o gosto de isolamento nos grupos excursionistas. O percurso da travessia da Serra Fina – MG durante os feriados de Corpus Christi costuma ter um movimento de pessoas considerável, isto é, acima do fluxo médio durante o ano e isto significa ser praticamente impossível que os grupos de *trekkers* atravessem toda a extensão sem que se encontrem em vários pontos. Assim, nosso grupo, além de encontrar diversos outros durante a jornada e mesmo dividir as áreas de acampamento durante a noite, encontrou em certo trecho de rio uma aglomeração de cerca de trinta pessoas de outros grupos, já que a água é um elemento raro nessa travessia. Acabei achando graça em meus colegas (Marcelo, principalmente) que, para a minha surpresa, estavam perturbados com a “muvuca”, como diziam.

Como esperam poder estar num ambiente de meditação, de reflexão, introspecção, me parece que a menor cena que lembre a agitação urbana é algo que acaba por estragar o anseio de prazer. Onde estávamos não havia ruído algum, apenas a movimentação de um número maior de pessoas

---

<sup>20</sup> Idem, pp.239-243;230.

<sup>21</sup> Idem, pp.242;257.

<sup>22</sup> Idem, pp.24;257. Entenda-se a noção de “ambiente natural” desta época mesmo como sendo aquela cultivada: plantio de árvores e ajardinamento.



acabava por “atrapalhar” a total pureza do som da queda d’água, dos passarinhos, do vento, etc. Ou, como diriam, aquele “alvoroço” estava quebrando a “sintonia com a natureza”.

Uma postura dessas não é de se estranhar, já que ao responderem minhas perguntas nas entrevistas, os excursionistas foram praticamente unânimes ao preferirem caminhar em um lugar desconhecido, ainda não explorado, sem movimentação alguma de outros viajantes, mesmo que não se tenha um panorama privilegiado de um lugar como, por exemplo as belas paisagens da Serra Fina.

A prática de *trekking* nesta parte da Serra da Mantiqueira acabou ficando bem conhecida, e o lugar bem movimentado, pela época de uma nova verificação de seu ponto culminante e então divulgação na mídia. Contudo, o trecho da travessia dessa serra vem recebendo acompanhamento de uma associação à ela dedicada (Associação Pró-Serra Fina – APSF) e de habitantes das cidades próximas, entre outros. Assim, a trilha é discutida, revisada e cuidada por alguns de seus amantes todos os anos; ela tem se preservado de uma maneira razoável, ainda que delicadamente. Porém o fato de ter se tornado um lugar mais freqüentado acabou por perder um pouco de espaço no gosto dos excursionistas aqui citados, mesmo representando uma das mais belas paisagens entre os lugares de caminhadas no país.

É notório o grande valor que se dá para o sentimento de descoberta e o sentimento de paz na solidão, muito além da pretensão do esporte como competição ou como modismo. Pois, ainda com o exemplo da trilha da Serra Fina, vemos que ela se tornou um dos ícones entre os praticantes de *trekking* por apresentar um dos graus de travessia mais difíceis no país, embora tal fato não se compare ao gosto de algo inédito. Por exemplo, o contentamento de descobrir novas cachoeiras na represa de Furnas – MG, onde somente as canoas canadenses utilizadas pelo clube conseguem entrar (nem mesmo os *jet-skis* têm acesso), é sempre lembrado pelos membros do CEU com um sabor de privilégio e privacidade, mesmo que o espaço restante da represa seja dividido com outros freqüentadores (lanchas, principalmente).

## ***A visão científica***

Entre outros aspectos que o historiador Keith Thomas expõe, também vemos como dentro de um certo período de tempo, numa mesma linha ideológica cristã, a postura humana em relação à natureza passou de um status de dominação para um status de cuidado /gerência para com a “criação divina”. Na Inglaterra do século XV ao XVII não se questionava a visão tradicional de que o mundo havia sido “criado para o bem do homem e as outras espécies deviam se subordinar a seus desejos e necessidades”. Inspirado pelo empolgante espírito antropocêntrico, o árduo trabalho humano se destinava a forçar a natureza à sua submissão, isto é, se propunha a expandir a então “benéfica” civilização.<sup>23</sup>

É interessante recordar com Thomas, que Karl Marx também notava ter sido “a grande influência civilizadora do capital” que incentivou a sociedade ocidental a explorar o mundo natural, afinal o cristianismo havia posto fim à “deificação da natureza” e as reverências que existiam com os costumes do paganismo animista.<sup>24</sup>

Porém, como já foi dito, o processo de construção da idéia de natureza foi se formando por meio de uma combinação de vários quadros. Portanto, ao mesmo tempo em que o capitalismo se expandia com seus interesses, como parte do mesmo movimento, desenvolvia-se o interesse pela história natural, pelo estudo científico dos animais, dos pássaros e da vegetação. Foi justamente no início do período moderno que o esforço de classificação nas áreas da botânica e da zoologia passou a agrupar as plantas e os animais não mais simplesmente por “ordem alfabética ou de acordo com seus usos humanos, mas com base em suas características estruturais intrínsecas”. Ainda que fosse feita de forma arbitrária e baseada num traço externo visível, como por exemplo, o caráter das folhas, procurava-se seguir a classificação de Aristóteles, conforme estrutura anatômica, habitat e modo de reprodução.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> Idem, p.183;215;21-22.

<sup>24</sup> Idem, p.29.

<sup>25</sup> Idem, pp.61;78;63.

Penso que neste estágio da modernidade, os hábitos da observação, da meticulosidade, já haviam atingido o grau de valor que possuem hoje. Toda a atenção que a explicação científica recebe, tem um valor em si mesma. Talvez isto aponte para o desprendimento da necessidade imediata, da subsistência que está vinculada no uso direto da natureza, como no meio rural.

Para Thomas, esses esquemas classificatórios já apontam para a tentativa de imposição de uma nova forma de organização intelectual com respeito ao mundo da natureza. Devemos aos primeiros naturalistas modernos que desenvolveram um novo sistema de classificação “segundo traços mais imparciais, mais objetivos e menos antropocêntricos” que os estudiosos do período anterior, essa nossa maneira de olhar para as coisas que, por sua vez, direciona nossa percepção e nosso comportamento.<sup>26</sup>

É interessante também notar com Thomas que, para além do conhecimento científico profissional, a classe média inglesa do século XVIII já tinha como um de seus passatempos a dedicação à história natural amadora. “Na Inglaterra do começo da era moderna, (...), a taxonomia popular das plantas, pássaros, animais e peixes era mais elaborada do que requeriam as considerações puramente utilitárias”. E convém lembrar que boa parte dessas considerações já tinha valor emocional ou simbólico (o que veremos nos tópicos mais a frente).<sup>27</sup>

Vejo aqui que o perfil dos grupos estudados segue pelo mesmo caminho. É comum aos excursionistas procurarem o conhecimento de todo e qualquer elemento da natureza, mesmo porque este é um segmento da sociedade que dá grande importância ao conhecimento científico por si só. Como exemplo, cito a busca de familiaridade de praticamente todos eles no que se refere a assuntos técnicos (aqueles voltados à prática de suas atividades, como já dito em capítulo anterior: cálculos sobre a segurança dos equipamentos, saúde, navegação por mapas e bússolas, etc.), assuntos filosóficos, místicos e mesmo estudos acadêmicos. Podemos notar, de qualquer forma, que muitos deles acabam por optar por uma carreira diretamente envolvida com a questão ambiental. E aqui é interessante

---

<sup>26</sup> Idem, pp.61-63;78.

<sup>27</sup> Idem, pp.84-85.

ressaltar, como num parêntese, que, diferentemente de outros segmentos da sociedade, estes grupos não se mostraram alheios ou constrangidos ao me aproximar como pesquisadora; colegas de outras áreas (engenharia, psicologia, direito) ofereciam e insistiam em ajudar neste trabalho, além dos palpites corriqueiros.

Porém, o que nos chama a atenção mais especificamente é o fato de que este grupo dirige a atenção ao campo natural de uma forma que, mesmo atribuindo-lhe grande valor, tem uma postura distanciada em relação ao seu uso direto. Numa troca de mensagens pela Internet, ao voltarmos de uma caminhada pelo Parque Nacional da Serra dos Órgãos, achei interessante o lembrete de um engenheiro (Carlos) a uma advogada (Mônica) tirando a cisma sobre o nome científico de uma florzinha. E nota-se que essa é uma atitude não rara entre os excursionistas, seja com plantas, animais, formações rochosas, etc.

Durante o século XVII os cientistas buscaram impor seu próprio estilo de enxergar o mundo da natureza, oposto à noção popular, impregnada de lendas, crenças supersticiosas e classificações errôneas para os nossos padrões atuais. Essas velhas práticas e idéias populares, diferentemente do que podemos enxergar da posição científica que se seguiu, “se fundavam na antiga convicção de que o homem e a natureza estavam encerrados em um só mundo”. Existia uma profunda relação simbólica; havia analogias e correspondências entre humanos, animais e plantas. Porém, àquela imposição dos cientistas ao senso comum somou-se ainda a condenação das idéias populares pelos moralistas e a contestação protestante a essas antigas formas de enxergar o mundo.<sup>28</sup>

Aos poucos, também, toda contestação que a ciência provocou acabou por expandir uma postura de ceticismo em relação a toda imaginação ou afirmação humana não comprovada em relação à natureza. Notamos que a postura científica ante os “erros populares” já em fins do século XVII havia se tornado “agressivamente *racionalista*”. Por isso, toda percepção e costume

---

<sup>28</sup> Idem, pp.90-94.

referentes ao mundo da natureza passaram por interferências profundas que acabaram por influenciar todos os níveis da sociedade.<sup>29</sup>

O final do século XVII também foi uma época em que essa ciência que classificava o mundo e sistematizava o conhecimento, diferentemente do modo da sabedoria popular, se distanciou como uma visão erudita. De qualquer forma, porém, tanto para o campo popular quanto para o campo erudito, o nascimento da história natural havia colaborado com a destruição da visão de mundo que se centrava no homem.<sup>30</sup>

### ***A afeição por outros seres***

Por outro lado, e independente dos avanços científicos, nota-se que a proximidade popular com a criação animal desse período da modernidade acabou trazendo uma outra sensibilidade. A postura popular frente à natureza selvagem sempre implicava na noção de que homens, plantas e criaturas silvestres estavam “inextricavelmente vinculados em uma grande comunidade”, e também é verdade que as relações do homem com os animais domésticos implicavam uma certa intimidade entre os dois. Apesar de se procurar manter um certo afastamento ou fronteira em relação aos outros seres, mantinha-se um comportamento afetuoso principalmente com os animais domésticos.<sup>31</sup>

Porém, a descomprometida paixão por animais na Inglaterra, independente da utilidade que poderiam ter, foi demonstrada primeiramente pela família real. O gosto, sobretudo, por cães e cavalos que não fossem destinados a nenhuma necessidade prática (consumo, transporte ou guarda, por exemplo), começaram a receber estima particular: podiam permanecer no interior das casas e recebiam mimos, recebiam um nome pessoal e individualizado e jamais seriam utilizados como alimento.<sup>32</sup>

Embora criar mascotes já tenha sido comum entre as classes abastadas da Idade Média, foi a partir do final desse período que o tratamento doméstico

---

<sup>29</sup> Idem, pp.93-94. (grifo meu)

<sup>30</sup> Idem, pp.95-96;111.

<sup>31</sup> Idem, pp.111;115.

<sup>32</sup> Idem,pp.123-124;135-139.

desses animais passou a constar nos manuais de etiqueta (principalmente os que viviam dentro de casa, como gatos e cachorros). E as recomendações de civilidade desses manuais dirigiam os comportamentos tanto ao que se referia às atitudes de higiene da casa (limpeza dos ambientes onde humanos, cães e gatos conviviam) como de respeito no trato com os bichos (advertia-se os convidados a não chutarem cães e gatos enquanto sentados à mesa durante os banquetes, por exemplo). Portanto, percebemos que ao mesmo tempo que se propunha manter uma certa fronteira entre homens e animais, se estabelecia uma nova forma de conviver com eles.<sup>33</sup> Nota-se que todo esse processo faz parte da sensibilidade desenvolvida pelos costumes civilizados que se instaurava ao longo dos anos.

A nova condição de intimidade, diferente daquela proximidade dos animais criados para sobrevivência (trabalho ou alimentação) dos humanos, alterou a percepção em relação a essas criaturas; os homens, começavam agora a espelhar seus próprios hábitos considerados virtuosos pela sociedade nestes mascotes. Passaram a notar “aspectos morais”, a defender a inteligência e o caráter animais. Começou-se a sentir uma estreita relação desses animais com a sociedade humana. Em algum momento poderia se perceber talvez mesmo algum tipo de cumplicidade (como com os cães de caça, por exemplo), mas também havia a visão de que os mascotes podiam ser racionais, sensíveis e compreensivos. Consequentemente, a familiaridade com esses animais domésticos, e mais precisamente com os cães “decentes e ‘fidalgos’”, indicava que certa pessoa possuía espírito sensível, era reconhecida por sua “elevada humanidade”.<sup>34</sup>

Todo esse contexto de novas sensibilidades, com efeito, acabou por influenciar aquela tendência de cientistas e intelectuais a questionar a posição humana em relação ao mundo da natureza, ou seja, influenciou a oposição à ortodoxia tradicional que tomava a espécie humana como superior às demais. E agora a busca de semelhanças de características humanas entre os animais tinha efeito em uma postura mais cautelosa ao se direcionar ao mundo da natureza. A expansão dos estudos de anatomia comparada fora, por sua vez,

---

<sup>33</sup> Idem, pp.125;133.

<sup>34</sup> Idem, pp.145-146.

um golpe fatal no século XVII que acabou por apontar alguma semelhança entre homens e animais.<sup>35</sup>

Não era à toa que a antiga crença popular leiga de que a religião era inacessível aos animais ia e vinha no amplo espaço nas discussões. E hoje é interessante perceber que não é à toa também a atual visão, percebida a partir dos grupos aqui estudados, na qual os homens estariam inseridos num conjunto cósmico do mundo. Percebo que a época de crescimento da ciência em sua postura essencialmente racionalista influenciou sim a percepção e comportamento da sociedade moderna de hoje, porém, a crise existencial da era tecnológica continuou provocando as inquietações sobre a interferência humana no mundo, o que atualmente introduz novos elementos para a valorização dessa concepção de natureza pelos grupos excursionistas.

Para Keith Thomas, esta questão do resgate do valor dos demais seres vivos seria apenas uma versão da idéia de Platão e Pitágoras, recuperada por alguns neoplatônicos renascentistas: “Ao postular o movimento da alma universal do mundo para o interior de toda espécie de criação animada, ela sugeria que mesmo os animais tinham dentro de si a chama divina”.<sup>36</sup> Portanto, esta não é uma questão nada nova.

Em uma das caminhadas, lembro-me que encontramos uma espécie de gafanhoto diferente; este era de um tamanho médio e colorido. Num certo momento ouvi alguém advertir outro colega com uma exclamação do tipo: “Cuidado! Ele *também* é filho de Deus! (risos)”. Talvez quem disse essa frase não acredite nessa afirmação “ao pé da letra”, isto é, no sentido religioso da coisa, porém a reverência ao animalzinho e a altura da consideração em comparação ao ser humano nos chama a atenção. Ainda que tenha sido dito em tom de brincadeira, uma concepção de mundo é quase perceptível na própria entonação e objetivo do gracejo.

O desenvolvimento da ciência no início do período moderno foi impulsionado pela idéia do “progresso”, da “evolução”, mas atualmente tal visão é abalada justamente pelo desequilíbrio ecológico que essa mesma linha ideológica causou. Hoje a ciência continua com seu valor pelo que ela traz de

---

<sup>35</sup> Idem, pp.146;155.

<sup>36</sup> Idem, p.165.

conforto ao seres humanos, porém percebe-se que há uma procura de outros apoios, outras idéias para a sociedade ocidental. E então, por todo o perfil notado nos grupos estudados, vejo que estas pessoas se colocam bem no meio da dualidade que traduz a inquietação do nosso mundo atual: de um lado, a racionalidade e, de outro, uma certa angústia pela comunhão pacífica com o meio ambiente.

Já em torno do século XVIII, a antiga rudeza no tratamento de qualquer espécie animal, tanto de criação doméstica como aqueles perseguidos na caça, começou a provocar aversão nos espíritos sensíveis. Afinal, mesmo alguns teólogos cristãos agora versavam sobre a idéia de que “a mortalidade dos bichos era parte da maldição que Cristo veio eliminar”. Agora os animais, como os homens, eram vistos como parte da criação divina, e por isso deveriam ter “direito à vida e à felicidade”. A dúvida sobre a questão de os animais possuírem alma ou não era algo que sempre intrigava e pedia uma atitude cautelosa e respeitosa no tratamento dos animais.<sup>37</sup>

Bem diferente do século anterior, na Inglaterra do século XVIII já sobressaía cada vez mais o interesse pela sensibilidade dos animais em “ensaios filosóficos sobre o tratamento moral das criaturas inferiores”, em “protestos contra formas particulares de crueldade animal” e também em “tratados edificantes com o fim de despertar nas crianças ‘uma conduta benévola ante as criaturas brutas’”. Livros, jornais, poesias convergiam para essa nova postura. Desde o início do século XIX, então, as movimentações se voltavam para a defesa dos animais e fundações de organizações com esse propósito. A essa altura, dizia-se que essa nova postura se devia à “gradativa elevação do padrão moral”; e a rainha Vitória expressava sua satisfação ao notar que “sentimentos mais humanos para com os animais inferiores” haviam se expandido entre seus súditos.<sup>38</sup>

A opinião dos moralistas clássicos já havia sido resgatada no início do período moderno ao se condenar os maus tratos aos bichos por se acreditar que tal fato teria um efeito brutalizante sobre o caráter humano. Havia o medo de que os homens acabassem trazendo o tratamento dirigido aos animais para

---

<sup>37</sup> Idem, p.170-171;183;165.

<sup>38</sup> Idem, pp.177-178.



o campo dos humanos e as classes médias educadas viam a necessidade de defender um ideal de refinamento cultivado. Para Thomas, foi uma combinação da piedade religiosa e da sensibilidade burguesa que conduziu às campanhas contra as antigas diversões tradicionais (arremesso de paus contra galos, por exemplo), condenadas agora por sua “selvageria”.<sup>39</sup>

Esse tipo de colocação em prol da civilidade humana poderia ser mais uma dentre a tradição antropocêntrica, contudo mesmo essa tradição estava sendo corroída. Novamente segundo Thomas, “a aceitação explícita da idéia de que o mundo não existe somente para o homem pode ser considerada como uma das grandes revoluções do pensamento ocidental”. Enquanto no pensamento popular ainda persistia de alguma forma a idéia de que “todo esse mundo visível foi criado para o Homem e que “o Homem era o fim da Criação”, os “homens mais sábios” buscavam pensar de outro modo.<sup>40</sup>

As descobertas científicas expandiram as fronteiras da visão de mundo já no final do século XVII. Por exemplo,

“À medida que os astrônomos revelavam não apenas que a Terra não era o centro do universo, mas que havia uma infinidade de mundos, cada um deles possivelmente habitado por espécies desconhecidas, ia se tornando mais difícil defender que a criação existisse para uso exclusivo e benefício dos moradores humanos de um diminuto planeta”.

A idéia de que a Terra e o homem eram a parte central do universo ia sendo abalada ao mesmo tempo em que também a infinidade do mundo microscópico ia sendo desvendada por um novo instrumento inventado nessa mesma época: “milhões de seres animados, protozoários e bactérias”. “A destruição da antiga ilusão antropocêntrica começou, assim, pelos astrônomos, botânicos e zoólogos, [e] completada pelos estudantes de geologia”.<sup>41</sup>

Agora o mundo natural passava a ter um fim em si mesmo, e o homem não passaria, então, de apenas “um elo na poderosa cadeia da natureza”. O conceito de sistema ecológico estava agora ultrapassando “a antiga linguagem centrada em meios e fins”. De meros seres à disposição dos humanos, os

---

<sup>39</sup> Idem, pp.179;185;189-190.

<sup>40</sup> Idem, pp.198-199.

“seres brutos” (animais) passaram a ser considerados primeiramente como semelhantes até receberem referências como “companheiros”, “amigos” e “irmãos”. E até mesmo os seres vivos considerados tradicionalmente como “repugnantes ou nocivos” agora eram incluídos na área de preocupação moral. Embora a maioria das pessoas excluísse a consideração moral para com predadores, pestes e insetos, no final do século XIX havia defensores dos direitos dos animais que já se sentiam mal ao atacar baratas, por exemplo, porque elas teriam o mesmo direito à vida tanto quanto seres humanos.<sup>42</sup>

Hoje, nos grupos excursionistas é incrível notar que qualquer mulher passaria por um vexame ao fazer o menor escândalo ao ver próximo de si qualquer tipo de inseto ou animal peçonhento. E matar uma aranha, por exemplo, pode ser um ato que implique alguma advertência.

Um atual veterano (Roney) do CEU me contou que ao iniciar realmente sua vida excursionista (pois tinha acabado de deixar o escotismo que muitas vezes segue uma linha mais utilitária da natureza<sup>43</sup>), foi advertido por um colega quando estava para matar uma “aranha enorme” por uma simples “reação de defesa”, pois a lógica já naquela época do clube (anos 80), em que o enfoque na coisa esportiva estava mais forte do que hoje, fazia com que se questionasse com naturalidade: “Porque você mataria uma aranha?”. Eu mesma fui aconselhada certa vez a matar rapidamente uma aranha na sede de reuniões do CEU antes que algum excursionista defensor me impedisse. O certo mesmo, para não haver confronto com ninguém, seria conduzir o pequeno ser para fora do restaurante.

Naquela época do século XIX, a nova sensibilidade propunha aos homens pensar de forma refletida nos animais: todos os seres vivos agora eram “entes sensíveis”, isto é, os sentimentos dos animais deveriam ser respeitados. É interessante perceber que toda benevolência dirigida especificamente ao mundo animal naquela época ainda não continha a preocupação de retorno benéfico para a conservação humana, como hoje ocorre quando se tem a preocupação da conservação dos elementos naturais

---

<sup>41</sup> Idem, pp.199-201.

<sup>42</sup> Idem, pp.202-203;206;228.

<sup>43</sup> Algumas técnicas utilizadas no escotismo, tais como cortar madeira para alguma utilidade no acampamento, é fortemente rejeitada, além de ridicularizada, pelos excursionistas.

(água, ar, solo, vegetação, etc) tendo em vista a condição de sobrevivência da espécie humana no planeta. Noto, portanto, também aqui esta tendência de sensibilidade desenvolvida pelo comportamento civilizador nas pessoas deste segmento excursionista; podemos ver isso nas suas posturas primárias. Isto é, muitas vezes podemos perceber a gratuidade da postura de respeito para com a natureza até mesmo antes da postura ecologicamente consciente.

Keith Thomas diz que:

“A metade de século XVIII presenciou um culto da sensibilidade, uma voga de lágrimas e uma ampla aceitação por parte das classes médias do princípio de que ‘transmitir felicidade é característica da virtude’. A bondade e a benevolência passaram a ser ideais oficiais”.<sup>44</sup>

A tendência de benevolência para com os animais lá pelo século XVIII já havia atingido a idéia de que seria uma questão de princípio de justiça, para além de ser um princípio de humanidade.<sup>45</sup>

Uma ressalva, no entanto, é interessante: nota-se que, pelo menos na Inglaterra, as considerações sentimentais, ou leis que determinassem o tratamento humanitário para com os peixes foram bem tardias. Isso porque estes animais não expressavam reações sentimentais que os humanos conseguissem reconhecer facilmente. Assim, a pesca com vara (caniço) manteve uma reputação de “passatempo filosófico, contemplativo e inocente”, além de ser considerada “adequada aos clérigos”.<sup>46</sup> Vejo portanto que não é por acaso que muitos excursionistas tenham passado a infância acompanhando parentes (pais, tios, etc) na prática deste esporte “contemplativo” por entre matas e rios. Durante os depoimentos coletados para essa pesquisa, a recorrência à prática da pesca na infância era usada na lembrança de como o gosto pelas excursões em ambientes selvagens foi desenvolvido em suas histórias de vida. Talvez este seja um forte elemento que proporcionou o desenvolvimento deste gosto por atividades na natureza, isto é, no sentido da noção de *habitus*.

---

<sup>44</sup> Idem, p.210.

<sup>45</sup> Idem, p.215.

<sup>46</sup> Idem, p.212.

De qualquer forma, seguindo a idéia de disposição dos bons tratos aos animais, ao final do século XVIII, a tendência já havia abraçado o hábito de dedicação às plantas. Árvores e plantas deveriam ser “tratadas com humanidade”, pois elas também teriam paixões e afeições, como os animais, como os humanos.<sup>47</sup>

### ***O gosto pelas plantas***

O processo de crescente gosto por árvores e flores não foi diferente da simpatia para com os animais. À medida que o triunfo da civilização encolhia a extensão de florestas, gradativamente começava a se considerar que seria melhor “plantar árvores que derrubá-las”. Já no início do período moderno o costume do “plantio para ornamento e amenidade” havia se expandido mesmo nas cidades, haja visto a arborização no planejamento urbano, na arquitetura e a criação dos parques na Inglaterra. Estes eram ambientes criados como cenários para os passeios, para se tomar ar, andar a pé, e proporcionavam “deleite aos olhos”.<sup>48</sup>

Para Keith Thomas, parece impossível afirmar quando começou o cultivo de árvores, pois elas sempre tiveram alguma utilidade (abrigo de vento, sombra, combustível, etc.). Porém, com as motivações do cultivo aristocrático de afirmação social e senso estético, entre outros, que se estabeleceram desde o princípio da modernidade, as árvores “tinham-se tornado parte indispensável do cenário da vida da classe superior”, ao lado dos cães e dos cavalos.<sup>49</sup>

No final do século XVIII, a obsessão do gosto pelas árvores, inclusive expressa por poetas e artistas, é mais uma indicação das sensibilidades modernas. Desenvolveram-se sentimentos tais como o remorso por se destruir uma árvore antiga, isto é, a natureza ganhava agora um forte valor de estima.

Ao nos voltarmos aos costumes dos excursionistas de agora vemos a herança dessa sensibilidade quando, por exemplo, uma reforma numa via de escalada na Pedra do Baú – São Bento Sapucaí é urgentemente reclamada ao

---

<sup>47</sup> Idem, p.214.

<sup>48</sup> Idem, p.235;245.

<sup>49</sup> Idem,p.244;250.

se notar que uma pequena árvore estava com sua existência comprometida por ser usada como apoio nos primeiros movimentos de quem sobe por ali. Aliás, no quesito de cuidado com a vegetação e vida animal em paredes de escalada em rocha, os excursionistas aqui referidos costumam ficar indignados com “rappeleiros” (isto é, normalmente aqueles aventureiros que não são escaladores) por não prestarem a devida atenção com as questões de “mínimo impacto”.

Parece-me que à medida em que aumenta o número de pessoas envolvidas com as atividades em ambientes naturais cresce a preocupação destes excursionistas com relação à preservação dos lugares por onde passam; suas regras ficam cada vez mais cuidadosas. Um membro do CEU (Milton) me fez atinar para fatos que apontam esta tendência ao me contar como surgiu o movimento “Pega Level!”, o programa de divulgação de conscientização da população freqüentadora dos ambientes naturais que nasceu neste clube e hoje é apoiada e seguida pelas federações montanhistas de todo o Brasil. Mesmo já sendo um desafio da época em que ele se iniciou no excursionismo (anos 80), fazer com que o local visitado não demonstrasse nenhum tipo de rastro de acampamento, costumava queimar o lixo com seus amigos durante as viagens, contudo ao perceber que este método ainda fazia com que permanecessem alguns detritos, desenvolveu-se o hábito de trazer de volta à zona urbana todo e qualquer tipo de lixo.

Hoje, percebo que os excursionistas mais novos em idade já adquiriram estes hábitos cautelosos, como as atitudes citadas no começo deste capítulo em relação à teia de aranha e o recolhimento de pontas de cigarro. Ainda no grupo do T&T encontrei um membro que me aconselhou, por exemplo, a não jogar no mato o cabinho da maçã que havia comido. Tenha sido qual for o objetivo deste conselho, seja para não causar interferência no ambiente da mata ali ou para que eu adquirisse um hábito mais atento, tal fato só me sugere pensar sobre essa dita sensibilidade.

Uma outra vez também lembro ter-me sentido constrangida entre meus colegas ao ter amassado uma planta da beira do caminho enquanto cedia espaço para outras pessoas passarem à minha frente na trilha. Ao ouvir qualquer exclamação do tipo “Coitadinha! Tão fraquinha!”, procurei arrumá-la

de volta em seu lugar. No estado de cansaço e no ambiente onde estávamos, uma mata repleta de plantas, é interessante perceber que o menor dano que seja em uma única delas pode ainda trazer este sentimento que parece uma mescla de desejo de preservação e compaixão. A lógica aqui parece ser a de que há necessidade de prestar atenção nos detalhes (já que a soma de pequenas displicências provoca maiores danos), mas também uma afeição gratuita.

Parece bem claro que o cuidado para com o local selvagem visitado é justamente a regra desse esporte, um comportamento meticuloso de respeito e paixão. Isso se nota na expressão do recado de um montanhista do T&T após retornar de uma viagem na qual houve um incidente por ele causado:

“Bom dia a todos.

Grande prazer em subir o Marins com este pessoal muito legal, obrigado a todos.

Subi o Marins com a proposta de causar o mínimo impacto possível e acabei cometendo um erro que me deixou bem chateado. Em um descuido e uma decisão equivocada de pegar água próximo à rampa que dá início à travessia pro Itaguaré, tomei um tombo, e no momento apenas me preocupei com meu joelho que doeu bastante. Minutos depois percebi que tinha perdido o Talk About. Voltei, procurei e não encontrei. O pior é que o aparelho caiu em um lugar com chances remotas de alguém achar e recolher.

Terei a chance de reparar o erro e tentar resgatar o aparelho, mas ainda estou tirando algumas conclusões. As mais imediatas são:

- quando não se tem hábito de usar "penduricalhos" não use, se usar, talvez um cordelete com um bom nó possa evitar uma cagada destas;

- depois de três anos sem fazer trilha, não deveria me expor a uma caminhada extra. Fui atrás de água, optei por um caminho ruim e caí, causando impacto e fazendo a sujeira;

- observar bem o caminho é extremamente importante, tenho uma limitação visual séria, estou sujeito a tombos e perder coisas, se mais alguém tem esta limitação redobre o cuidado em trilhas;

- mesmo cercado de boas intenções (recolher lixo na trilha e conversar sobre o que não fazer), pode se causar danos ecológicos maiores que um dito "pingaiada".

Se houve algo bom além de conhecer pessoas bacanas e de rever a natureza de um pico, foi o uso do "Kagator", não fiz buraco, não fiquei rodando procurando "o melhor lugar" e é prático, e a cal virgem líquida qualquer odor.

Obrigado e farei o máximo para reparar meu erro." (Speedy)<sup>50</sup>

É importante ressaltar neste quadro também que este mesmo montanhista é conhecido entre os colegas por sua elevada capacidade física para o esporte, contudo podemos perceber que a lógica das regras aqui não permite que se centre apenas em questões de competição, superação ou conquista.

Interessante notar que, já na época da aristocracia do século XVIII, as árvores ganhavam mérito não só por sua utilidade ou beleza, "mas por seu significado humano, pelo que simbolizavam para a comunidade em termos de continuidade (...)"<sup>51</sup>

Deste ponto para se atingir um sentimento religioso em relação às árvores e os elementos da paisagem de natureza verde foi uma questão apenas de tempo. "Alguns primeiros protestantes sustentavam, firmemente, que se podia rezar tanto nas igrejas como nos campos ou bosques". Começou-se a despertar para a idéia de energia e virtude das árvores.<sup>52</sup>

É interessante notar com Thomas que "na era romântica, a analogia entre os bosques e a arquitetura eclesiástica tornou-se lugar comum". A freqüência às matas era equivalente à freqüência às igrejas.<sup>53</sup>

### ***A prática da jardinagem como virtude***

A partir do século XVI, também podemos ver que houve um grande aumento de estima pela prática da jardinagem. E isso muito além do seu emprego medicinal ou beleza. O gosto pelas flores se deu no mesmo grau da

<sup>50</sup> [http://www.grupos.com.br/grupos/trekking\\_e\\_travessias](http://www.grupos.com.br/grupos/trekking_e_travessias) (16/maio/2005)

<sup>51</sup> Idem, pp.254;256. Na Inglaterra, muitas vezes as árvores eram utilizadas para representação de pessoas e/ou famílias nobres.

<sup>52</sup> Idem, p.257.

<sup>53</sup> Idem, p.258.

crescente visão mais sentimental para com os animais e árvores. E a jardinagem exótica foi um importante elemento na história da Europa.<sup>54</sup>

Os conhecimentos de botânica e agricultura foram importantes fatores no crescimento do interesse pela pesquisa. Primeiramente os “jardins mais ambiciosos pertenciam aos médicos e boticários”, depois aos nobres, fidalgos, clérigos, comerciantes e pessoas abastadas. E aqui, vejo que não é de se estranhar nos grupos excursionistas /montanhistas a companhia de colegas profissionais, por exemplo, nas áreas de biologia, geologia, geografia, medicina, etc.

Na história, porém, vemos que aos poucos a “diversão adorável” da jardinagem já se estendia “bem além do mundo dos ricos e das pessoas elegantes”. No final do século XVII, qualquer cabana na Inglaterra já tinha seu jardim adequado, e no século seguinte, a jardinagem já era “uma atividade de pessoas de todos os níveis de vida”.<sup>55</sup>

Nas cidades o cultivo de flores também ganhou muita importância. A falta de espaço era superada com a adaptação de caixotes, vasos, etc. Ainda mais destacadas pela paisagem urbana de pedra, as plantas eram preciosas e as ruas se transformavam em jardins.<sup>56</sup> Por ser mais acessível à população, a prática da jardinagem parece ter sido uma ponte entre os extremos da sociedade para que o curso da afeição à natureza se seguisse até nos alcançar nos dias atuais.

Além disso, enquanto a dedicação pessoal para com as árvores podia proporcionar “um vínculo com a eternidade”, já que tinham longa vida e “simbolizavam a existência contínua da comunidade”, as flores representavam a “brevidade da vida” além de indicarem pureza, beleza, decência e virtude. Portanto essa sensibilidade da dedicação a estes elementos da natureza apontava uma busca de transcendência.<sup>57</sup> A popularidade dos jardins também se dava por ter uma “dimensão espiritual” quando transmitiam uma noção de paraíso (como ainda notamos em nossos dias).<sup>58</sup> Como os bosques já

---

<sup>54</sup> Idem, pp.267;270;286. Isso principalmente por causa daqueles países que tinham relações com o Novo Mundo, com o Oriente, com o Mediterrâneo – Itália, Espanha, França, Holanda, Inglaterra.

<sup>55</sup> Idem, pp.269-270;272-273.

<sup>56</sup> Idem, pp.280-281.

<sup>57</sup> Idem, pp.258;274-275.

<sup>58</sup> Idem, p.281. E isso não nos traz muita surpresa, pois pelo que diz o autor aqui seguido, esta é uma concepção “com raízes na tradição grega, romana e oriental”.



proporcionavam um ambiente de contemplação, agora o jardim somava uma aparência alegre ao gosto pela natureza.

Achei interessante notar essa soma de emoções – gosto pela nobreza do detalhe e pelo seu afeto – convergindo num mesmo estado de fascínio pelo ambiente natural, numa simples discussão dos excursionistas em uma das listas da Internet. Ao defender um colega que havia sido alvo de um gracejo qualquer por divulgar fotos de flores de uma de suas viagens, um excursionista (Jorge) reclamou chateado com a situação:

“Se isso não é legal [fotografar flores], o que é então?”;

e depois uma outra excursionista acrescentou:

“Fotografar flores é muito legal, eu, particularmente, gosto muito!!!

Às vezes a beleza está nos detalhes, e a vida no meio do mato durante uma trilha, não é feita somente de paisagens monumentais!!! O importante é registrar emoções...”<sup>59</sup>

A título de observação, vale registrar aqui que, sendo o excursionismo um esporte com fortes traços masculinos, esse gosto sensível pela natureza que faz parte das regras não indica feminização, mas distinção – objetivamente interiorizada – em relação ao mundo exterior desse circuito.

Vejo que é justamente esta atitude um dos diferenciais importantes dos grupos aqui selecionados em relação aos demais viajantes aventureiros casuais (ou àqueles que gritariam “Uhhuuu!”, como diriam estes excursionistas): a atenção no todo. Alcançar o objetivo de uma empreitada (o cume de uma montanha ou fazer novas descobertas de lugares ainda não conhecidos, por exemplo) não é o bastante se não se desenvolvem habilidades complementares. As reflexões pessoais, por exemplo, são um aspecto freqüente que transformam em poesia o próprio *ethos* do grupo. Vejo isso, por exemplo, na troca de mensagens pela Internet. O relato e os comentários de um dos excursionistas do T&T nos aponta para o acréscimo de uma emoção sensível, e não simplesmente um gosto da moda, efêmero:

---

<sup>59</sup> <http://www.grupos.com.br/grupos/trekking.sp> (01/abril/2005)

“Às vezes... me pergunto qual o porquê de passar tanto perrengue nas trilhas, afinal, carregar mochilas pesadas, suar muito, cair em alguns buracos, encarar muitas fileiras de ‘bambuzinhos’, montar e desmontar barracas, sentir o frio gélido a cortar a alma, entre tantas outras adversidades, não é fácil. Então, torno a perguntar: qual o porquê de tudo isso?

Neste fim de semana, tive a resposta, mais uma vez, para tanto sofrimento: fiz uma trilha básica, o querido Sino no PARNASO. Dia perfeito, temperatura agradável no início da tarde e lá vamos nós ladeira acima. Chegamos tranquilos no abrigo quatro que já estava muito cheio. Continuamos mais um pouco e montamos as barracas ao lado de uma rocha, em meio a uma clareira, um pouco antes do cume. O vento ali sopra medieval, sem pena daqueles que teimam em ficar em seu caminho. À noite, belíssima e com o céu salpicado de estrelas, me fazia lembrar fogos de artifício a espocar em uma festa de São João.

Aquela comida de trilha tradicional, nosso querido Miojo com alguns apetrechos para melhorar a aparência, se é que isso é possível, não podia faltar. Um capuccino para fechar a noite e todos para dentro da barraca, pois a temperatura congelava a alma e o sereno caía igual chuva grossa (nem deu tempo para uma conversa mais apurada com os grandes amigos que ali estavam presentes).

Acordamos às 05:00 h e às 05:20 h já estávamos no alto do Sino - tudo escuro. Às 05:40 h, saem da penumbra algumas montanhas e nuvens de algodão em uma simbiose de fazer corar Marquês de Sade. O vento frio, gélido, mau, insiste em cortar nosso corpo, mas não desistimos. Às 06:10 h, lépido e fagueiro, lá vem ele: o senhor absoluto da natureza, o sol com toda sua força imperativa. O negrume desaparece por completo e todos que estão ali naquele momento têm, enfim, a resposta para tanto perrengue: que alvorada, que lindo nascer do dia, que bom estar vivo e poder usufruir deste espetáculo ímpar que a natureza nos proporciona. Para fechar o visual, do lado oposto, estava a maravilhosa Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, cristalina, diáfana, pronta para exercer sua vocação natural de complemento perfeito para o Deus Sol.

Aí meus amigos trilheiros, saibam que é por essas e por outras que não saio dessa vida, apesar de continuar lesado, caindo toda hora e sendo alvo de risos soltos e gostosos daqueles que caminham comigo.

Risos, muitos risos.

Fraterno Abraço”. (LHMoreira – Andarilho)<sup>60</sup>

O desenvolvimento de habilidades sensíveis é uma virtude essencial para a prática do excursionismo. Vejo isso claramente na tendência dos

excursionistas, por exemplo, escolherem suas carreiras seculares direcionadas para questões ambientais; sejam geógrafos, biólogos, geólogos. Mesmo porque, como temos visto neste trabalho, a história do relacionamento do homem com a natureza na configuração que se tem hoje passa pela íntima relação com estas ciências escolhidas pelos excursionistas. Porém até mesmo os arquitetos, advogados, engenheiros, etc. acabam focando e trabalhando com questões que envolvem o problema ecológico ambiental.

Também a própria maneira com que se dedica à prática da fotografia nestes grupos já aponta uma maneira de olhar habilidosa e diferenciada destes excursionistas independentes em relação aos demais viajantes eventuais. No CEU a prática da fotografia é até considerada como uma das atividades próprias do clube, e a idéia é desenvolver justamente um olhar distinto. Ou seja, o estilo de fotografia que apenas comunica algo como “Já estive aqui, ali e acolá também!” ou simplesmente “Eu consegui chegar aqui!” não são apreciadas justamente por serem comuns e não representarem com devida habilidade o conceito de harmonia com a natureza e, portanto, de sensibilidade e dedicação à atividade exercida.

É muito comum a troca de informação sobre técnica de fotografia entre os membros de ambos grupos pesquisados. No CEU há um concurso anual de apresentação de slides chamado “OscarCEU”, na qual cada excursionista monta uma seqüência de suas imagens preferidas e planeja a exibição ao ritmo de uma música, sem que haja explicação oral alguma. No T&T, não se inventou uma tradição desse tipo ainda, porém percebe-se que à medida que as pessoas permanecem no grupo, tendem a aprimorar seu olhar fotográfico e passam a participar de concursos organizados por agências na Internet.

Nesses aspectos, especificamente, percebemos que estes grupos sabem bem ajustar sua tendência às habilidades técnicas, as quais notamos já possuírem em suas profissões, com a sensibilidade e o gosto pela natureza.

Vemos, assim, que os grupos excursionistas aqui estudados estão exatamente inseridos naquela tendência histórica da sociedade burguesa que busca o desenvolvimento de virtudes. No cultivo de flores na Inglaterra do início

---

<sup>60</sup> [http://www.grupos.com.br/grupos/trekking\\_e\\_travessias](http://www.grupos.com.br/grupos/trekking_e_travessias) (16/maio/2005)

do século XVIII, por exemplo, notamos com Keith Thomas que já se abria uma oportunidade de refinamento, pois essa atividade continha um valor moral.

“a jardinagem emergia como um meio através do qual as pessoas humildes podiam aspirar a um certo respeito. O cultivo de flores, acreditava-se, tinha efeito *civilizador* sobre os pobres trabalhadores. Ligava o homem ao lar e difundia o gosto pelo *asseio* e pela *elegância*. As madressilvas em torno da porta de uma cabana não eram pitorescas, apenas: também eram um sinal de sobriedade, diligência e higiene dos seus moradores”.<sup>61</sup>

A idéia de que o relacionamento com a natureza possa ser propício para se cultivar hábitos civilizados prossegue em nossos dias com essa prática de atividades esportivas na natureza dos grupos excursionistas; é interessante notar como costumam manter uma “postura saudável”, por exemplo. Em alguns lugares freqüentados é interessante notar a distinção de comportamento quando encontram outros grupos em alguns lugares de acesso mais fácil (por exemplo, nas praias da travessia da Ponta da Juatinga – RJ, na Pedra do Sino na travessia da Serra dos Órgãos – RJ). Ao contrario do que muitas vezes é imaginado pelas pessoas que não fazem parte do circuito, estes excursionistas não são adeptos do uso de drogas e também não têm a prática de sexo como ideal durante as viagens, já que colocam suas atenções no sucesso das empreitadas.

Seguindo ainda a história, vemos que, por outro lado, a popularização da prática da jardinagem na Inglaterra do século XVIII fazia com que houvesse um jogo de moda. Portanto, a preocupação com a raridade e a novidade acompanhou a história deste gosto; logo que uma determinada espécie de planta era vulgarizada nos jardins de casas mais populares, a tendência era que esta caísse em desmerecimento para a pequena nobreza da época. E nesse movimento, vejo que não há diferença do que ocorre na sociedade burguesa de hoje, pois como podemos observar em exemplos já citados aqui sobre os excursionistas independentes, a lógica segue um ideal de lugar a ser explorado que jamais tenha sido visitado por outros antes. Digo, esta parece ser a lógica do ideal, e a tendência segue então na escolha de lugares a serem

---

<sup>61</sup> Idem, p.279. (grifos meus)

visitados que fujam de ambientes já popularizados. Os parques nacionais e regiões cada vez mais trilhadas continuam sendo visitados e contemplados, porém ao responderem minhas perguntas, como já disse anteriormente, praticamente todos os entrevistados deram maior valor a conhecer lugares inexplorados.

De qualquer forma, a própria relação que se tem com o objeto apreciado (a natureza), já nos indica uma tomada de posição distinta em relação à popularização das práticas na sociedade. Vemos com Thomas que, à época em que a aristocracia inglesa afirmava seus poderes através do simbolismo das árvores cultivadas ao redor de suas propriedades, “quem não podia plantar árvores pelo menos gravava seus nomes nelas”.<sup>62</sup> E hoje é interessante notar que freqüentadores de parques que não fazem parte deste circuito excursionista têm o costume de gravar seus nomes em rochas, por exemplo, o que para os grupos estudados aqui significa uma atitude descabida e inaceitável.

Na realidade dos excursionistas é claro que não existe propriedade privada de bem natural algum, contudo o sentimento que se tem em relação aos elementos naturais é tão próprio de seu *habitus*, que parece não haver uma necessidade de dominação ou conquista do ambiente visitado. O fato de ser um amante da natureza, no formato de um excursionista independente, parece sugerir uma lógica de pertencimento daquele ambiente numa linha de continuidade entre o sujeito, a rocha, a montanha, a vegetação, os animais, etc. Podemos dizer que as pichações não causariam catástrofes ecológicas (mesmo porque as pinturas rupestres não causaram dano algum à natureza), porém a reprovação e ridicularização de tal tipo de atitude pelos excursionistas indica um estado de relacionamento atual com a natureza que parece exigir mais do que a simples preservação ecológica. A tendência atual deste segmento da sociedade a dar importância a um comportamento mais contido e racionalizado passa pelos sentimentos de respeito e a reverência para com o ambiente natural.

---

<sup>62</sup> Idem, p.260.

### ***O gosto pela natureza selvagem e o dilema do homem civilizado***

Após todo desenvolvimento do valor da sensibilidade para com o cultivo de plantas na história da sociedade inglesa, a próxima etapa seria então a busca de “satisfação emocional muito além do jardim”, já que esta prática havia se popularizado. A partir do século XVIII, a própria natureza selvagem seria o campo mais distante dos propósitos utilitários dos homens e, portanto, mais apreciada e querida.<sup>63</sup>

No período que antecedeu este momento podemos ver que o relacionamento da sociedade inglesa com as árvores tinha chegado a um nível tão estreito que seu tratamento acompanhou as alterações nas tendências (modismos) educacionais. No século XVI, enquanto se acreditava que as crianças deveriam ser educadas com repressão, o costume era podar as árvores e desbastá-las; os arbustos deveriam ser regularmente ordenados e aparados. Ou seja, as árvores para “ornamentação eram severamente controladas pelo homem”. Porém, já no século XVIII, quando “as teorias educacionais se tornaram menos repressivas, o cultivo de árvores passou da ordem para a espontaneidade”.

Agora se reagia contra os costumes “não naturais”, qualquer atitude que significasse violação causava repugnância. A reflexão sobre a sensibilidade e a dor das árvores desenvolveu um forte gosto pela irregularidade paisagística, pela árvore em seu crescimento natural e pela rusticidade. Além disso, “o livre crescimento das árvores agora simbolizava a liberdade do homem inglês”; aquele que assim agisse com as suas árvores demonstrava “pretensão ao bom gosto”.<sup>64</sup>

Também com a tendência urbanizadora da modernidade, os olhares já haviam se voltado para a rusticidade do campo com sentimentos diferentes daqueles que acusavam de bárbaras essas zonas rurais. A deterioração do ambiente urbano (a poluição do ar, o tráfego intenso, as pestes, o barulho, etc) levava as pessoas a considerarem a beleza do campo já antes mesmo do século XIX, como diz Thomas. A imaginação das “delícias do campo” pelos

---

<sup>63</sup> Idem, p.287.

<sup>64</sup> Idem, pp.263-265.

habitantes urbanos se dava, contudo, para além da ansiedade por uma vida materialmente saudável, imaginava-se também um ambiente de pureza moral.<sup>65</sup>

A essa altura, o campo, a nostalgia da virtude da área rural, já tinha passado a ser considerado como “obra divina”, enquanto a cidade era considerada como “obra humana”. Portanto, a idealização da vida rural já seguia o caminho dos atrativos estéticos e espirituais.<sup>66</sup>

O gosto pelo jardim formal e pela terra cultivada sofreu uma drástica mudança ao final do século XVIII. A partir de então começou a dedicação por um estilo paisagístico de jardim o qual seria “difícil distinguir de um campo não cultivado”.<sup>67</sup> Na realidade dos nossos dias, foi interessante notar que quando ouvi expressões do tipo “paisagem de natureza natural”, ainda que soasse como algo estranhamente redundante, sabia perfeitamente que o montanhista entrevistado queria indicar o tipo de paisagem que não sofreu influência humana.

É neste momento do desenvolvimento do gosto pela natureza do século XVIII, portanto, que as montanhas começam a despertar interesse, já que elas eram praticamente a última paisagem selvagem – na Europa – que não tinham passado pela domesticação humana. “Quanto mais selvagem a cena, maior o seu poder de inspirar emoção”. Assim, era a própria montanha, a “velha floresta” e a “torrente que despenca sobre as rochas” que poderiam elevar a mente “ao mais alto grau” e produziram uma “sensação sublime”, e não mais simplesmente “a paisagem alegre, o campo florido ou a cidade florescente”. A montanha, que foi profundamente odiada no início do período moderno por seu ambiente hostil à sobrevivência humana, tinha se transformado em objeto “da mais elevada admiração estética”. As representações artísticas de paisagens, de “vistas”, também agora acabavam moldando os gostos das classes educadas.<sup>68</sup> Thomas diz sobre as classes médias desse momento: “O maior conforto na vida cotidiana tornava as provações mais árduas – desde que

---

<sup>65</sup> Idem, pp.290-293.

<sup>66</sup> Idem, p.297.

<sup>67</sup> Idem, p.307.

<sup>68</sup> Idem, pp.307;315.

ocasionais –, mais atraentes para as classes médias em férias; um certo grau de risco entrava nos atrativos.”<sup>69</sup>

É interessante notar nesta pesquisa que a parte elegante da sociedade inglesa nunca passava o ano inteiro na cidade. Vemos, deste modo, que estas classes sempre tiveram ligações muito íntimas com o campo, porém, sem negarem o conforto que se desenvolvia nas cidades. Por exemplo, carregava-se o senso de civilização urbana para a arquitetura das mansões do campo. E também “os prazeres, vitalidade e oportunidades econômicas da vida metropolitana eram irresistíveis”. Para Thomas, o elogio às “virtudes campestres” se deu justamente por estas classes estarem tão intimamente apegadas às cidades que os elogios a ela eram desnecessários, por serem óbvios.<sup>70</sup>

Hoje, o segmento dos excursionistas independentes acompanha a mesma lógica. A racionalidade do ambiente civilizado é carregada para as trilhas, embutida, por exemplo, na tecnologia que os equipamentos oferecem a estes esportistas: mochilas adequadas com boa regulagem, alimentação rigorosamente planejada, calçados seguros, barracas leves, porém resistentes e confortáveis, etc. Percebemos isso na fala de Karina (diretora de escalada do CEU):

“(...) A gente, na verdade, aprendeu a fazer essa coisa melhor. Se você está com uma mochila confortável, com barrigueira, etc. Nossa! Fica gostoso caminhar assim, né? Se você põe um agasalho velho que vai te manter quentinho à noite, então você fala ‘Nossa! Que legal! Dormi super bem!’”.

Embora exista um ou outro excursionista menos apegado a esses luxos, o sentimento de necessidade de retorno à zona urbana é comum. Isso demonstra bem como os valores destes grupos são construídos a partir de uma perspectiva da cultura civilizada.

O que percebo nas posturas, falas e preferências dos excursionistas independentes é um grande conflito interiorizado em cada um deles que nada mais seria do que o próprio paradoxo da sociedade moderna em uma pequena

---

<sup>69</sup> Idem, p.310.

<sup>70</sup> Idem, pp.295;299.



partícula: a questão do desenvolvimento sustentável ou como manter o conforto da sociedade de consumo ao mesmo tempo em que se busca desesperadamente manter intacta a natureza. A vivência deste contraste parece ser o elemento central da excitação da atividade excursionista. Em uma das entrevistas ouvi sobre o choque de vivenciar drasticamente duas realidades opostas, da cidade e do ambiente de natureza selvagem:

“Eu sempre gostei desse choque. Sempre! Porque ele te deixa num estado de êxtase quase, onde sua percepção fica muito mais aguçada. Também é uma questão física. [Isto que estou falando] não é uma ‘viagem’ [sem sentido], porque você ficou uma semana ouvindo barulhos muito suaves, falando menos... e aí você volta vendo as coisas numa perspectiva diferente. Isso é um fato. E eu sempre gostei de ter essa perspectiva privilegiada que acontece no momento desse choque, da transição. Depois você se readapta. Você começa a ver as estruturas sociais, o jeito que as pessoas fazem as coisas como autômatos e de repente você está num transe que é esse choque da volta. E isso eu sempre curti”. (Lorenzo)

Prosseguindo no panorama histórico, percebemos que a paisagem agreste e não cultivada passou a ser muito notável por ter deixado de ser “objeto de aversão para se tornar fonte de *renovação espiritual*”.<sup>71</sup> Não é à toa que hoje os excursionistas podem usar o termo “recarregar as energias” ao saírem para o ambiente natural mesmo que suas atividades exijam alto preparo e desgaste físico. Embora existam excursionistas ateus, a sensibilidade por uma força maior da natureza é muito visível: a força de uma tempestade, a capacidade de pequenas formigas perfurarem e atravessarem barracas, mochilas e sandálias, etc. Muitos excursionistas chegam mesmo a ter uma crença mística sobre a natureza. Porém o que queria ressaltar aqui é a conjugação da racionalidade com a espiritualidade do olhar dessas pessoas ao se dirigirem ao campo da natureza. A afirmação do mesmo montanhista citado acima expressa muito bem isso:

“A natureza traz energias positivas. Você tirar o sapato e por o pé no chão, numa rocha, (...), são bilhões de toneladas de rocha! Aquilo lá, fisicamente mesmo, se você chegar lá com um aparelho que mede a gravidade, você vai ter alterações do

---

<sup>71</sup> Idem, p.307. (grifos meus)

campo gravitacional. E é obvio, em termos de física, que isso vai te alterar também, a sua estrutura celular (...), vão estar sendo permeadas por essas energias. Isso no mundo físico, mas se você tem uma visão que vai além só do mundo físico, você pode entender que isso tem uma importância espiritual e tal...". (Lorenzo)

Não é à toa que até hoje se diz que “o ar da montanha faz bem...”, já que “no final do século XVII, a difusão da mística da natureza entre os teólogos e filósofos veio a par com a convicção, de uma minoria cada vez mais ampla, de que as montanhas davam prazer porque ofereciam o ar mais puro e as melhores vistas”. A “atração pela natureza sem a mão humana” tinha alcançado espaço na literatura e entre os intelectuais como “algo sofisticado”. Agora é lá na montanha que se encontram os “efeitos cênicos excitantes”, o “sinal da sublimidade divina”, o “sentimento de vida” pulsando. Podemos notar a forte sensação de privacidade, uma vez que se buscava nesses ambientes uma “oportunidade de auto-exame e de devaneio íntimo”.<sup>72</sup> Parece que o crescente gosto pelos lugares inóspitos, que procurava fugir do gosto popular, continuava no bojo da tendência ao desenvolvimento de virtudes, isto é, sensibilidades e posturas do processo civilizador.

É interessante notar também que “o sentimento de pasmo, terror e exultação, antes reservado a Deus, gradualmente ia sendo transposto ao cosmos em constante expansão, revelado pelos astrônomos, e aos objetos mais sublimes descobertos pelos exploradores na Terra: montanhas, oceanos, desertos e florestas tropicais”.

A natureza selvagem é considerada como valor espiritual salutar, até hoje nos grupos excursionistas estudados. Percebemos isso nas afirmações do tipo “Passei um bom tempo me lavando naquelas águas de cachoeira!”, no sentido de “lavar a alma”, na vontade de correr de volta à natureza para se purificar da condição humana. Em uma das entrevistas também, uma excursionista me contou que à medida que ela passava os dias em caminhadas por matas e montanhas a fora, os animais se aproximavam cada vez mais dela; logo que entrava no mato não conseguia vê-los, mas à medida que entrava em “sintonia” com o local e deixava a “energia urbana”, percebia a

---

<sup>72</sup> Idem, pp.308-309;314.

aproximação dos bichos (pássaros, esquilos, etc.). É comum se sugerir que em meio às caminhadas se tire as botas para que se sinta a energia da rocha, da terra, do lugar em si, como mostrou o depoimento acima.

Percebe-se também a busca de um tratamento de igualdade para com os elementos da natureza. Certa vez um rapaz comentava sobre a dificuldade de se caminhar entre os bambuzinhos que encontramos em trilhas que se elevam à vegetação de campos de altitude. Normalmente esses bambus dificultam muito a passagem em longos trechos de caminhada, agarrando-se à mochila cargueira e arranhando a pessoa que muitas vezes deve se rastejar por debaixo deles. E então meu colega me sugeria, com seriedade, que eu pedisse licença à vegetação para que a caminhada se tornasse mais leve. E isso não era uma sugestão para que simplesmente eu me sentisse melhor, mas para que também se estabelecesse uma comunicação entre o caminhante e os elementos do ambiente visitado.

Vejo, portanto, que há um longo caminho histórico de referenciais ideológicos percorrido até os nossos dias que culmina num determinado segmento da nossa sociedade que vivencia uma vontade de comunhão plena e pacífica com a natureza; e esta natureza entendida de uma maneira mais ampla, ou seja, entendida como o cosmos. Parece que é justamente por causa das conquistas tecnológicas que o homem hoje continua se sentindo perplexo diante da natureza. O homem contemporâneo ainda se sente embaraçado ou perturbado com a dimensão do universo tanto em sua distância ainda inalcançável (“Existiria vida fora do planeta terra?” é uma questão freqüentemente discutida durante os devaneios dos jantares sob o céu estrelado dos acampamentos dos excursionistas); quanto na rica dimensão microscópica (na observação das plantas, das teias de aranhas ou das formações de estalactites e estalagmites em cavernas os excursionistas se sentem perplexos).

Na fala de um montanhista em uma das mensagens da lista virtual do T&T podemos perceber a preocupação de ressignificação do lugar do homem na natureza:

“Um dia, li o livro do Amyr Klink intitulado ‘Mar Sem Fim’. Uma obra muito bonita e que se encaixa bem ao nosso modo de ver o mundo.

Existe um parágrafo neste livro que nunca mais esquecerei, a não ser que seja acometido do Mal de Alzheimer, que passa a seguinte idéia:

Um homem não pode só ficar imaginando um lugar. Não pode só ficar vivendo de sonhos. Um homem tem que ir a todos os lugares possíveis deste planeta para que aprenda, plenamente, que ele não é o rei e o senhor da terra, ele é apenas mais um na gama de vida que se faz presente. Ele tem que ir para perder a soberba. Ele tem que ir para voltar a ser humano.

Pensando nisso, aventurei-me pela Patagonia no período de 31/12/05 a 23/01/2006 e, com isso, minha árvore renovou-se, floresceu e deu-me um pouco mais vida.

Minha árvore está bonita.

Preparo, com a calma que a idade me trouxe, um relato dessa minha experiência que, em breve, irei partilhar com vocês, queridos amigos de aventura”.(...) (LHMoreira /Andarilho)<sup>73</sup>

Até a metáfora da renovação da árvore que Andarilho utiliza sugere a procura pela aproximação da realidade da vida natural. Então temos na atividade excursionista, por um lado mais esportivo, o desenvolvimento de “virtudes técnicas”, se pudermos chamar assim, e por outro, o desenvolvimento de “virtudes sensíveis”. A busca da sensibilidade de percepção desse mundo natural estranho ao homem civilizado é a virtude almejada que diferencia especificamente estes grupos aqui estudados de seus pares da vida cotidiana urbana que não praticam esse tipo de atividade e, portanto, não desenvolvem essa segunda virtude.

O gosto pela paisagem inculta é algo que, desde fins do século XVIII, exige um longo curso de educação estética, pois desde aquela época este gosto não era para qualquer pessoa: o gosto pela intimidade com rochas e montanhas não é comum. As pessoas que conseguem notar riqueza na paisagem selvagem e romântica exercem forte contestação contra os padrões comuns (paisagens cultivadas e dominadas pelo homem). Para os românticos do século XIX, a natureza do jardim, aquela paisagem “melhorada”, já era sinônimo de “natureza destruída”, portanto para eles o parque de um fidalgo

---

<sup>73</sup> [http://www.grupos.com.br/grupos/trekking\\_e\\_travessias](http://www.grupos.com.br/grupos/trekking_e_travessias) (27/jan/2006)

era objeto de aversão. Hoje, a postura do segmento dos excursionistas aqui estudados contesta os hábitos civilizados urbanos.

O estilo de despojamento de pessoas civilizadas, curiosas intelectualmente, com diploma de cursos superiores, etc. que se voltam para atividades no mundo não domesticado compõem talvez a mesma reação romântica daquele tempo: “uma reação estética contra a regularidade e uniformidade”, “o sentimento de que a terra não lavrada, por seu próprio contraste com a lavoura, era necessária para dar sentido e definição à empresa humana” ou mesmo fomentar “uma emoção anti-social”.<sup>74</sup>

Sobre este último aspecto, vemos que a fuga temporária do burburinho, da concentração de pessoas ou do espaço urbano, a busca da solidão, fazem parte do “curso do culto humanista do indivíduo”. De qualquer forma, ao contrário do que se possa pensar, a busca pela natureza intocada não é simplesmente uma questão de escapismo, é uma questão um tanto mais profunda na forma de um retiro para o ambiente natural como reencontro com o “paraíso perdido”.<sup>75</sup>

A vontade de se colocar sobre os próprios pés (é comum em caminhadas as pessoas se voltarem para as montanhas distantes pelas quais se caminhou no dia anterior e repetir a frase: “Puxa! Como os nossos pés nos levam!”), a vontade de meditar e ver a paisagem, a vontade de reconhecer um outro mundo fora do convencional (tal como dizia um de meus entrevistados, Pedro, ao falar da importância de se viajar) são exemplos que apontam para o desejo de *transcendência* do mundo do cotidiano comum à sociedade industrializada, no sentido de renovação, mas também no sentido de respeito pelo “mistério irreduzível”, como diria Mangabeira Unger<sup>76</sup> sobre o aspecto sagrado da natureza.

O excursionista é um colecionador de experiências e vivências, e não somente colecionador de olhares e paisagens. Enquanto eu estava quase certa de que um dos montanhistas (Alexei) confirmaria minha idéia de que durante as viagens pelas montanhas tem-se um sentimento de liberdade, ele me

---

<sup>74</sup> Idem pp.315-318.

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> UNGER, N. M. (org.) *Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico*, 1992.

respondeu que as viagens seriam mais do que isso; para ele, elas significavam conhecimento.

Portanto vejo a tendência humanista da modernidade juntamente com a idéia atual de equilíbrio da natureza. Podemos perceber que a própria configuração dos esportes praticados por excursionistas /montanhistas aponta para essa situação da sociedade moderna atual: o isolamento das pessoas versus a ressignificação do espaço e das ações humanas. Talvez essas inquietações não sejam novidade alguma na história da humanidade, porém, cada época tem seu próprio modo e, por isso, vejo nos grupos aqui estudados um dos pontos de destaque dos dias atuais.

### ***Sobre conquista e natureza selvagem no contexto civilizado***

O gosto pela conquista da montanha, pela exploração de cavernas e lugares ainda não visitados nada mais expressa do que a vontade de retorno à natureza ainda em forma de conquista, porém com posturas contidas e sensibilidades civilizadas. Com os estudos de Elias, em *Un ensayo sobre el deporte y la violencia*, vemos que o desenvolvimento do esporte teve importante papel na civilização dos gestos e tendências modernas.

Ao estudar o desenvolvimento da caça à raposa, o passatempo da aristocracia na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX, este autor nos mostra que da simples atitude espontânea de caça, “quando os próprios indivíduos eram os atores principais [e] os cães simples complementos”, as regras evoluíram até constituir um esporte em que o prazer agora se concentrava na corrida agradável, na tensão e na emoção, sendo isto de maior importância do que o próprio animal caçado.

Voltando ainda ao contexto do processo civilizador do início deste capítulo, vemos, com o surgimento da prática do esporte, a partir do século XVI, como recreação e exercício físico, teve grande importância na medida em que produzia e incentivava a autodisciplina nos indivíduos. Isso poderia ser baseado ainda na idéia vigente de que “a saúde do corpo era inseparável de uma sólida formação moral” e, para tanto, a racionalização das condutas (digo

aqui dos exercícios físicos) seria o fator responsável pelos benefícios no âmbito da saúde de modo geral.<sup>77</sup>

Além disso podemos notar, pelos estudos de Elias, que através da formulação de regras aceitas e obedecidas pelos competidores dos jogos, o esporte pôde proporcionar a tensão, a liberação da emoção e o acúmulo de energias, que antes existia nas antigas lutas e batalhas da sociedade guerreira, porém agora com o mínimo de violência; a proteção contra os danos físicos era o limite para o qual se exigia o autocontrole.<sup>78</sup> O esporte produzia tensões ao mesmo tempo em que as continha, ele passou a simbolizar luta. Na realidade, a passagem da sociedade guerreira para a sociedade de corte trouxe à tona um mundo de novas práticas e representações.

Essa nova consciência implementada pela cultura civilizadora fez surgir uma certa intolerância com relação à violência. Ao tomar a prática esportiva da caça à raposa na Inglaterra como exemplo, Elias nos mostra como o avanço dessas concepções racionalizadas de conduta levou as pessoas a adotarem uma forma distanciada e indireta no ato de matar o animal caçado, e a se tornarem *observadores* ao invés de serem executores diretos.<sup>79</sup> Enquanto, antigamente, esse tipo de caça aos animais fora um modo equivalente de se matar homens nos tempos de guerra, agora a nova conduta civilizada impunha outras regras: a tarefa de matar a raposa foi delegada aos cães dos caçadores, os homens não tinham mais contato direto com o sangue da caça e nem mesmo se dispunham a utilizar a caça como alimento.

A prática da caça à raposa, esse animal que antigamente significou, muitas vezes, uma ameaça aos animais no curral ou no pasto, não tinha mais nenhuma função objetiva então. A prática da caça significava agora apenas um prazer, uma atividade de lazer. E esse prazer do ato de caçar tinha se transformado no prazer simplesmente visual ou, nas palavras do autor, “o gozo derivado de *fazer* havia se transformado no gozo de *ver*”.<sup>80</sup>

O prazer permaneceu, mas em um outro espaço; ele se deslocou. Na realidade, nas práticas de lazer houve uma mudança do interesse direto pela

---

<sup>77</sup> CRESPO, J. 1990, op. cit., pp.499;526;537.

<sup>78</sup> ELIAS, N. & DUNNING, E. 1996, op. cit., pp.197;202.

<sup>79</sup> Idem, pp.198-199;203.

<sup>80</sup> Idem, p.198.

consumação do ato para a vontade de permanecer em estado de excitação, em uma prolongada e prazerosa emoção.<sup>81</sup>

Podemos perceber que neste movimento que processou a sociedade moderna existe um veio que reprime os impulsos /instintos dos indivíduos, mas, ao mesmo tempo, criam-se certas maneiras e certos espaços onde se extravasam as energias contidas, onde se liberam emoções. A modernidade é marcada pela racionalização dos atos e movimentos, mas por outro lado, também pela liberação de impulsos.

Com o passar do tempo, a identificação com o esporte, tal como o conhecemos hoje, passou a corresponder tanto com a prática em si quanto com sua *contemplação*. O esporte moderno, como atração e lazer das massas veio preencher um vazio, tornou-se num recurso para a satisfação de carências dos indivíduos ou de grupos. Ele é “um meio de despertar e dispor de porções negligenciadas, rejeitadas ou frustradas das suas energias”.<sup>82</sup>

Com Keith Thomas, vemos que as novas sensibilidades urbanas burguesas também resultariam na “aversão pelas tradições bélicas da aristocracia”. De certa forma, os esportes burgueses se desenvolveram de forma a se distanciarem, de alguma forma, dos esportes da aristocracia. A prática da caça implicava grande dose de violência, já que era mesmo um treinamento para a cavalaria com fortes laços militares: “Ensinava homens e cavalos a suportarem privações, a cruzarem terrenos difíceis e a se adestrarem nas táticas de batalha”.<sup>83</sup> Hoje, podemos dizer que a prática do excursionismo, e mais especificamente do montanhismo e da exploração de cavernas, pode ser descrita da mesma forma, excluindo o uso dos cavalos e trocando a questão do treinamento para a guerra para a questão do desenvolvimento de sensibilidades e conhecimentos (as virtudes).

Percebo que os grupos excursionistas tendem a se distanciar de uma postura simplista ou comum de relacionamento com o ambiente visitado, tal como a dos pichadores de rocha já citados neste capítulo. Pois isto significaria um retorno a uma ideologia anterior mesmo ao início da era moderna, que via uma hostilidade na natureza selvagem a ser vencida pelos humanos. Vemos,

---

<sup>81</sup> Idem, pp.207;212.

<sup>82</sup> SEVGENKO, N. *Orpheu exáltico na metrópole*. S. Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20, 1992, pp.48-49.



nesse sentido, que as comemorações por se atingir o objetivo da empreitada se dão de maneira diferenciada: enquanto um grupo – os excursionistas independentes – medita sobre sua caminhada até ali e contempla a paisagem privilegiada alcançada, outros grupos necessitam, de alguma forma, anunciar sua conquista deixando suas marcas nas pedras.

A maneira própria dos grupos aqui estudados de se praticar esportes demonstra a “interiorização das proibições sociais contra a violência”, como diria Elias,<sup>84</sup> e aqui, neste caso, diríamos sobre a proibição da violência contra o ambiente natural. Todo destaque que este segmento toma para si parece se dar justamente por demonstrarem a busca de equilíbrio entre prazer e restrição. No ato de se vencer o desnível de uma montanha, na travessia de uma caverna (de uma ponta a outra), no vencer de um caminho de difícil navegação, consome-se muita energia e emoção.

Em uma canoada, após vencermos uma forte chuva no meio da represa em que remávamos, minha colega nos contou que havia chorado por causa da tensão que havia passado por não ter conseguido enxergar se todos os membros do grupo estariam seguros. Lembro-me também de, ao subir uma montanha em uma das travessias realizadas com o grupo, seguir a trilha acompanhando grandes gotas de suor no chão despejadas de colegas que já haviam passado pelo caminho. Todo esse esforço era recompensado nas rápidas paradas que marcam o percurso dessa famosa trilha da Serra dos Órgãos no Rio de Janeiro.

A atenção que se dá ao próprio corpo nestas atividades é muito diferente da que se dispensa em atividades esportivas urbanas atuais de forte preocupação com a performance estética. No excursionismo o adestramento do corpo é apenas consequência da vontade de se atingir os lugares apreciados. Mesmo assim, o corpo não é instrumentalizado, busca-se dar a ele uma continuação em relação ao ambiente visitado. Como em todos os jogos, há, sim, a busca de equilíbrio na tensão e emoção na prática destes esportes, porém soma-se mais um elemento: aqui, faz parte da excitação a sintonia com

---

<sup>83</sup> THOMAS, K. 2001, op. cit., p.218.

<sup>84</sup> ELIAS, N. & DUNNING, E. 1996, op. cit., p.200.

o ambiente natural visitado. Na mensagem de um dos integrantes do fórum T&T podemos perceber esse aspecto:

“O calor nos castigou severamente, o termômetro marcou 33°C, mas a sensação era de muito mais e só conseguimos subir porque existem dois pontos de água, onde nos refrescamos para poder seguir em frente, ou morro acima! Sair de 0 metros até 1170 metros não foi moleza, mas felizmente conseguimos superar tudo e chegar ao topo do Corcovado de Ubatuba. Na subida você se questiona o porque enfrentar uma situação tão adversa, já que lá embaixo, bem pertinho, poderia estar curtindo um bronzado em uma das diversas praias badaladas de Ubatuba, ficando a milanesa no Sol, tomando uma água de coco e curtindo o visual caótico que reina nestas praias! Mas quando chego ao topo, tenho as respostas! O sofrimento se torna alegria, o cansaço, em emoção e o entardecer, uma paixão. Paixão que sempre me motiva a procura-la cada vez mais, seja na crista de uma montanha, no horizonte do mar ou em um reflexo de um lago! É por esses e outros motivos que me disponho a enfrentar qualquer desafio, para encontra-la e admira-la, nem que seja por 5 minutos! E dizer, eu consegui!” (Célio Vong)<sup>85</sup>

As atividades esportivas dos grupos estudados se caracterizam por representarem um confronto de indivíduos despidos dos grandes poderes da civilização contra forças maiores que eles. A explosão da emoção é alcançada quando se concretiza com sucesso uma empreitada. As próprias palavras *conquista* de um cume ou *sucesso* de uma empreitada, por exemplo, apontam para o aspecto da explosão da tensão presente nestas atividades excursionistas.

O sujeito que se defronta com as forças e condições da natureza deve *vencer* o desafio que ele se auto-impõe dentro de uma ética precisa. Existe uma batalha – o que antigamente poderia ser qualquer atitude de violência contra o meio natural (jogos de agressão aos animais, desmatamento conquistando áreas e tornado-as “limpas”) – cujo prazer culminante, porém, foca silenciosamente sobre o próprio excursionista esportista. Contudo nota-se que essa batalha é prolongada de tal forma que a emoção prazerosa da luta seja de maior interesse do que a própria vitória.<sup>86</sup> A emoção de se vivenciar um

---

<sup>85</sup> [http://www.grupos.com.br/grupos/trekking\\_e\\_travessias](http://www.grupos.com.br/grupos/trekking_e_travessias) (17/jan/2006)

<sup>86</sup> Idem, p.212.

contato com os elementos da natureza, então, torna-se mais importante que a conclusão da empreitada proposta.

Esse é o destaque que estes esportistas acabam tomando para si: vencer a força do mundo natural, isto é, o que existe ainda de mais enigmático para a humanidade, porém de forma contemplativa. Conquista e preservação é uma dualidade presente na prática do montanhismo/ excursionismo tornada possível simplesmente pelo ato da contemplação.

# Capítulo 4

**Considerações**

Vejo que as atividades esportivas dos grupos aqui estudados, na configuração de suas regras implícitas, representam a inquietação da modernidade. E Thomas diz sobre a situação atual da humanidade:

“o começo do período moderno gerou sentimentos que tornariam cada vez mais difícil os homens manterem os métodos implacáveis que garantiram a dominação da sua espécie. Por um lado, eles viram um aumento incalculável do conforto, bem-estar e felicidades materiais dos seres humanos; por outro lado, davam-se conta de uma impiedosa exploração de outras formas de vida animada. Havia, dessa maneira, um conflito crescente entre as novas sensibilidades e os fundamentos materiais da sociedade humana. Uma combinação de compromisso e ocultamento impediu até agora que tal conflito fosse plenamente resolvido. É possível afirmar ser essa uma das contradições sobre as quais assenta a civilização moderna. Sobre as suas conseqüências finais, tudo o que podemos é especular”.<sup>1</sup>

Portanto, vejo que, para além da questão conflituosa da dominação da natureza pelos homens, é interessante notar os caminhos dessa sensibilidade, do contato que pode ser estabelecido entre esses dois mundos.

O desejo dos excursionistas é de se verem integrados à natureza, como parte dela, porém eles mesmos se encontram de alguma forma no extremo oposto – em seus costumes civilizados, em sua necessidade de voltar ao ambiente urbano, em seus apetrechos tecnologicamente apropriados para suas atividades, e assim por diante. Na realidade do mundo contemporâneo, parece que a integração com o mundo natural só é possível no nível espiritual (abstrato), já que na realidade cotidiana no mundo urbano já não existe nenhuma necessidade de um contato imediato em relação ao mundo natural.

---

<sup>1</sup> THOMAS, K. 2001, op. cit., p.358.

Na realidade dos costumes dos excursionistas, existe sim um forte contato com o mundo natural, porém um contato transcendente e abstrato. Com as novas técnicas do “shit-tub”, nem os próprios dejetos podem ser deixados no local amado! Interessante, talvez, seja imaginar a estranheza que tal atitude causaria aos indígenas.

Vejo que a espiritualidade, no sentido que tenho trabalhado neste texto, isto é, a abstração, é o que traz a estes grupos excursionistas /montanhistas um valor distintivo em relação à própria racionalidade técnica de onde a maioria deles mesmos se originam (predominantemente, da área das exatas: cientistas, técnicos, engenheiros, economistas, administradores, técnicos em informática, etc.). Ainda que seja o próprio estilo racional que muitas vezes leve tais pessoas a desenvolverem sensibilidade para com a apreciação detalhista, a escolha de voltar a atenção para o ambiente natural envolve uma gama de fatores históricos que dignificam essas pessoas.

Como diriam Michael Löwy e Robert Sayre, em *Revolta e melancolia*, por serem pessoas que vivem cercadas por um mundo cujo “funcionamento é inteiramente determinado por valores quantitativos”, empenham-se em buscar desenvolver, ou pelo menos portar ou reproduzir “valores qualitativos”. Para esses autores, historicamente tais valores qualitativos se expressaram na vaga romântica na forma de “valores éticos, estéticos, religiosos, culturais ou políticos”.<sup>2</sup>

Encontrei pessoas nos grupos estudados com diferentes trajetórias sociais, porém todas convergindo para uma mesma “probabilidade de comportamento”, como diria Max Weber, bem lembrado pelos autores acima citados, no centro deste meio urbano em que vivemos, configurado pela sociedade industrial capitalista. Pessoas vindas do interior de São Paulo, umas provindas de famílias com posses de terras, outras de famílias desprovidas de posses; pessoas vindas da periferia da cidade, mas que hoje se relacionam com o centro (trabalho e estudos); pessoas vindas de estratos sociais médios da sociedade que seguem suas carreiras seculares (advogados, psicólogos, etc.); pessoas que tiveram algum contato com grupos escoteiros ou amigos

---

<sup>2</sup> LÖWY M. & SAYRE, R. *Revolta e Melancolia. O romantismo na contramão da modernidade*, 1995, p.130.

escoteiros, mas que hoje não atribuem grande valor a essa prática; pessoas cujo lazer em família na infância continha o hábito da pesca ou do *camping*, mas que hoje não praticam mais o contato com a natureza desta forma. Notei ainda que algumas disseram ter se aproximado da prática de atividades na natureza por terem feito alguma excursão escolar de reconhecimento desse meio na infância (a valorização da natureza hoje é uma questão de importância escolar e, portanto, tem-se como formação fundamental do indivíduo). Contudo, dentre todas estas características, um fator notável também é a grande quantidade de profissionais ligados à área das ciências exatas, aspecto este, que eles mesmos percebem.

O que podemos detectar é que, de alguma forma, os excursionistas já tiveram algum tipo de contato com a “experiência da alienação e reificação” no sistema da sociedade atual, como diriam Löwy e Sayre. Para esses autores, essa é a alma da tendência romântica no mundo moderno. Tal diversificada e antiga vaga romântica do mundo moderno provém da “sensibilização diferencial em relação a essa experiência”.<sup>3</sup>

“De fato, tudo se passa como se a civilização industrial-capitalista tivesse atingido uma etapa de desenvolvimento em que seus efeitos destruidores no tecido social e no meio ambiente natural tivessem tomado proporções tais que alguns temas do romantismo – e certas formas de nostalgia – acabariam exercendo uma influência social difusa, indo muito além das classes ou categorias que, anteriormente, mantinham uma ligação mais próxima com essa visão de mundo”.<sup>4</sup>

A tendência romântica do mundo moderno nasceu primeiramente com “*certas frações tradicionais da intelligentsia* cujo modo de vida e cultura são hostis à civilização industrial burguesa: escritores independentes, religiosos ou teólogos (...), poetas e artistas, mandarins universitários, etc”. De certa forma, o público que hoje adere a uma visão romântica do mundo também pode apresentar certas características semelhantes àsquelas categorias sociais que, “devido ao advento e desenvolvimento do capitalismo industrial moderno, acabaram sofrendo um declínio ou crise de seu estatuto econômico, social ou

---

<sup>3</sup> Idem, p.129.

<sup>4</sup> Idem, p.132.

político, e/ou um prejuízo no modo de vida e valores culturais a que estavam ligadas”.<sup>5</sup>

Sei que poderíamos até trabalhar, sob a luz da teoria de Pierre Bourdieu, com cada uma dessas possibilidades causadas pelo advento do capitalismo seguindo a trajetória de vida e histórico familiar de cada excursionista, porém pretendo considerar aqui o questionamento silencioso que certo segmento, pequeno-burguês, desta sociedade faz contra “uma situação que ridiculariza as respectivas ambições ao recusar-lhes ocupações adequadas”.<sup>6</sup> Ou seja, falo sobre um determinado grupo e suas estratégias no jogo simbólico da sociedade atual. Vejo que no caso atual das populações que vivem na intensidade da civilização capitalista, da qual o segmento aqui estudado faz parte, existe um anseio por um modo de vida e valores culturais específicos.

Durante a pesquisa, notei que o saudosismo em relação ao contato com a natureza não se dá no discurso explícito destes viajantes /esportistas, porém podemos perceber que a própria escolha do ambiente natural para a prática de esportes já indica alguma procura por restituição de algo que não se encontra no meio urbano. Por que será que estas pessoas não abdicam dos desafios e dificuldades das trilhas para somente cultivarem uma “vida saudável” urbana em academias ou parques?

Nota-se que há implicitamente algo a mais no gosto por essas atividades em áreas selvagens. A busca de valores qualitativos, para além de hábitos impostos ou do *marketing* da sociedade capitalista industrial, é o que pesa nesta escolha. Valores estes gerados em meio ao mal estar e conflito da sociedade burguesa.

Lembro-me de certa vez, em um bate-papo nos primeiros contatos com o grupo, que algumas pessoas tentavam me explicar espontaneamente algumas características, segundo elas, gerais dos excursionistas /montanhistas, com o intuito de me auxiliar na pesquisa. Eles me diziam (Anderson, Cleusa, Francisca) que, se eu reparasse, poderia perceber que a maioria deles tinha em comum alguma frustração em suas histórias de vida. Ao pedir-lhes um exemplo de algum caso, não me responderam – não sei se por

---

<sup>5</sup> Idem, pp.130-131.

<sup>6</sup> Idem, p.129.



constrangimento ou por simplesmente não conseguirem explicar o fato. De qualquer forma, pude perceber que, seja qual for a história de vida dessas pessoas – na verdade, não importa se elas se sentem fracassadas ou não –, existe uma onda de sensibilização geral do grupo. Outro montanhista entrevistado (Bob) ainda me explicava que algumas pessoas que, por algum motivo, acabavam fazendo uma pausa na frequência das viagens (condição física ou financeira), continuavam ligadas ao grupo, além daquelas que encontravam no grupo um apoio que não tinham em suas vidas comuns, outros que só se mostravam sentirem-se à vontade e expansivos durante as viagens, porém ao retornarem à cidade, prosseguiam com comportamentos contidos ou tímidos.

### ***Considerações sobre a situação moderna***

Segundo Zygmunt Bauman nos descreve em *Modernidade Líquida*, hoje vivemos num tempo diferente de todos os outros pelos quais a humanidade já passou. O aprimoramento das técnicas que permitem a facilidade de comunicação e informação e também a facilidade de se percorrer extensões cada vez maiores em menor tempo proporcionam o encurtamento das antigas noções de distância. Isso, somado à maneira atual em que continuamente a economia capitalista transforma quase tudo (valores, identidades) em efêmeros bens de consumo, nos traz um certo mal-estar identificável em todos os âmbitos do nosso cotidiano: econômico, político, ambiental e principalmente um estranho sentimento em relação à atual sociabilidade humana.

Como o próprio Karl Marx já havia detectado, estas são algumas conseqüências da ação do capitalismo, e ele mesmo dizia em *O manifesto comunista*: “Todas as relações firmes, sólidas, com sua série de preconceitos e opiniões antigas e veneráveis foram varridas, todas as novas tornaram-se antiquadas antes que pudessem ossificar. *Tudo o que é sólido se desmancha*

no ar...”.<sup>7</sup> O que vemos hoje é a intensificação do que ele detectou no início desse processo.

Na modernidade mais recente até as relações sociais tradicionais – as relações de trabalho, de família, da religião, de colegas, de vizinhos – que até algum tempo atrás davam sentido, orientação e referência às ações das pessoas e as colocavam, ainda que dentro de uma hierarquia, frente a uma reciprocidade necessária e duradoura, já não têm mais a sua força ou parecem até mesmo não serem necessárias. Temos a impressão de que a vida em comum deixou de ser algo primordial para os humanos.<sup>8</sup> Os quadros de referência são voláteis, temporários, compráveis e vendáveis em uma velocidade em que tudo o que nos apegamos é transitório e temporário. Se escolhermos pessoalmente permanecer inalterados de alguma forma, em algum lugar, esse mesmo lugar se altera por si só. Enfim, como o próprio Bauman diz, hoje a brevidade do nosso corpo mortal nos parece uma eternidade perante a instantaneidade, a transitoriedade, a falta de laços permanentes e a volatilidade à nossa volta.<sup>9</sup>

Importante ainda notar aqui que, como diz Eric Hobsbawm em *A era dos extremos*, ao abordar a revolução cultural no século XX através das mudanças do mundo da modernidade sólida, como diria Bauman, todas “essas tendências, claro, não afetaram igualmente todas as partes do mundo”. De qualquer forma, “essas variações não causam surpresa. O que é mais interessante é que, grandes ou pequenas, as mesmas transformações podem ser identificadas por todo o globo ‘modernizante’”.<sup>10</sup> É justamente assim que vemos as conseqüências desse amplo processo atuando numa parcela do campo da cultura e da sociedade brasileira.

---

<sup>7</sup> MARX, K. & ENGELS, F. *O manifesto comunista*, 1998, p.14. (grifo meu)

<sup>8</sup> BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*, 2001, p.204.

<sup>9</sup> Idem, p.209.

<sup>10</sup> HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos. O breve século XX: 1914-1991*, 1998, p.317.

### **Considerações sobre a vaga romântica**

Löwy e Sayre apontam vários fatores possíveis para esse sentimento de mal estar na modernidade, como diria Bauman, tais como: o desencantamento do mundo, sua quantificação, sua mecanização, a abstração racionalista e a dissolução dos vínculos sociais. Estes fatores, no sentido de uma carência essencial causada pela relação com um mundo racionalista, calculista e egoísta, acabam fazendo surgir em algumas partes da sociedade a busca de refúgio no misticismo, na magia, no mito, na poesia ou na fraternidade de relações entre os indivíduos.

Lembro-me de uma colega (Juliana) que me dizia, por exemplo, numa noite de céu estrelado na travessia da Ponta da Joatinga, que se me concentrasse ali e fizesse um pedido o universo conspiraria a meu favor. No contexto do comportamento dos sujeitos dos grupos estudados, podemos ver que o relacionamento com a natureza se dá numa poesia que procura analogias misteriosas e também, portanto, correspondências entre a alma humana e esse meio selvagem, entre espírito e paisagem. E tudo isso em oposição à “técnica moderna que desenvolve uma abordagem estritamente racional (instrumental) e utilitária em relação ao meio ambiente – as ‘matérias-primas’ da indústria”.<sup>11</sup>

Para Löwy e Sayre, a mitologia romântica – ou o mito na “natureza intocada” – difere da mitologia antiga: enquanto aquela “estava ligada de forma imediata com o que havia de mais próximo e vivo no *mundo sensível*, a nova deve ser constituída a partir ‘das profundezas mais íntimas do espírito’”. Assim, esse tipo de reflexão romântica refletiria uma posição “mito-poética”, nas palavras dos autores, para fazer resistência aos “limites impostos pela razão lógica”.<sup>12</sup>

Notamos que a visão romântica dos excursionistas sobre a natureza não procura restituir o sentido mitológico antigo, ou, pelo menos, eles não parecem fascinados pelo passado ou algum tipo de “regressão arcaizante”. Apenas demonstram uma tentativa de criar um novo mito. Mito esse que, com Keith

---

<sup>11</sup> LÖWY M. & SAYRE, R. op. cit., 1995, p.54.

<sup>12</sup> Idem, p.57.

Thomas, vemos que poderia ser a criação dos parques naturais que cumprem o papel de uma fantasia que oculta “os valores mediante os quais a sociedade, como um todo, não tem condições de viver”.<sup>13</sup>

O cuidado que o status de objeto raro que a natureza requer nos dias atuais, por causa mesmo do desenvolvimento da sociedade capitalista, é justamente o que modifica a consciência, que libera a imaginação a desvincular-se da ordem racionalista, que leva a se pensar sobre o “caos originário da natureza humana”. É interessante notar com Löwy e Sayre, ainda, que a característica de introspecção na mitologia atual, isto é, a textura espiritual e poética que as pessoas acabam por buscar no relacionamento com o mundo que as rodeia, num movimento que se concentra numa “*fonte interior*”, não quer dizer que os mitos na atualidade ignorem o mundo exterior. Nas palavras de Schlegel, citado por esses autores, a realidade é que a mitologia atual “é, ao mesmo tempo, ‘uma expressão hieroglífica da natureza ambiente sob a transfiguração da imaginação e do amor’”.<sup>14</sup>

Na mesma linha de pensamento de Bauman, Löwy e Sayre apontam artistas românticos que também vêm na “quantificação mercantilista” a fonte de corrupção da sociedade moderna industrial. Nela estaria a causa da “dissolução de todos os vínculos humanos qualitativos; morte da imaginação e do romanesco; enfadonha uniformização da vida; relação puramente ‘utilitária’ dos seres humanos entre si e com a natureza”. Ao analisar uma das obras de Charles Dickens, *Tempos difíceis* (1854), os autores vêm no romance uma ilustração crítica da capacidade do “espírito frio e quantificador da era industrial” em “triturar a alma”, excluir “qualidades como a beleza, a imaginação e a cor da vida material dos indivíduos ao reduzi-la a uma rotina enfadonha, fatigante e uniforme”.<sup>15</sup>

A mecanização do próprio ser humano algumas vezes causou desgosto aos românticos, que “observavam com melancolia e desolação os progressos do maquinismo, da industrialização, da conquista mecanizada do meio ambiente”, ou seja, os fatores que implicaram a perda da harmonia entre o

---

<sup>13</sup> THOMAS, K. op. cit., 2001, p.357.

<sup>14</sup> LÖWY M. & SAYRE, R. op. cit., 1995, p.57. (Os autores citam F. Schlegel.)

<sup>15</sup> Idem, p.59;61.

homem e a natureza, à qual eles passaram a dedicar um “culto místico”.<sup>16</sup> Em alguns momentos, os autores românticos chegam a lamentar também que a lógica da mecanização tenha penetrado a vida social e política, o conhecimento, a religião, isto é, campos da sociedade que outrora poderiam contribuir para a libertação desse espírito moderno.

De qualquer forma, vemos também que o romantismo só foi possível por causa mesmo de todo esse sistema e essa força de idéias e ideais da modernidade. O romantismo surge justamente como contraponto a tudo isso com sua revolta e melancolia. Porém, ainda que tenha surgido com esse *status* de contraponto, isso não quer dizer que todas as correntes do romantismo neguem os valores modernos e do iluminismo. Vemos que a concretização do domínio do mercado sobre o conjunto da vida social acabou por englobar, por generalização, a própria cultura, a arte, a literatura; neste ponto, surgem contradições entre o valor de uso e o valor de troca dos bens na sociedade.

Assim, vejo que os excursionistas se colocam nessa tênue divisa da visão romântica do mundo: ora englobados pelo sistema dominante, ora buscando a afirmação de posturas diferenciadas do meio comum; uns buscando aperfeiçoamento técnico ou desenvolvendo competitividade, outros, ou os mesmos em outro momento, deixando-se levar pelo devaneio e pela contemplação. Ao enquadrarmos as características mais marcantes destes grupos – por um lado a tendência técnica e racional e por outro a forte sensibilidade – diríamos que estas pessoas não estão totalmente fora do sistema, mas também não estão completamente satisfeitas com essa realidade moderna, portanto se encontram em algum ponto romântico desse espaço.

Para Löwy e Sayre, “romantismo e iluminismo coexistem em todos os séculos da modernidade”, porém essa relação é sempre complexa. Para esses autores, a obra de Rousseau seria um exemplo da justaposição de ambas as perspectivas, pois suas idéias apresentam, ao mesmo tempo, uma radicalização do iluminismo e uma transformação-continuação da crítica social do iluminismo. Nessa perspectiva, para o romantismo, o iluminismo pode ser definido como irmão inimigo.<sup>17</sup> Para Kate Soper, o romantismo se coloca contra

---

<sup>16</sup> Idem, p.63.

<sup>17</sup> Idem, p.75,87-89.

as conseqüências econômicas e sociais do iluminismo, porém foi este último mesmo que liberou a humanidade de uma concepção “deísta” da ordem da natureza. Foi o iluminismo que procurou entender a dignidade como herança do que é individual, e nisto procurou uma existência racionalmente e moralmente auto-motivada, uma realização da “natureza-humana” independente dos medos supersticiosos do fanatismo teológico.

Contudo, para além dessas propostas iluministas, a reação romântica marcante de Rousseau, a qual apontava a consciência como a “voz da natureza” dentro de nós, a integridade da natureza é vista como contraponto ao utilitarismo e racionalidade instrumental – estes fatores pelos quais os ideais iluministas foram praticamente compreendidos e teoricamente legitimados. Para esse romantismo, a questão não é retornar a um passado primitivo, mas descobrir na natureza, tanto do interior humano como no seu exterior, o recurso da redenção frente à alienação e depredação da industrialização e frente à deformação das relações humanas por causa da mercantilização. Para a autora, na linha estética do movimento romântico, a imaginação artística ou poética também é encarregada da tarefa de expressar essa latente e fechada força da natureza como recurso e riqueza redentora.<sup>18</sup>

Neste ponto, lembro-me da tensão que se tem durante as viagens com os grupos CEU e T&T entre a sistematização dos afazeres e o desfrute (a “curtição”) do momento e do lugar. Algumas pessoas demonstram um espírito mais esportivo que outras, ou melhor, são mais preocupadas e atentas quanto à organização das metas e orientações necessárias na empreitada (horário programado de partida, de acampamento, duração do dia versus percurso a ser percorrido, e com bom rendimento, localização e visualização para navegação, etc). Mas também existem aqueles que preferem gastar mais tempo em um local para apreciar um visual privilegiado ou demorar-se mais tempo com os preparos das refeições enquanto desfrutam do momento com os amigos. Aqueles são chamados “sistemáticos e febrís” por estes outros, porém ambos possuem as mesmas características, apenas em graus diferentes.

---

<sup>18</sup> SOPER, K. op. cit., 1995, pp.29-30. (Tradução minha.)

Não achei em nenhum momento desta pesquisa pessoas com comportamento excessivo em um desses pólos, mas todas elas expressavam, durante as viagens, ora uma postura de preocupação a partir do tempo do relógio (do tempo urbano, do tempo da indústria, mecânico), ora uma postura de busca de integração com o ambiente natural – todos contemplam o ambiente (uma engenheira me dizia amar o “cheirinho de mato”), a paisagem, uma vista, de modo extasiado. Às vezes, também, demonstram uma vontade de se abandonar ao tempo do ciclo da luz do dia quando se encontram, por exemplo, em meio a alguma enrascada, perdidos na rota, porém logo devem acordar desse sonho porque o trabalho (uma “segunda-feira preto-na-folhinha” típica do mundo secular de produção), a família ou outro afazer urbano qualquer os espera em seu local de origem. Vejo que essa tensão entre “estar lá” e “estar cá” é algo que simplesmente faz parte do cotidiano destes excursionistas. Embora muitos sempre busquem a experiência de nas férias passarem quinze dias, vinte ou mais, a maioria das viagens programadas com o grupo são em finais de semana e feriados (no máximo cinco dias).

Portanto, para fugir do movimento mecânico do mundo moderno, estes excursionistas buscam a dinâmica do mundo natural. Porém, é notório ainda como se sentem presos à racionalidade instrumental, isto é, agem “segundo as exigências da racionalidade-em-relação-aos-objetivos”, como diria Max Weber.<sup>19</sup> O lazer racionalizado seria o objetivo aqui.

Lembro-me da reação de algumas pessoas que me marcou muito nos meus primeiros encontros com o grupo, quando lhes dizia que pretendia fazer esta pesquisa. Eles repetiam uma mesma pergunta (lógica); algo mais ou menos do tipo: “Ah! Entendi. Então você irá levantar dados, contabilizar e analisá-los?”.

Talvez se fizesse um trabalho nessa lógica que eles imaginavam, forneceria um bom material para as estratégias de *marketing* do mercado do turismo de aventura. Porém, é justamente deste sistema econômico moderno, baseado no valor de troca, que estes excursionistas querem se distanciar. Querem fugir deste cotidiano que faz com que as pessoas se comportem em

---

<sup>19</sup> LÖWY M. & SAYRE, R. op. cit., 1995, pp.64-66.

relação às coisas e ao mundo de forma ‘abstrata’, ou seja, uma forma em que se perde a autonomia e a autoconsciência. Portanto, mais uma vez percebemos a situação ambígua em que se coloca este grupo quanto à tradição racionalista do iluminismo e uma vontade de extrapolar este mundo através de atitudes românticas.

Talvez por algum medo de se afastarem demais de um estado racional a ponto de tomarem atitudes *irracionais*, tais como algumas tendências obscuras do romantismo (tendências fanáticas, intolerantes), a atitude romântica dos praticantes de atividades na natureza busca um equilíbrio entre o racional e, nas palavras de Löwy e Sayre, o “não-racional” – isto é, uma posição “entre a negação programática da racionalidade e a delimitação de esferas psíquicas não redutíveis à razão”.<sup>20</sup> Vejo em algumas atitudes de alguns excursionistas, como beijar uma árvore ou conversar com uma plantinha, uma ilustração de uma atitude não-racional. Mas, além disso, é interessante notar que o espírito aventureiro, bem visível na prática da escalada – apesar de ocorrer em todas as outras modalidades –, também se mostra como uma atitude não-racional.

Foi um montanhista quem me alertou mais uma vez para o fato de que é comum ouvir de alguns destes esportistas que desafiam os perigos de morte: “Nunca me sinto tão vivo quanto quando estou numa parede [de escalada]!”. Para muitos, todo desafio da empreitada de escalada pode parecer sem sentido já que existem trilhas de acesso para muitos cumes que estes esportistas se propõem a enfrentar por uma outra via. Ou seja, a própria proposta do esporte de escalada, como desafio de conquista, já se coloca como uma atitude não-racional. E não só por essa negação do próprio fim racional da escalada, como também por causa da emoção do próprio desafio da morte que transcende os limites da esfera lógica.

Porém, na linha do que Norbert Elias propôs sobre o esporte moderno que representa o máximo de emoção com o menor prejuízo físico, o uso de apetrechos de segurança nas atividades excursionistas é bem comum (capacete, por exemplo, é objeto obrigatório comumente para passeios de bicicleta, nas escaladas e em exploração de cavernas) e, na prática de

---

<sup>20</sup> Idem, p.67.



escalada, a atenção dada à segurança é muito observada. É interessante notar o equilíbrio entre o espírito aventureiro – a atitude romântica no desafio da morte – e o comedimento das ações – expressa na precisão e na racionalidade das técnicas e equipamentos de escalada.

Em todas essas atitudes dos excursionistas também podemos perceber uma postura romantizada na vontade de um retorno a um relacionamento “concreto” com a natureza por oposição ao valor instrumentalizado que esta recebe na sociedade capitalista. Os movimentos da escalada em rocha, por exemplo, requerem uma habilidade e intimidade com a parede que, para quem assiste, pode ser comparada com a beleza de movimentos corporais artísticos. Porém, o gosto por colocar a mão em uma laca de pedra não significa que o escalador esteja ali por necessidade daquela pedra ou daquela atividade. Penso que ele estaria carregando naquela mão todo um conjunto de valores da sua sociedade de origem que lhe induz a buscar esse contato com a natureza.

No mesmo sentido de busca de uma relação “concreta” com a natureza, os excursionistas fazem a crítica da mercantilização das atividades que eles praticam. A valorização dessas atividades no mercado se dá, em grande parte, devido ao valor que a natureza tem despertado no mundo secular, mas a experiência com a natureza mediada pelo dinheiro, reificada, é tida como traição para esses grupos que buscam na natureza uma “experiência pura”, de conhecimento cultivado e reflexão subjetiva, e não uma “experiência artificial”, alcançada pelo valor abstrato de troca, da moeda que coisifica o ambiente amado. Aqueles excursionistas que acabam fazendo de suas atividades o meio de subsistência montando suas próprias agências de ecoturismo nem sempre são vistos com bons olhos por seus colegas.

É certo que alguns excursionistas /montanhistas se aproximaram desse tipo de prática de atividades na natureza através de agências turísticas. A própria história do grupo Trekking & Travessias na Internet tem a ver com a reunião de pessoas que casualmente se conheceram em um passeio por Bonito, na Bahia, realizado através de agência. Porém algumas pessoas daquele grupo já haviam tido contato com práticas de escalada, e mesmo a pessoa que veio a ser o moderador da atual lista virtual já havia feito parte do Clube Alpino Paulista (CAP). E, então, ao se identificarem pelo gosto em

comum pelas atividades na natureza, a formação do grupo independente foi espontânea. Hoje, os novos integrantes que tiveram algum passado com agências ecoturísticas, ao descobrirem os grupos independentes, simplesmente abandonaram aquela possibilidade como também rejeitam ou tecem críticas, juntamente com os demais, sobre a exploração comercial das atividades que praticam (costumam grafar a palavra ecoturismo com cifrões – “ecoturi\$\$\$mo” – para expressarem o descontentamento com esse mundo mercantilizado).

Neste aspecto de tendência ao agrupamento dos excursionistas também vejo algum aspecto romântico. Com Löwy e Sayre ainda vemos mais uma perspectiva do que vimos acima com Bauman detectando alguns aspectos da modernidade:

“Com efeito, os românticos sentem dolorosamente a alienação das antigas relações humanas, a destruição das antigas formas ‘orgânicas’, comunitárias da vida social, o isolamento do indivíduo em seu eu egoísta – que constituem uma dimensão importante da civilização capitalista da qual o mais importante espaço é a cidade”.<sup>21</sup>

Mais uma vez vejo o encontro de pessoas de diferentes trajetórias reunidas na cidade, com um sentimentalismo em comum no excursionismo. A “solidão na sociedade”, notada pelos românticos clássicos, parece ser algo marcante na modernidade. E hoje, com os excursionistas se relacionando aqui e acolá em pequenos grupos, vemos alguma busca de se restabelecer comunicação entre seres humanos. E, ainda que não explicitem verbalmente que não gostem de uma afirmação tal, pode-se perceber em certas posturas a “busca nostálgica” de uma “comunidade autêntica”. Não chegam a buscar “vínculos orgânicos” em suas “comunidades” (não existe uma identificação generalizada com a figura de uma “grande família”, por exemplo), porém o cultivo permanente de atitudes polidas, educadas, que procuram a consideração e estima dos companheiros de viagens (as “roubadas”), ou, pelo menos, a identificação pelo cultivo de uma postura adequada (ecologicamente

---

<sup>21</sup> Idem, p.68.

consciente ou, pelo menos, correta) frente ao meio ambiente são itens a serem considerados para se freqüentar esses grupos.

De qualquer forma, nas relações dessas pessoas existe uma busca de qualidade. No CEU, vejo que há uma grande preocupação com relação às pessoas que se achegam ao grupo e suas respectivas posturas; o intuito das reuniões aponta justamente o cuidado de evitar a possibilidade de levarem algum susto com pessoas novas durante seus passeios. Já no grupo do T&T tal preocupação não é tão intensa e, por isto, a crítica que aquele grupo faz a este acontece por pensarem que um relacionamento via Internet se torna menos qualitativo. Contudo, vejo que a freqüência da participação com o grupo (encontros de fins-de-semana, aniversários, comemoração da passagem de um colega de outro estado pela cidade, etc), faz com que o relacionamento destas pessoas se torne tão intenso quanto as reuniões semanais do grupo do CEU.

Löwy e Sayre acreditam que no romantismo existe uma certa valorização do indivíduo separado. Há, de alguma forma, a celebração de um privilégio desse indivíduo que não se inclina a uma coletividade “alienada”, que segue o sistema. Para esses autores, indivíduos com essa atitude de isolamento romântico, de “independência altaneira” e “carência de vínculos humanos” se comunicam melhor com a natureza ou buscam afinidades com comunidades afastadas do meio comum. Diferentemente do indivíduo que se apropria da própria lógica do mundo moderno, o indivíduo romântico procura, em meio à angústia do seu sentimento de perda, “restaurar vínculos felizes que são os únicos a realizar seu ser”.<sup>22</sup>

Segundo os autores, o romantismo é “uma reação contra o modo de vida na sociedade capitalista”, porém ela própria é uma visão “coextensiva” a este sistema. A visão romântica estaria ligada à condição de crise de civilização que o desenvolvimento do capitalismo trouxe consigo; ela é uma crítica da e na modernidade. Em outras palavras, o romantismo pode ser entendido como uma “crítica moderna da modernidade” ou uma “autocrítica da modernidade”.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Idem, pp.46-47.

<sup>23</sup> Idem, pp.34-39.

No século XX, os movimentos artísticos deixaram de ser designados pelo nome do romantismo, contudo, do ponto de vista de Löwy e Sayre, eles continuam trazendo muito profundamente a marca dessa visão. E, por isso, da mesma forma, tem-se visto em alguns movimentos culturais recentes referências à visão romântica do mundo; nisso, são notados pelos autores, em particular, movimentos como as revoltas dos anos 60, a ecologia e o pacifismo.<sup>24</sup>

A crítica crucial colocada pelos autores aqui seguidos incide sobre o fenômeno da “coisificação” ou “reificação” vivenciada na sociedade capitalista, isto é, a “transformação das relações humanas em relações entre coisas, objetos inertes”. Assim a resposta crítica do romantismo frente a esse fenômeno seria apenas uma modalidade de postura em face do mundo moderno. O fenômeno da “coisificação” reflete o sentimento de perda, e é justamente este sentimento a alma da visão romântica, já que é caracterizado pela convicção dolorosa e melancólica de carência de certos valores.<sup>25</sup>

Nos grupos excursionistas aqui estudados, o sentimento de carência de vínculos se expressa tanto na busca de laços de amizade duradouros, tendo em comum os mesmos gostos, como na busca de contato com o meio natural selvagem. Porém, vemos que a nostalgia também está na essência da atitude romântica, e na realidade destes grupos ela incide sobre um tempo indeterminado. Assim, ainda que os excursionistas carreguem seus relógios em suas empreitadas, busca-se nas viagens espaços naturais que estão fora do tempo e do domínio da sociedade capitalista, isto é, viaja-se para o mundo selvagem como que querendo negar-se a alienação que o meio urbano impõe em relação à natureza. A atitude das empreitadas no meio natural e os vínculos de amizade que se formam parecem buscar algum tempo perdido nesse mundo em que o sistema sócio-econômico moderno ainda não tenha se desenvolvido.

Além disso, suas propostas de conservação do meio natural, de parques nacionais, de trilhas, continuamente comparadas a “trabalho de formiguinha” (porém justamente estas pequenas atitudes é que são lembradas e

---

<sup>24</sup> Idem, p.33.

<sup>25</sup> Idem, pp.38;40.

reafirmadas continuamente como necessárias; algo que também promove o *ethos* do grupo), chegam próximo a um ideal utópico. Isto é, existe uma angústia em se preservar o local amado, em se cuidar para que ele permaneça em seu status de santuário ou paraíso intocado ao mesmo tempo em que se deseja que este mesmo ambiente possa ser freqüentado por estes seus amantes, além de outros curiosos e aventureiros. Hoje, o fluxo de pessoas que se tem em trilhas é quase incompatível com a fragilidade desses ambientes naturais e com a dificuldade administrativa e de conservação dessas áreas no país. Surgem, então, discussões acirradas entre os excursionistas a respeito da restrição do número de visitantes em determinadas áreas que costumam ser infindáveis e suscitam decisões polêmicas.

Vejo, portanto, um quadro entre nostalgia e sonho utópico, uma das características da vaga romântica. A aspiração pela organização e cuidado dos locais onde costumam visitar, sem a interferência mercadológica ou restrições burocráticas (agências, guias, taxação e restrição dos lugares visitados sem que haja benefícios de manutenção das trilhas, etc), parece ser sempre um futuro sonhado para estes excursionistas que continuamente se queixam da atenção dispensada às questões ecológicas e das gestões administrativas dessas áreas. Ficam indignados quando são proibidos de entrarem em parques nacionais, ao mesmo tempo em que vêem gado pastando em áreas que necessitam de preservação ambiental. Costumam se entristecer ao comparar o sucesso da exploração do turismo ecológico em outros países com a dificuldade de gestão dos parques brasileiros.

Em toda projeção que os excursionistas fazem sobre o ambiente natural amado, percebo que o que o movimento romântico faz, ao invés de introduzir a poesia romântica na vida, é levar a vida para a realidade romântica, pois a prática das viagens e a troca de mensagens pela Internet sugerem a preferência por esse movimento. Percebo no discurso dos excursionistas que existe uma tendência a se recriar um estado ideal no contato com a natureza.

A fala de Andarilho aponta bem esse aspecto romantizado da vida excursionista na busca da integração com a natureza:

“Queridos amigos. Quanta saudade.

Tive a grata surpresa de receber essa foto panorâmica do Monte Fitz Roy feita pela Cleusa, uma das participantes da Expedição Patagônia 2006. Percebam que estou bem no cantinho direito da imagem.

Essa imagem teve o dom de reavivar em minha mente a construtiva experiência de vida que tive a oportunidade de passar em janeiro último.

Conhecer a Patagônia foi uma dádiva, um privilégio, uma demonstração de que ainda existem lugares neste planeta que nos lembram que somos ínfimos quando comparados a eles e que não temos o direito de destruí-los.

Quando aqui estive, sussurrei uma música composta pelo Gilberto Gil e brilhantemente interpretada pela Zizi Possi, intitulada "A paz". Essa música começa assim: " A paz...Invadiu o meu coração... De repente me encheu de paz.....". Meus amigos, não tem como não sentir paz e desacelerar em um lugar como este. Tal sensação apenas havia sentido em outra oportunidade: quando cruzei o Vale do Paty, na Chapada Diamantina.

Em breve remeterei para vocês o relato da viagem. Fraternal abraço e bom fim de semana." (LHMoreira /Andarilho)

Outro detalhe da tendência romântica na prática do excursionismo é o forte fator emocional das empreitadas e depois a liberdade de imaginação ao se escrever os relatos das viagens. Neles, o que costuma chamar a atenção são os adjetivos dados às paisagens e a ênfase dada ao gosto da atividade realizada ou pelos próprios acontecimentos banais da situação. Nota-se a emoção com ares de conquista expressa através de palavras que acabam impressionando quem lê ao ponto de alguns excursionistas receberem destaque entre eles próprios pela forma com que escrevem o texto. Muitas vezes, as palavras destes relatos parecem nos levar justamente para o mundo imaginário da pessoa que escreveu. É provável que cada excursionista possua peculiaridades de seu próprio mundo imaginário, porém a divulgação do relato minucioso e romanceado (além das trocas de informações básicas sobre a navegação de determinada trilha) é apenas uma forma de se trocar afinidades sobre a emoção em comum.

Löwy e Sayre diferenciam o individualismo do liberalismo moderno, aquele "individualismo numérico", do individualismo dos românticos. Diferente do primeiro, este último tem como valor a unidade ou a totalidade:

“(...) por um lado, com o universo inteiro, ou Natureza; por outro, com o universo humano, a coletividade humana. Se o primeiro valor do romantismo constitui sua dimensão individual ou individualista, o segundo revela uma dimensão transindividual. E se o primeiro é moderno, embora pensando-se como nostalgia, o segundo é um verdadeiro retorno.”<sup>26</sup>

É interessante perceber que a postura de utilização consciente dos recursos naturais, do comportamento ecologicamente correto durante as viagens, da divulgação das regras de mínimo impacto em ambientes naturais, apontam para a preocupação ecológica de preservação da vida no planeta. Porém, além disso, achei interessante notar também na troca de mensagens da lista virtual do CEU, parabenizações personalizadas à época do nascimento de alguns bebês, filhos de membros do clube. Tais felicitações solicitavam aos bebês a continuação da mesma postura dos excursionistas preocupados com o futuro ecológico do planeta. Eis alguns exemplos:

“Parabéns!!! Papais...

Laura, seja bem vinda! Que o Espírito da Natureza também toque o seu coração! Que lhe traga sabedoria, alegria e preencha a sua vida com sua infinita Magia... Muito sol, lua vento, nuvens, estrelas, cometas, flores, montanhas, rios... lagos, pássaros... Beijos.” (Licia)<sup>27</sup>

“Parabéns atrasado aos pais. Seja bem vinda a este mundo poluído, Gabriela. Contamos com você para que mude tudo isto!!! Abraços.” (Marcio)<sup>28</sup>

Para Löwy e Sayre, “a exigência de comunidade é tão essencial para a definição da visão romântica, quanto seu aspecto subjetivo e individual”. Para estes autores, o núcleo do valor do romantismo é a união dos homens e a união com o universo natural. Observam ainda que esse valor se coloca em “oposição ao *status quo* instaurado pelo capitalismo”, já que a aspiração romântica de se viver de forma harmoniosa com a natureza está em contradição com o princípio capitalista de exploração deste ambiente natural.<sup>29</sup>

Outra característica interessante de se perceber entre os grupos aqui estudados é a questão da postura esportiva versus a postura competitiva. É

<sup>26</sup> Idem, p.46.

<sup>27</sup> <http://br.groups.yahoo.com/group/ceu/> (30/jan/2005)

<sup>28</sup> <http://br.groups.yahoo.com/group/ceu/> (21/fev/2005)

<sup>29</sup> LÖWY M. & SAYRE, R. op. cit., 1995, pp.46-47.

notório que uma postura competitiva geralmente não é bem aceita; isto porque, nos grupos observados, uma postura utilitarista do meio ambiente não é bem vista. Ora, uma postura esportiva mais competitiva como a prática da escalada esportiva<sup>30</sup> e das organizações de corridas de aventura acabam por justamente representar tal postura frente ao ambiente freqüentado (além do próprio fato de as corridas causarem danos de forma mais acentuada nos locais onde são realizadas). Na visão romântica, o gosto pelo ambiente natural impede que este seja “coisificado”. Para os excursionistas, os locais visitados não são apenas palco de suas “peripécias” aventureiras ou de suas experiências, experimentos e desafios pessoais, a natureza aqui é buscada e contemplada, no sentido de se almejar integração.

Contudo, estes grupos excursionistas não são do tipo romântico que recusa por completo o sistema capitalista. Sendo a maioria de formação na área das ciências exatas, também não negam toda a força do espírito iluminista contido no presente moderno. Pelo contrário, são pessoas que estão inseridas na realidade deste sistema (não obstante, apesar de muitas vezes dispensarem, também não negam o conforto da tecnologia dos equipamentos), porém têm em comum uma sensibilidade para a nostalgia do amor pela natureza.

Muitas vezes se sentem indignados e costumam batalhar por causas ecológicas ou remanejamento e conservação de parques e dos locais visitados, pelos seus “direitos de ir-e-vir”, mas pelo lado estético, existe um estado de tonalidade “sublime”, que dispensa explicações, onde se procura restituir a integração com a natureza. Mesmo sendo as viagens e empreitadas algo fora da realidade banal ou habitual, perguntas que procuram um sentido nessas atividades realizadas costumam não obter respostas objetivas. No geral elas são do tipo que reafirmam o gosto pela empreitada, pela aventura, por si só e nada mais. Uma resposta de um escalador famoso é sempre lembrada pelos excursionistas. Ao perguntarem a este sujeito porque escalava montanhas, suas resposta foi breve: “Escalo as montanhas porque elas estão lá”.

---

<sup>30</sup> Vide nota no.24 no capítulo 2.



Keith Thomas havia apontado que na prática da jardinagem do século XVIII incidia um conformismo social,<sup>31</sup> porém vejo que o segmento excursionista se insere em uma lógica um tanto além de um conformismo. É certo que não são revolucionários, mas pela sua característica romântica se sentem angustiados com certas conseqüências modernas.

Dentro das categorias românticas colocadas por Löwy e Sayre, poderíamos dizer que os excursionistas são do tipo que se pretende “restitucionistas”, isto é, em suas buscas infundáveis de contato genuíno com a natureza, ainda que não declarem verbalmente, suas atitudes demonstram uma angústia por se retomar uma afinidade com a natureza que a civilização fez com que a humanidade perdesse. Porém, na realidade, são pessoas que, de certa forma, instauram uma “reforma”<sup>32</sup> na postura humana frente ao ambiente natural e seus recursos, já que não conseguem reconstituir a harmonia com a natureza que se tinha num período pré-capitalista.

Nesse tipo de romantismo, os autores dizem que “encontramos quase sempre um contraste impressionante entre o radicalismo da crítica e a timidez das soluções propostas”.<sup>33</sup> Há um desejo de divulgar os novos valores da modernidade, a partir da postura ecologicamente correta, porém essa atitude é tímida frente às necessidades urgentes dos recursos naturais do planeta.

### ***Considerações finais***

O que vejo em todo este quadro é a situação de pessoas completamente engajadas no rolo compressor da modernidade (afinal fazem parte de um corpo que sempre esteve envolvido com sua (re)produção: cientistas, empresários, técnicos, etc.), mas que procuram uma solução dentro desse sistema. Não vejo nas viagens dos excursionistas um simples “escapismo” da realidade ou da prisão urbana; talvez, em certa medida, individualmente isso possa até ocorrer, porém como um grupo inserido na sociedade em meio a tantas outras “tribos”,

---

<sup>31</sup> THOMAS, K. op. cit., 2001, p.279.

<sup>32</sup> LÖWY M. & SAYRE, R. op. cit., 1995, p.324.

<sup>33</sup> Idem, p.110.

como diria Michel Maffesoli,<sup>34</sup> os excursionistas fazem parte de segmentos médios da sociedade burguesa que praticam nas viagens a cultivo permanente de valores cuja legitimação na sociedade proporciona sentido de vida para os indivíduos.

Nisso tudo, vemos que, mais do que nunca, a atenção dispensada hoje para a natureza possui um tal valor a ponto de entrar para as estratégias de distinção do jogo de luta simbólica da sociedade burguesa. A própria ecologia, essa corrente romântica reformadora, ganhou destaque na sociedade capitalista porque, embora poucas medidas concretas sejam tomadas no sentido de se proteger o meio ambiente, hoje “deixou de ser possível que os poderes estabelecidos ignorem essas advertências”.<sup>35</sup> Os excursionistas buscam, de alguma forma, se inserir neste espírito sensível ecológico pelo fato da própria ecologia hoje ter o papel de arauto, advertindo sobre o rumo tomado pela modernidade. Mas, na verdade, a idéia atual de ecologia não seria possível sem o longo processo histórico que relatamos neste trabalho.

Nota-se que estes excursionistas perceberam que o lugar comum da sociedade industrial – com tudo o que há de negativo: desgaste das relações humanas, produtivismo, mecanicismo, racionalismo exacerbado – não é mais o ponto fecundo para um futuro possível. Portanto, este segmento da sociedade se coloca frente ao progresso moderno, embora ele mesmo não tenha alguma resposta alternativa pronta para a urgência do momento. Os excursionistas possuem apenas uma filosofia de vida que busca na consciência de um mundo habitável futuro uma pequena arma contra a degradação da vida que o progresso industrial provoca. E desta consciência – ou estilo – constróem um valor – pelo qual se distinguem – ao divulgarem o espírito sensível, civilizado, para a conservação da vida no planeta.

Por todo estudo descrito até aqui poderíamos argumentar com Bourdieu que os agentes sociais manipulam seus poderes nos níveis econômico, político e simbólico. Ressaltaríamos este último aspecto por se mover numa “economia cultural”. No universo da cultura, o *ethos* excursionista/ montanhista requer uma determinada competência para o desenvolvimento do gosto pelas

---

<sup>34</sup> MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, 1998.

<sup>35</sup> LÖWY M. & SAYRE, R. op. cit., 1995, p.322.

atividades desse segmento. O segmento excursionista expressa muito bem os gostos que dão prioridade à “cultura” em detrimento do gosto construído pelos “desejos naturais”. Sobre isto, John Urry cita Bourdieu:

“A natureza contra a qual a cultura é, neste caso, construída, não passa daquilo que é ‘popular’, ‘baixo’, ‘vulgar’, ‘comum’... uma ‘promoção social’, vivenciada como promoção ontológica, um processo de ‘civilização’... um salto da natureza para a cultura, do animal para o humano”.<sup>36</sup>

Ao discutir o *habitus* das classes que dão maior “ênfase cultural sobre certos aspectos do natural”, Urry novamente lembra a teoria de Bourdieu que aponta que “os intelectuais subvertem a ordem burguesa através de uma luxúria minimalista, do funcionalismo e de uma estética ascética”. E, para Urry, este padrão se refletiria em uma série de símbolos e práticas culturais contemporâneas tais como preferência por comida natural, pão integral, vegetarianismo, ciência e medicina tradicionais, não ocidentais, parto natural, natação, ciclismo, corrida lenta (*jogging*), montanhismo, andar a esmo ao invés de um lazer de ordem massificada, entre outras práticas. Para ele, seria esse tipo de diversificação de preferências – que se resumem em dar um tom diferenciado à ordem massificada – que estariam influenciando a diversificação ou segmentação das práticas e destinos turísticos na pós-modernidade.<sup>37</sup>

Assim, além de enxergar o apego à ecologia como uma questão da diversificação dos gostos na pós-modernidade, em decorrência da tendência atual do desejo comum das pessoas se isolarem dos padrões relativos ao turismo de massa,<sup>38</sup> vejo que tal apego reflete uma preocupação mais ampla da sociedade como tal. A divulgação das regras de mínimo impacto em ambientes naturais no site “Pega Level!” elaborado pelo grupo do CEU, é um bom exemplo de como os grupos excursionistas têm traduzido para outros aventureiros essa questão tão “elevada” da sociedade atual.

Vejo, portanto, que os excursionistas se colocam, em algum ponto de tensão da estrutura da sociedade burguesa refletindo, de alguma forma, sua conjuntura, suas contradições e problematizações atuais. O posicionamento

<sup>36</sup> URRY, J. op. cit., 2001, p.131.

<sup>37</sup> Idem, p.132.

<sup>38</sup> Idem, p.93.

dos grupos estudados traduzem a inquietação de se pensar novamente homem e natureza encerrados em um só mundo, porém agora sob a perspectiva da sociedade moderna.

Com Maria Celeste Mira, em *O leitor e a banca de revistas*, vemos que o mercado explora as tendências culturais vigentes e que, atualmente, este mercado segue o rumo da segmentação, dada a pluralização de tais tendências.<sup>39</sup> Desta forma, percebemos que existe um jogo de forças sociais em contínua mudança que são as responsáveis pelas modificações que ocorrem no consumismo moderno.

Vejo, assim, os grupos excursionistas como parte dos bastidores, isto é, vejo-os inseridos nesse jogo de forças sociais que acabam por reger as tendências e preferências vigentes na sociedade. Ao se engajarem na linha da consciência ecológica e se aterem ao sentimentalismo romântico do gosto pela natureza, eles se amarram à preocupação do chamado mundo pós-moderno. Estes grupos adotaram um estilo de vida que se insere numa das mais altas estimas do quadro de valores da atualidade, mesmo porque o próprio segmento da sociedade que detém o poder econômico, como os setores industriais, já se posicionam em favor da valorização da natureza. Com a percepção de que toda ideologia do progresso na modernidade tem levado o globo a uma situação de auto-destruição, há uma valorização do posicionamento alternativo a este caos.

### ***Pós-escrito***

Com os escritos de Edgard Morin, em *O enigma do homem e O homem e a morte*, percebemos que, por oposição à morte, inventamos significados de vida; seja no campo das artes, das religiões ou das ciências.<sup>40</sup> Vejo que, através do lazer assim enquadrado pelo estilo aqui descrito, os excursionistas têm buscado ressignificar a vida através de um novo comportamento humano perante a natureza em relação àquele praticado no início da era moderna. A

---

<sup>39</sup> MIRA, M. C. op. cit., 2001. p.11;215.

<sup>40</sup> MORIN, E. *O Enigma do Homem*, 1979. & *O Homem e a Morte*, 1997.

meu ver, a prática do excursionismo independente atual pode ser entendida praticamente por este fato, pois apesar de ainda carregar a antiga essência esportista desafiadora e até moralista (contém aspectos educativos e também de saúde do indivíduo), hoje, de forma intensificada, a contemplação romântica e aurática da natureza, como diria Urry, tem sido a principal ênfase deste estilo de vida.

A condenação da natureza pela sua fragilidade perante a atual conjuntura do caminhar da sociedade moderna é um fato. Porém, o jogo de valor que se faz com a natureza talvez seja intrínseco à história da humanidade, pois, como Simon Schama nos diz em *Paisagem e memória*:

“A evolução desde a adoração da árvore pelos nórdicos (...) pode parecer esotérica. Na realidade, vem ao encontro de um de nossos maiores anseios: o de achar na natureza, um consolo para nossa mortalidade”.<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> SCHAMA, S. *Paisagem e Memória*, 1996, p.25.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Paula. "Turismo internacional de jovens". in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, no. 43, Coimbra, out/1995.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Globalização. As conseqüências humanas*. ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *O amor pela arte. Os museus de arte na Europa e seu público*. ed. Edusp/Zouk, 2003.
- \_\_\_\_\_. *La distinción. Criterios y bases sociales del gusto*. ed. Taurus, Madrid, 1988.
- \_\_\_\_\_. "Gostos de classe e estilos de vida" in ORTIZ, Renato. (org.) *Pierre Bourdieu. Sociologia*. ed. Ática, São Paulo, 1983.
- CARDOSO, Athos Eichler. *O que é aventura*. ed. Brasiliense, São Paulo, 1987.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. ed. Vozes, Petrópolis, 1994.
- CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres. O advento do lazer*. ed. Teorema, Lisboa, 2001.
- COSTA, Vera Lucia de Menezes. *Esportes de aventura e riscos na montanha*. ed. Manole, São Paulo, 2004.
- CRESPO, Jorge. *A história do corpo*. ed. Difel, Lisboa, 1990.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. *O mito moderno da natureza intocada*. ed. HUCITEC /NUPAUB – USP, São Paulo, 2004.
- ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. (orgs.) *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Fondo de Cultura Económica, México, 1996.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Uma história dos costumes*. vol. I, ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. ed. Studio Nobel, São Paulo, 1995.
- FORTUNA, C. "Sociologia e práticas de lazer" in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 43. Coimbra, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. ed. Vozes, Petrópolis, 1977.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. ed. DP & A, Rio de Janeiro, 2004.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. ed. Loyola, São Paulo, 1992.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos. O breve século XX: 1914-1991*. ed. Cia. das Letras, São Paulo, 1998.
- KRAKAUER, Jon. *Sobre homens e montanhas*. ed. Companhia das Letras, São Paulo, 1999.
- LAVENIR, Catherine Bertho. *La roue et le stylo: comment nous sommes devenus tourists*. Éditions Odile Jacob, Paris, 1999.

- LÖWY M. & SAYRE, R. *Revolta e melancolia. O romantismo na contramão da modernidade.* ed. Vozes, Petrópolis-RJ, 1995.
- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo. Vagabundagens pós-modernas.* ed. Record, Rio de Janeiro, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.* ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1998.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *O manifesto comunista.* ed. Paz e Terra, São Paulo, 1998.
- MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revista. A segmentação da cultura no século XX.* ed. Olho D'Água/FAPESP, São Paulo, 2003.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX.* ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O enigma do homem: Para uma nova antropologia.* ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1979.
- \_\_\_\_\_. *O homem e a morte.* ed. Imago, Rio de Janeiro, 1997.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história. A problemática dos lugares.* Projeto História 10, EDUC, São Paulo, 1993.
- PAIVA, Maria das Graças de Menezes V. *Sociologia do turismo.* ed. Papyrus, Campinas, 1995.
- PASSERINI, Luisa. "A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens. A Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950". in *A História dos Jovens.* ed. Cia das Letras, 1997.
- PORTER, Roy. "Os ingleses e o lazer" in CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres. O advento do lazer.* ed. Teorema, Lisboa, 2001.
- RAUCH, André. "As férias e a natureza revisitada (1830-1839)" in CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres. O advento do lazer,* ed. Teorema, Lisboa, 2001.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. & BARROS, Flávia Lessa de. "A Corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo" in *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente,* ed. Papyrus, Campinas, 1997.
- SANTANA, Paola Verri. *Ecoturismo: uma indústria sem chaminé.* Dissertação Mestrado, FFLCH – USP, São Paulo, 1998.
- SANTOS, M. H. & LUCAS, M. R. (orgs.) *Antropologia. Paisagens, sábios e selvagens.* ed. Porto, Portugal, 1982.
- SCHREIBER, Yara. *Domingo no parque. Um estudo da relação homem-natureza na metrópole paulistana.* Dissertação Mestrado, FLCH – USP, São Paulo, 1997.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orpheu exáltico na metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.* ed. Cia das Letras, São Paulo, 1992.
- SHAMA, Simom. *Paisagem e memória.* ed. Cia. das Letras, São Paulo, 2001.
- SOPER, Kate. *What is nature? Culture, politics and the non-human.* ed. Blackwell, Oxford /Cambridge, 1995.

- THIESSE, Anne-Marie. "Organização dos lazeres dos trabalhadores e tempos roubados (1880-1930)" in CORBIN, Alain (org.). *História dos tempos livres. O advento do lazer*, ed. Teorema, Lisboa, 2001.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. ed. Cia. das Letras, São Paulo, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum. Ensaio de antropologia geral*. ed. Papirus, Campinas, 1996.
- UNGER, Nancy Mangabeira. (org.) *Fundamentos filosóficos do pensamento ecológico*. ed. Loyola, São Paulo, 1992.
- URRY, John. *O olhar do turista. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. ed. Estúdio Nobel /SESC, 3ª ed., São Paulo, 2001.
- VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo. A higiene do corpo desde a Idade Média*. ed. Fragmentos, Lisboa, s/d.

### **JORNAIS, REVISTAS, PERIÓDICOS**

- *Almanaque Brasil Socioambiental* – Instituto Socioambiental – 2005.
- artigo "Degelo destrói culturas nativas do Ártico" – 'Folha de S.Paulo', p.A10 – 22/out, 2005.
- artigo "Quanto vale o show?" – 'Folha de S. Paulo', 'Mais!'-p.05 – 05/fev, 2006.
- artigo "Viagens de aventura crescem 20%" - 'O Estado de S.Paulo', p.B5 – 10/out, 2004.
- revista 'AventuraJá – Dicas, Roteiros e Lugares onde poucos chegam' – n.8, ed. Meg&Mar, 2005.
- revista 'Backpacker – The Magazine Of Wilderness Travel' – E.U.A., December /2002.
- revista 'Ecoturismo Terra' – Edição Especial, ed. Abril, São Paulo, 1997.
- revista 'Headwall – Escalada & Aventura' – ns.01-11, ed. Alta Montanha, São Paulo, 2002-2205.

### **SITES DA INTERNET**

- <http://www.anaturezaacalma.com.br> (09/agosto/2005)
- <http://www.ceubrasil.org.br> (agosto/2004 a novembro/2005)
- <http://www.pegaleve.org.br> (agosto/2004 a novembro/2005)
- <http://www.mochilabrasil.com.br> (novembro/2002 a agosto/2004)
- <http://www.femesp.org/> (agosto/2004 a novembro/2005)
- <http://www.serrafina.org/> (março/2005 a novembro/2005)

### **FÓRUNS NA INTERNET**

- <http://br.groups.yahoo.com/group/ceu/> (novembro/2004 a novembro/2005)
- [http://www.grupos.com.br/grupos/trekking\\_e\\_travessias](http://www.grupos.com.br/grupos/trekking_e_travessias) (nov/2004 a nov/2005)
- <http://www.grupos.com.br/grupos/trekking.sp> (março/2005 a junho/2005)
- <http://br.groups.yahoo.com/group/trekking.sp/> (junho/2005 a novembro/2005)
- <http://br.groups.yahoo.com/group/serrafina/> (março/2005 a novembro/2005)



**Anexo**

[www.pegaleve.org.br](http://www.pegaleve.org.br)

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)